

O Movimento #MeToo como estratégia de comunicação global de mulheres vítimas de assédio sexual

Brenda Luppi

Comunicação Estratégica: Publicidade e Relações Públicas
(2º ciclo de estudos)

Orientadora: Professora Doutora Sónia de Sá

Julho de 2021

Agradecimentos

Em busca de realizarmos os meus objetivos, embarquei em uma nova aventura ao atravessar o oceano e começar uma nova vida em Portugal. Não poderia iniciar minhas dedicatórias sem antes agradecer à pessoa que sempre me apoiou em todas as minhas decisões. Mãe, obrigada por sempre me incentivar a seguir meus sonhos mesmo que eles me levem para longe de você.

O início de uma nova jornada sozinha não é fácil e por isso sou totalmente grata às pessoas que encontrei e se tornaram minha família em terras lusitanas. Aline, Valsui, Naiara, Letícia, Lorena, Ana, Manu, Pietra, Edna e todas as pessoas que fizeram cada dia um pouco mais especial, muito obrigada por tudo. Em especial, gostaria de agradecer a Micaela, sem a sua ajuda talvez eu teria ido à loucura mais cedo. Obrigada por caminhar ao meu lado, seja em trabalhos, dissertação, um conselho, aqueles copos que bebemos e em participar de qualquer loucura que eu tenha te convidado. Sem você, o mestrado seria um pouco mais difícil.

Obrigada a todos os amigos que mesmo de longe me ajudaram ou tiraram alguns minutos (ou dias) para ouvirem um pouco dos meus delírios da dissertação. Em específico a você, Nayara, que desde o dia que soube que eu iria atrás do meu mestrado, sempre me incentivou e abraçou meu tema com tanto amor quanto eu.

À minha querida orientadora Sónia, obrigada por ser a minha direção. Quando eu achei que não teria um tema que se encaixasse tão bem comigo, você apareceu no caminho e me mostrou que aquilo em que eu acredito lutar é também um espaço importante de estudo.

Por fim, obrigada a Portugal por ter sido meu segundo país, obrigada à Covilhã por se tornar minha casa.

Resumo

A internet se tornou essencial em toda a convivência da sociedade e as redes sociais digitais determinaram uma nova forma de comunicação, muito relevantes no cotidiano de grande parte da população mundial. Com esse entendimento, os movimentos sociais encontraram uma forma de ganhar voz e espaço através, essencialmente, das redes sociais. O fato de a informação digital ter, hoje, um alcance quase sem barreiras, faz com que o ativismo em geral consiga alcançar novas redes e aumentar os seus membros e grupos. Para o movimento feminista não foi diferente: as mulheres se uniram para dar voz à sua causa através das redes sociais, pleiteando o direito sobre seus corpos e o fim da cultura do assédio sexual, além de outras pautas.

Este trabalho pretendeu compreender como as mulheres encontraram nas redes sociais um veículo de comunicação estratégica global para denunciar casos de assédios sexuais através do Movimento #MeToo. A metodologia é focada na análise de conteúdo (Bardin, 2006). A coleta de dados foi realizada através da aplicação *LTweet* e para a interpretação do corpus textual utilizamos o *software Iramuteq*. O conteúdo estudado abrangeu diversos idiomas, contudo, destacamos três (português, inglês e espanhol) para uma análise mais detalhada. Os resultados fortalecem a tese segundo a qual o ciberfeminismo – movido por *hashtags* e com pendor feminista – vem ganhando força através das redes sociais, que se tornaram locais para uso de lugar de fala mundial de mulheres, especialmente, e no que respeita a este estudo, vítimas de assédio sexual.

Palavras-chave

Ciberfeminismo; Movimento #MeToo; assédio sexual; feminismo;

Abstract

The internet has become essential in all of society's coexistence and digital social media has determined a new way of communication really relevant in the daily lives of a large part of the world population. With this understanding, social movements found a way to gain voice and space, especially, through social media. The fact that digital information is, today, accessible almost without barriers, it makes activism in general able to reach new networks and increase its members and groups.

For the feminist movement it was not different: women came together to voice their cause using social media, claiming the right to their bodies and the end of the sexual harassment culture, in addition to other agendas.

This essay aimed to understand how women found in social media a global strategic communication vehicle to report cases of sexual harassment through the #MeToo Movement.

The methodology is focused on content analysis (Bardin, 2006). Data collection was performed using the LTweet application, and for the interpretation of the textual corpus the Iramuteq software was used.

The studied content covered several languages, nevertheless, we highlighted three (portuguese, english and spanish) for a more detailed analysis. The results strengthened the thesis according to which the cyberfeminism – driven by hashtags and with a feminist bent – it has been gaining strength through social media, which have become a place to worldwide feminist standpoint, especially, and for this study, victims of sexual harassment.

Keywords

Cyberfeminism; #MeToo Movement; sexual harassment; feminism.

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I.....	4
A história do feminismo e igualdade de gênero.....	4
1.1 As três ondas do feminismo.....	6
1.1.1. Especificidades do feminismo em África e no Oriente médio.....	8
1.2. Violência contra as mulheres.....	13
1.2.1. A mulher e a Covid-19.....	15
1.2.2. O lugar de fala.....	16
Capítulo II.....	20
Ciberfeminismo e as redes sociais.....	20
2.1. Ativismo em Rede.....	22
2.2. Ciberfeminismo.....	24
2.3. Anti-ciberfeminismo.....	31
Capítulo III.....	36
Movimento #MeToo e outras <i>hashtags</i>	36
3.1. #MeToo e outras <i>hashtags</i>	38
3.2. O diálogo e o #MeToo.....	47
Capítulo IV.....	51
Estudo Empírico.....	51
4.1. Metodologia.....	53
4.1.1. Objetivos.....	53
4.1.2. Técnica aplicada.....	53
4.1.3. Plataforma: Twitter.....	55
4.1.4. Amostragem.....	56
4.2. Resultados.....	57
4.2.1. Análise em inglês.....	58
4.2.2. Análise em espanhol.....	68
4.2.3. Análise em português.....	78
4.3. Análise sobre o discurso de ódio.....	84
4.4. Análise dos relatos.....	87
4.5. Análise dos <i>tweets</i> em outros idiomas.....	89
4.6. Discussões de resultados.....	96
5. Conclusões.....	100

6. Referências	103
-----------------------------	-----

Lista de figuras

- Figura 1 – *Resultado Método de Reinert em Inglês*
- Figura 2 - *Tweet sobre o ator Noel Clarke e o Movimento #MeToo*
- Figura 3 – *Tweet sobre possível segunda onda do #MeToo*
- Figura 4 - *Tweet sobre a premiação do Oscar de 2021*
- Figura 5 – *Tweet sobre o Denim Day*
- Figura 6 – *Tweet sobre a união das mulheres para o Movimento #MeToo*
- Figura 7 – *Tweet sobre denúncias de assédio sexual no Exército canadense*
- Figura 8 – *Resultado nuvem de palavras em inglês*
- Figura 9 - *Tweet sobre toda mulher ter sido vítima de assédio sexual*
- Figura 10 – *Tweet sobre as vítimas de agressão sexual conhecerem seu agressor*
- Figura 11 – *Tweet que contém as palavras assédio e sexual*
- Figura 12 – *Resultado Método de Reinert em espanhol*
- Figura 13 – *Tweet sobre o #MeToo venezuelano*
- Figura 14 - *Tweet sobre a força do #MeToo*
- Figura 15 – *Tweet sobre romper o silêncio*
- Figura 16 – *Tweet sobre mulheres se unirem*
- Figura 17 – *Tweet sobre o agressor Willy McKey*
- Figura 18 – *Tweet sobre o Movimento #MeToo na Venezuela*
- Figura 19 – *Resultado nuvem de palavras em espanhol*
- Figura 20 – *Tweet sobre o #MeToo e as histórias de abuso sexual*
- Figura 21 – *Tweet sobre a gravidade dos abusos sexuais*
- Figura 22 – *Tweet sobre sobre reconhecimento das atitudes*
- Figura 23 – *Tweet sobre reconhecer as agressões sexuais*
- Figura 24 – *Tweet sobre enfrentar a normalização dos abusos*
- Figura 25 – *Tweet sobre a normalização do abuso sexual*
- Figura 26 – *Tweet em apoio as vítimas de assédio sexual*
- Figura 27 – *Resultado Método de Reinert em Português*
- Figura 28 – *Tweet sobre a coragem das vítimas em falar sobre o assédio sexual*
- Figura 29 – *Tweet sobre o #MeToo português*
- Figura 30– *Tweet sobre as mulheres que encontraram força para expor os casos de assédio sexual*
- Figura 31 – *Resultado nuvem de palavras em português*
- Figura 32 – *Quem tem medo do #MeToo português?*
- Figura 33 – *Tweet sobre a importância de partilhar os relatos de assédio sexual*
- Figura 34 – *Tweet sobre a importância de falar sobre assédio sexual*

- Figura 35 – *Tweet sobre a quebra do silêncio*
- Figura 36 – *Tweet sobre a importância do #MeToo*
- Figura 37 – *Tweet sobre o #MeToo e o homem que não se enquadra em um padrão*
- Figura 38 – *Tweet sobre como o #MeToo afeta a vida dos homens*
- Figura 39 – *Tweet sobre a não contratar pessoas que participam de algum tipo de movimento social*
- Figura 40 – *Tweet sobre o #MeToo e a restrição ao direito de expressão*
- Figura 41 – *Tweet sobre a compreensão de ter sido agredida sexualmente*
- Figura 42 – *Tweet sobre não se sentir sozinha em meio a tantos relatos de assédio sexual*
- Figura 43 – *Tweet sobre encontrar forças para relatar sua história*
- Figura 44 – *Tweet sobre a não credibilidade na vítima*
- Figura 45 – *Tweet sobre o #MeToo e o diretor Kim Ki-Duk*
- Figura 46 – *Tweet sobre o sexismo*
- Figura 47 – *Tweet em apoio as vítimas de assédio sexual*
- Figura 48 – *Tweet sobre como os acusados de assédio seguem em liberdade*
- Figura 49 – *Tweet relatando sobre um assédio*
- Figura 50 – *Tweet sobre a união das mulheres em não se calarem*
- Figura 51 – *Tweet sobre as mulheres exigirem mudanças*
- Figura 52 – *Tweet sobre justiça*
- Figura 53 – *Tweet em agradecimento ao apoio que a vítima recebeu*
- Figura 54 – *Tweet em apoio as vítimas de agressões sexuais*
- Figura 55 – *Tweet sobre a dificuldade de ser vítima de assédio sexual*

Lista de Tabelas

Tabela 1 – *Amostragem de idiomas*

Lista de acrônimos

UN – United Nations

WHO – World Health Organization

Você tem que agir como se fosse possível transformar radicalmente o mundo.

E você tem que fazer isso o tempo todo.

(Angela Davis)

Introdução

As mulheres encontraram nas redes sociais digitais uma forma de expor os assédios sexuais que vêm sofrendo. A sensação de segurança que a internet produz junto com o efeito positivo feminista que as vítimas vivenciam nas comunidades das redes sociais podem explicar como *hashtags*, como a #MeToo, acabam sendo usadas por um extenso período de tempo (Li *et al.*, 2020) com repercussões mundiais. Diferente de outras *hashtags* utilizadas pelos movimentos feministas, a *hashtag* (#) do movimento #MeToo funciona a partir da vontade própria dos usuários, onde cada vez que uma mulher que divulga essa *hashtag* carrega com ela uma experiência dolorosa que vivenciou (Lang, 2019). É desta forma que tantas mulheres ao redor do mundo tornam públicos (denunciam) os assédios do cotidiano e se unem para expor realidades várias. O movimento #MeToo inspirou vítimas de assédios a contarem suas histórias pela primeira vez, encontrando, através deste, uma solidariedade para compartilhar suas experiências e, em alguns casos, apoio para o avanço judicial (Murphy, 2019).

O enquadramento teórico é a primeira parte do nosso trabalho que possibilitou fundamentar os conceitos que usamos de base para a discussão desse estudo. No primeiro capítulo abordamos *A história do feminismo e igualdade de gênero* (Bourdieu, 2012; Pinto, 2010; Vicente, 2019) em diversas partes do mundo: como eclodiram as ondas feministas e o impacto que tiveram para a sociedade e as conquistas que as mulheres tiveram ao longo do último século.

Uma grande parte da história do feminismo é voltada para o Ocidente, onde a realidade de muitas mulheres não se encaixa com as do restante do mundo. A terceira onda do feminismo trata sobre essa diferença, destacando a importância de reconhecer que existem mulheres em todas as culturas que precisam do feminismo de alguma forma, e que não deve haver discriminação racial, cultural, linguística e de classe nessa luta. Assim, também apresentamos a realidade do feminismo em África (Ampofo *et al.*, 2015; Bawa, 2018; Fite *et al.*, 2020; Ribeiro, 2018) e no Oriente (Jeenah, 2006; Zia, 2009; Zubair & Zubair, 2017) com abordagens distintas das dos movimentos feministas no Ocidente. Ainda neste capítulo sublinhamos que nem todas as mulheres sejam feministas, todas precisam do feminismo, como indica a terceira onda. É por isso que apresentamos, também, os diversos contextos de violência contra a mulher, mundialmente, (WHO, 2020) e como a pandemia Covid-19 afetou o crescente número de mulheres que sofreram alguma forma de violência no último ano e meio.

No segundo capítulo, refletimos sobre o *Ciberfeminismo e as redes sociais* (Levy, 1999; Castells, 2002; Boyd, 2010; Munro, 2013; Mendes, Ringrose & Keller, 2018). Esta parte do trabalho está dividida em três itens para conseguirmos abranger a importância das redes sociais. Em um primeiro momento abordamos o ativismo em rede e como as pessoas levaram as manifestações das ruas para o mundo online. Começamos por contextualizar a não existência de barreiras de geolocalização na internet e a sua facilitação para divulgar informações e opiniões, o que leva as pessoas a serem mais ativas e a exprimir os seus comentários com mais facilidade. Informações que conseguem alcançar um grande número de usuárias(os) em um curto espaço de tempo, criando oportunidades aos movimentos sociais para ampliarem suas lutas. Desta forma, os grupos feministas uniram suas forças nas redes sociais, balanceando sua luta entre as ruas e a internet (ciberfeminismo).

Para finalizar o enquadramento teórico, o terceiro capítulo discorre sobre o *Movimento #MeToo e outras hashtags* (Baer, 2016; Heger & Hoffman, 2019; Lang, 2019; Zhou & Qiu, 2020) e como ele conseguiu atravessar barreiras culturais, linguísticas e chegar a, pelo menos, 85 países. Aqui, contamos a história dessa manifestação contra o assédio sexual – que teve início a partir de relatos de vítimas que sobreviveram a situações e decidiram, pela primeira vez, ir a público contar suas histórias. Essas denúncias uniram as mulheres em diversos países, a sororidade ganhou espaço nas redes sociais e fez com que diversas outras vítimas também conseguissem encontrar suas vozes contra as agressões, abusos e assédios sexuais, exigindo por justiça e mais segurança para as mulheres. Com essa onda de comunicação centrada em uma *hashtag*, a #MeToo, ganhou força e fez o movimento se tornar visível, principalmente no Twitter, pela quantidade de usuárias(os) que a utilizaram para falar sobre o assunto, seja através das denúncias, apoio às vítimas ou expor um comentário sobre o assunto. Por fim, ainda nesse capítulo, discutimos o diálogo e o #MeToo (Lane & Kent, 2018; Kent & Taylor, 2002; Regulska, 2018) e o benefício do engajamento que as mulheres tiveram – e continuam a ter – para tornar as redes sociais em uma ferramenta de comunicação estratégica a partir do uso de *hashtags*.

O quarto capítulo é focado no estudo empírico de nosso trabalho e esse se inicia com a metodologia selecionada para a pesquisa. A análise de conteúdo foi a técnica aplicada, pois consideramos a forma mais abrangente para responder à nossa pergunta de partida. A base de dados foi coletada através da plataforma *Ltweet*, o período da recolha foi de 25 a 29 de abril de 2021 e, para a leitura do corpus textual, aplicamos o *Iramuteq*. A análise dos dados teve em conta: relatos em inglês, espanhol e português, testemunhos de

assédio sexual que usuárias(os) colocaram no Twitter, os *tweets* que apresentam discurso contrário ao Movimento #MeToo e um levantamento de diversos outros idiomas que encontramos e utilizaram a *hashtag* #MeToo.

A última parte dessa investigação é a conclusão, onde discorreremos sobre os resultados encontrados, as dificuldades deparadas durante o processo de estudo e expectativas de futuras investigações que possam agregar a pesquisa sobre o ciberfeminismo.

Capítulo I.

A história do feminismo e igualdade de gênero

1.1 As três ondas do feminismo

A luta feminista ocorre há tanto tempo quanto o modelo de sociedade patriarcal existe. E para se entender o percurso que a causa feminista teve, pontuaremos neste primeiro capítulo marcos importantes da história do feminismo, que, quando foi reconhecida, passou de lutas isoladas para um movimento organizado (Vicente, 2019). A primeira onda feminista ocorreu pelos séculos XIX e XX, período no qual as mulheres lutaram pelos seus direitos, mais especificamente, pelo direito civil e político ao voto. A Inglaterra foi o primeiro país na época em que ocorreram as manifestações. Vicente explica em seu livro *Feminismo de A a SER* (2019) que foi nesta onda¹ que as mulheres, à época, passaram a perceber que não eram apenas mais um membro da família e começam a se olhar como indivíduos. A educação e o interesse pela alfabetização fizeram com que procurassem por mais do que serem apenas donas de casa e serventes dos maridos, pais e filhos.

Várias manifestações ocorreram durante a primeira onda, sendo que a mais conhecida foi a das *sufragetes*², forma como denominaram as feministas dessa época. Elas foram responsáveis por grandes manifestações em Londres. Em 1913, a feminista Emily Davison atirou-se em frente ao cavalo do Rei durante a famosa corrida de cavalo em Derby (Pinto, 2010), o que levou milhares de mulheres à rua durante o seu funeral para clamar ao seu direito de voto, marcando, assim, uma importante manifestação do movimento sufragista (Farias & Grubba, 2017).

Vicente (2019) pontua que as conquistas resultantes da primeira onda feminista foram importantes, principalmente, para a Europa. O início do século XX ficou marcado por constantes manifestações feministas um pouco por todo o mundo, e, antes do início da II Guerra Mundial, quase todos os países europeus tinham alterado a sua constituição para garantir o direito das mulheres ao voto, fosse com restrições, fosse universal (p. 58). Além do êxito do voto, as mulheres também adquiriram o poder de exercer diferentes profissões que antes lhes eram restringidas como lecionar no ensino público e até ter o poder de frequentar universidades, o que viria a resultar em dois destacados prêmios Nobel atribuídos a uma mulher nessa época, Marie Curie (*ibid*).

Tanto na Europa, quanto nos Estados Unidos e no Brasil, o feminismo perdeu força a partir da década de 1930 para a voltar ganhar somente na década de 1960 (Pinto, 2010),

¹ No livro é mencionado como primeira vaga feminista.

² Movimento das sufragistas, assim disseminado em português.

conhecida também como a segunda onda feminista. Com início em meados da década de 50 até meados dos anos 90 (do século XX), a segunda onda feminista teve uma força maior para chocar o mundo, período que ficou conhecido pelas mulheres saírem às ruas sem seus sutiãs.

É, também, o auge das ações feministas que pretendem chocar o mundo e abrir-lhe os olhos através de manifestações onde se queimam sutiãs, se conversam pelos corporais, como afirmação de liberdade e libertação de convenções sociais e de estereótipo físicos e se reivindica o controlo da própria sexualidade. (Vicente, 2019, p. 61)

Os anos 1960 foram importantes para o mundo ocidental (Pinto, 2010): os Estados Unidos entravam na Guerra do Vietnã e o movimento *hippie* se espalhava pela Califórnia. Em Paris, ocorria o “maio de 68”, em que os estudantes protestaram a ordem acadêmica, que, junto com a desilusão com partidos da esquerda comunista, se espalhou por toda a França (*ibid*). Para o movimento feminista, um dos grandes momentos foi o lançamento do anticoncepcional – pílula que foi inicialmente injetada no mercado dos Estados Unidos, e depois na Alemanha. Este foi um marco importante já que, pela primeira vez, a mulher fala diretamente sobre sua autonomia de decidir sobre sua vida e seu corpo. Pinto (2010) aponta que o mais original no movimento é ser uma luta mais libertária, que não procura apenas o espaço na vida pública, mas sim, uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, derrubando a ideia de dominação, essa que desvaloriza a imagem da mulher. Bourdieu (2012) explica em seu livro *A Dominação Masculina* as razões-base pelas quais as feministas lutavam na época.

Os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais. O que pode levar a uma espécie de auto depreciação ou até de autodesprezo sistemáticos, principalmente visíveis, [...] na representação que as mulheres cabilas fazem de seu sexo como algo deficiente, feio ou até repulsivo (ou, em nosso universo, na visão que inúmeras mulheres têm do próprio corpo, quando não conforme aos cânones estéticos impostos pela moda), e de maneira mais geral, em sua adesão a uma imagem desvalorizadora da mulher. (p.46)

A segunda onda feminista é também a época em que começaram a surgir estudos referentes à teoria feminista, onde antropólogas, filósofas e sociólogas levantaram questões sobre o fenômeno cultural que prendia a mulher em um determinado papel (Vicente, 2019).

Para a Europa feminista foi uma época importante, durante a qual, pela primeira vez na história política, duas mulheres tiveram o cargo de primeiras-ministras: Margaret Thatcher, no Reino Unido pela ala conservadora, e Maria de Lurdes Pintassilgo, em Portugal, governante de esquerda. Já na América Latina, encontrava-se com governos de ditaduras militares, o que fez com que o feminismo desses países tivesse evoluído de forma diferente dos Estados Unidos e Europa. Neste período, muitas mulheres foram exiladas e não tinham o apoio de seus companheiros, pois esses encaravam o feminismo como um desvio da luta do momento que era pelo fim da ditadura e a favor socialismo (Pinto, 2010). Mas, e ainda assim, as feministas da segunda onda conseguiram travar grandes lutas e alcançaram a liberdade de decisão dos seus corpos, onde abriram portas que ficaram abertas para o futuro do movimento (Vicente, 2019).

Com início na década de 1990, a terceira onda feminista colocou em ênfase que o feminismo era muito mais do que a luta de mulheres brancas de classe-média. É a partir desta percepção que nasce a terceira vaga feminista: “Da análise das vagas anteriores e com a intenção de colmatar lacunas para assim alcançar uma maior inclusão de todos no movimento e interligar todas as pessoas feministas” (*ibid*, p.67).

1.1.1. Especificidades do feminismo em África e no Oriente médio

À medida que o feminismo procura associar-se de forma integral às lutas contra a opressão racial e colonialista, torna-se cada vez mais importante resistir à estratégia epistemológica colonizadora que subordina diferentes configurações de dominação a uma noção transcultural de patriarcado (Butler, 2017, p.108). Assim, compreender que existe uma variedade de mulheres que tem uma realidade que exigia muito além de espaço político, como o feminismo da segunda onda defendia, fez com que a luta evoluísse para abranger todas as cores, etnias, religiões e orientações sexuais.

As mulheres não são todas brancas, nem heterossexuais, nem ocidentais nem de classe média alta. Na sequência desta formulação, o pensamento feminista abre as suas portas para deixar – finalmente – entrar todas as pessoas, de todas as etnias, de todas as classes sociais e de todas as orientações sexuais. (Vicente, 2019, p.70)

O feminismo europeu e dos Estados Unidos influenciou mulheres de todo o mundo: os ensinamentos que vieram das décadas de 1960 e 1970 fizeram as mulheres reconhecerem que, de alguma forma, o patriarcado era expressivamente forte na sociedade e que isso tinha de ser mudado. E, através das ondas feministas, é possível ver a sua evolução, ampliando cada vez mais a sua causa, procurando quebrar a barreira de que o feminismo

é apenas para mulheres brancas e de classe média/alta, o que as forçou a entenderem que existem mulheres em diferenciadas posições socioeconômicas e que todas precisam ser ouvidas. Contudo, o feminismo universal acaba por não olhar para todos os problemas que as mulheres enfrentam. Ribeiro (2018) defende que:

As críticas de algumas dessas feministas vêm no sentido de mostrar que o discurso universal é excludente, porque as mulheres são oprimidas de modos diferentes, tornando necessário discutir gênero com recorte de classe e raça, levando em conta as especificidades de cada uma. (p. 27)

Ao entender que eram necessárias mudanças na sociedade, o movimento feminista precisava se adaptar para diferentes países, uma vez que em determinadas nações a religião tinha – e continua tendo – uma influência de grande importância cultural, ou, como na esmagadora maioria dos países africanos, onde o feminismo das décadas de 1960 e 1970 era totalmente excludente para a realidade das mulheres daquele continente.

Foi em 1970 que militantes negras nos Estados Unidos começaram a denunciar que as pautas de reivindicação do movimento feminista excluía as mulheres negras (*ibid*). A adaptação necessária veio para dar lugar de fala a essas vozes que não se sentiam representadas. Contudo, essa adaptação é ainda necessária para as mulheres africanas, diferentemente das mulheres afro-americanas, uma vez que a realidade é outra em continentes africanos. Aqui, apenas o fato de se reconhecerem como feministas, podia – e continua a poder – ser prejudicial para a imagem da mulher, uma vez que o termo ainda é pejorativo e voltado para o feminismo ocidental.

No entanto, o termo feminismo também representa riscos para a defesa dos direitos das mulheres nos países africanos devido à sua associação com o imperialismo cultural ocidental. Não surpreende que ainda haja um desconforto generalizado em atribuir o rótulo feminista a projetos e ativistas de empoderamento feminino. (Bawa, 2018, p.3)³

Focado(a) na realidade de Gana, Bawa diz que o feminismo africano tem que evidenciar na história a opressão que as mulheres sofrem no continente, desconstruir suas identidades coloniais e engajar o discurso religioso e sociocultural atual para tirar as mulheres de posições subservientes (2018, p.2). Ampofo *et al.* destacam o feminismo africano como um movimento intelectual, enraizado nas experiências de escravidão,

³ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Nevertheless, the term feminism also poses risks to women’s rights advocacy in African countries because of its association with Western cultural imperialism. Not surprisingly, there is still widespread discomfort in ascribing the label feminist to women’s empowerment projects and activists.” (Bawa, 2018, p.3)

colonialismo e patriarcado, que luta para acabar com sistema interligado a diversas opressões, resultado dessas experiências e condições (2015, p.909).

Uma das pautas que o feminismo africano luta é contra a mutilação genital feminina no continente. A dominação sobre o corpo da mulher e a violação que a mesma sofre hoje em dia são consideradas crimes contra os direitos humanos, e ainda assim, acredita-se que é uma prática antiga que tem origem em comunidades que desejam controlar o comportamento sexual feminino e garantir que as mulheres permanecerão virgens ao reduzir os desejos sexuais delas (Obiora, Maree & Nkosi-Magutha, 2020), e “em algumas culturas, acredita-se que as mulheres que sofrem mutilação genital se comportarão adequadamente” (Fite *et al.*, 2020, p. 1)⁴.

Segundo dados da World Health Organization (WHO), disponibilizados em fevereiro de 2020, a prática de mutilação genital feminina não tem nenhum benefício na saúde de meninas e mulheres, podendo causar problemas severos de sangramentos na urina e de futuramente desenvolverem cistos, infecções, além de complicações no parto, trazendo o aumento de risco de morte de recém-nascidos. Ainda segundo a WHO, mais de 200 milhões de meninas e mulheres já sofreram mutilação, em sua maioria, realizadas na infância até aos 15 anos. A prática dessa mutilação é recorrente e está presente em 30 países espalhados principalmente pela África, pelo Oriente Médio e pela Ásia. Bawa salienta que “o feminismo africano, marginalizado na teoria feminista *mainstream*, é visto como excludente; enfrenta críticas semelhantes ao imperialismo, assim como o feminismo *mainstream* entre feministas de terceira onda nos círculos acadêmicos” (2018, p.3) e é possível notar a diferença das reivindicações de diferentes culturas.

É importante lembrar que existem civilizações onde a religião modela a cultura, e onde as mulheres que seguem rigorosamente suas crenças acabam encontrando uma barreira em se identificar com o movimento feminista, conhecido por elas como feminismo ocidental. Um exemplo de religião que molda as atitudes e a escolha das pessoas é o Islã. Zubair e Zubair (2017) enquadraram a forma como o ocidente vê o islamismo para as mulheres.

Os discursos ocidentais sobre as mulheres muçulmanas permanecem reducionistas, ignorando a grande variedade e diversidade das mulheres como indivíduos dentro de qualquer cultura, construindo um monólito muçulmano "outro" com mulheres

⁴ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “In some cultures, it is believed that women who undergo genital mutilation will behave appropriately” (Fite et al, 2020, p. 1)

intelectuais, profissionais e trabalhadoras não sendo exceção a esta regra geral. (p.18)⁵

Para o Ocidente, compreender a situação que as mulheres islâmicas se colocam por questões religiosas pode ser incompreensível, mas é necessário entender que dentro de seus parâmetros de vida, as mulheres que seguem uma religião não deixam de ser menos feministas que outras só porque encontram um propósito em outros meios. Jeenah (2006) destaca que, para as ativistas islamistas sul-africanas, o uso do termo “feminismo islâmico” e “feminista islâmica” leva uma “bagagem associada a esses rótulos que os tornam muito pesados” (p.38)⁶. No fim, o machismo também é notado e essas ativistas tentam modernizar as suas crenças.

Zia (2009) comenta que, para as mulheres paquistanesas, o feminismo islâmico moderno procura sua legitimidade reinterpretando textos religiosos em um contexto moderno e culturalmente relevante, ao invés de apenas aceitar o feminismo ocidental e que a “estratégia de acomodar feministas muçulmanas culturais aparentemente apolíticas e capacitá-las a desafiar o patriarcado de dentro de interpretações progressistas do Islã tem sido, portanto, parcialmente bem sucedida” (p.35).⁷ Depois dos atentados de 11 de setembro de 2001, nos Estados Unidos, o Islã e seus costumes começaram a ser encarados como fontes de terrorismo pelo ocidente, afetando também a vida das mulheres islâmicas:

A religião assumiu uma nova força após o 11 de Setembro, com mulheres buscando expressão política dentro da resistência religiosa definida pelos homens à islamofobia ocidental. Muitas mulheres jovens, particularmente das classes médias baixas, encontraram refúgio na religião em uma sociedade que descapacita onde estavam perdendo direitos e representação. Um exemplo é encontrado entre aqueles que assumiram o 'hejab' (véu) como símbolo religioso, e depois encontraram um refúgio conveniente contra o assédio masculino e uma maneira de negociar por mais espaço na esfera pública. Líderes mulheres religiosa-políticas ganharam alguma forma de poder, mesmo que seja realmente uma ilusão de poder, comprometendo-se com um Estado militarizado e ditatorial que assumiu uma retórica religiosa e liberal moderada. A religião tornou-se, em muitos aspectos, privatizada e as

⁵ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “The western discourses on Muslim women remain reductive by ignoring the wide variety and diversity of women as individuals within any given culture by constructing a monolith Muslim ‘other’ with intellectual, professional and working women being no exception to this general rule.” (Zubair & Zubair, 2017, p.18)

⁶ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: (...) “that the baggage associated with these labels makes their use too burdensome.” (Jeenah, 2006, p.38)

⁷ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: The strategy of accommodating seemingly apolitical cultural Muslim feminists and empowering them to challenge patriarchy from within progressive interpretations of Islam has thus been partially successful. (Zia, 2009, p.35)

mulheres pregadoras caseiras encontraram poder em seus pequenos seguidores (dars), o que compensou a ausência de importância democrática ou doméstica. Mulheres que pregam mulheres agora dão sermões curtos em funerais para mulheres enlutadas da comunidade, com suas próprias traduções e interpretações de versos do Quran. (Zia, 2009, p.41)⁸

As conquistas dessas mulheres podem ser vistas como pequenas ou insignificantes dentro do feminismo ocidental, que tanto já conquistou em relação ao direito das mulheres, porém, é necessário destacar que o feminismo islâmico também conseguiu espaço para as mulheres. Como quando, por exemplo, depois de 40 anos, as mulheres iranianas puderam entrar dentro de um estádio de futebol para assistir à seleção de seu país jogar. Houve, também, essa conquista na Arábia Saudita. Assim, ainda que com muitas proibições, as mulheres vêm ganhando espaço nesta região do globo. Outro êxito que leva mais relevância foi a luta das mulheres contra as Ordenações de Hudood, essas que foram promulgadas pelo militar Zia ul-Hag no Paquistão em 1979, que substituiu o código penal do país e acrescentavam sanções punitivas como chicotadas, amputações e a morte por apedrejamento.

Em poucas palavras, a Ordenança Zina tornou todas as relações sexuais fora de um casamento legalmente válido um crime. A punição por descumprimento da Ordenança dependia do delito, do estado civil do agressor e da natureza das provas. O ato de adultério por uma pessoa casada, por exemplo, se testemunhado por quatro

⁸ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Religion has taken on a new force after 9/11, with women seeking political expression within male-defined religious resistance to western Islamophobia. Many young women, particularly from the lower-middle classes, found sanctuary in religion in an otherwise disempowering society where they were losing rights and representation. One example is found among those who took on the ‘hejab’ (veil) as a religious symbol, and then found it a convenient refuge against male harassment and a way of negotiating for more space in the public sphere. Female religio-political leaders earned some form of power, even if it is really an illusion of power, by compromising with a militarized, dictatorial state that assumed a moderate religious and liberal rhetoric. Religion has in many ways become privatized and women home-based preachers found power in their small followings (dars), which compensated for the absence of democratic or domestic importance. Women preachers now give short sermons at funerals to women mourners of the community, with their own translations and interpretations of Quranic verses. Individual mourning and reading of the Quran is being increasingly substituted by the dars phenomena.” (Zia, 2009, p.41)

muçulmanos homens de bom caráter, poderia ser punido por apedrejamento até a morte. (Lau, 2007, p.1295)⁹

As mulheres foram as que mais sofreram com a aplicação da Ordenança Zina porque eram cada vez mais acusadas por seus maridos de adultério, e, embora fosse fácil abrir um processo de traição contra uma mulher, era muito difícil que ela conseguisse fiança até o julgamento, aguardando durante anos na prisão e transformando-se em párias sociais. A grande maioria dessas mulheres foram acusadas e consideradas culpadas pelo Tribunal Federal Shariat (*ibid*). Para Zia, a Ordenação Hudood foi o que uniu o movimento das mulheres, onde houve um consenso fraco das feministas islâmicas progressistas sobre a necessidade de rever, revogar e alterar essa sanção (2009). Em dezembro de 2006, a Assembleia Nacional Paquistanesa finalmente aprovou o Ato de Proteção a Mulher (Lau, 2007). Mesmo não revogando de fato a lei, essa foi uma grande conquista para as mulheres do Paquistão.

1.2. Violência contra as mulheres

Além dessas conquistas através do globo é importante destacar que a terceira onda do movimento trouxe uma nova tendência, transformando o feminismo em um movimento profissionalizado pelas organizações não governamentais (ONGs) (Pinto, 2010, p.17). Com isso, as feministas tinham um novo foco: auxiliar as mulheres agredidas, que não eram militantes, mas se encaixavam dentro da luta, pois não queriam mais sofrer qualquer violência. Lucia Vicente explica sobre a direção que essa onda feminista estava procurando alcançar:

(...) compreende que todas as opressões estão relacionadas e devem ser combatidas; que entende que o feminismo deve ser uma luta pelos direitos humanos e não apenas uma luta para alcançar os mesmos direitos que os representantes do sexo masculino, brancos, ocidentais, heterossexuais e de classe média alta. (Vicente, 2019, p. 67)

A WHO, em 2019, passou a considerar a violência contra a mulher um problema de saúde pública e uma violação dos direitos humanos, tendo em conta que aproximadamente

⁹Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “In a nutshell, the Zina Ordinance made all sexual intercourse outside a legally valid marriage a criminal offense. The punishment for breach of the Ordinance depended on the nature of the offense, the marital status of the offender, and the nature of the evidence. The act of adultery by a married person, for instance, if witnessed by four male Muslims of good character, could be punished by stoning to death.” (Lau, 2007, p.1295)

35% das mulheres do mundo já experienciaram alguma forma de violência, seja física ou psicológica, geralmente perpetradas por parceiros ou algum predador mais ou menos próximo do círculo convivial. A agressão realizada por um parceiro é a mais comum: 30% das mulheres já estiveram em um relacionamento no qual experienciaram alguma forma de violência. Essa hostilidade pode levar a mulher à morte. A *United Nations Office on Drugs and Crime* indica, em relatório de 2017, que 87 mil mulheres morreram devido ao feminicídio (2019, p.10), o que significa que foram assassinadas simplesmente por serem mulheres.

O “assédio sexual não é meramente um desejo sexual mal direcionado, mas é de fato uma forma de discriminação sexual com base na exploração de uma relação de poderes desiguais” (Sinha, 1993, p.59). É claro que o assédio cometido por um conhecido não é a única forma de agressão que a mulher sofre pois há também o assédio realizado por estranhos; esse que é perpetrado por homens que não são conhecidos das vítimas em locais públicos como na rua, lojas, bares ou transportes públicos (Fairchild & Rudman, 2008, p.339).

É preciso entender que o privilégio masculino e a dominação que o mesmo exerce sobre as mulheres em “condições de existência das mais intoleráveis possam permanentemente ser vistas como aceitáveis ou até mesmo como naturais” (Bourdieu, 2012, p.7) devido ao passado em qual a mulher era vista como parte de outra pessoa, onde essa seria protegida, sustentada e alimentada pela felicidade conjugal (p. 11). A cultura patriarcal, para Baldry e Pagliaro (2014) parece ser baseada na honra masculina que é considerada mais forte do que a vergonha relacionada com a violência sobre a sua parceira, quando o mesmo a julga como merecedora dessa violência (p.1576). Faramarzi, Esmailzadeh e Mosavi (2005) explicam alguns motivos pelos quais a violência geralmente é tolerada.

A violência é geralmente aceita e tolerada por falta de empatia pelas vítimas, pela crença de que as vítimas podem prevenir sua vitimização por não se colocarem em situações perigosas, pela crença de que as vítimas merecem ser vitimadas por causa de suas atitudes e/ou seu comportamento, falta de conhecimento sobre o que pode ser feito para reduzir a violência nas comunidades locais e a preocupação das pessoas com sua própria segurança se elas intervirem. (p.225)¹⁰

¹⁰ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Violence is generally accepted and tolerated because of lack of empathy for the victims, the belief that victims can prevent their victimization by not placing themselves in dangerous situations, the belief that victims deserve to

Além da violência física, há também o que Bourdieu (2012) chama de violência simbólica, uma violência que é suave, insensível e invisível até para suas vítimas, onde a sociedade patriarcal culpabiliza a vítima por não se portar como se espera. Segundo a Acadêmicas Nacionais de Ciências, Engenharia e Medicina dos Estados Unidos, em seu livro chamado *Assédio sexual de mulheres: clima, cultura e consequências nas ciências acadêmicas, engenharia e medicina* (2018), o assédio sexual pode ser dividido em três categorias. O primeiro é o assédio de gênero, que está relacionado com os comportamentos verbais e não verbais que são hostis, que objetifica ou exclui membros de um gênero. O segundo é o assédio que se refere a uma ação sexual indesejada, onde ocorrem avanços sexuais verbais ou físicos que não são desejáveis, que podem incluir agressão física. E o último é a coerção sexual, onde o tratamento profissional é favorável através de atividades sexuais (p. 2).

1.2.1. A mulher e a Covid-19

Em 2020, uma pandemia atingiu o planeta e o seu impacto na economia mundial ainda será profundo devido às medidas tomadas para frear a propagação da doença. Segundo informações disponibilizadas em 2020 pela United Nations, através de um sumário *Shared Responsibility, Global Solidarity*, entramos em uma recessão com o potencial de profundas consequências e níveis históricos de desemprego e privação (p.8) e com isso a economia e vida produtiva das mulheres serão afetadas diferentemente e desproporcionalmente das dos homens. Segundo um outro documento da United Nations, também disponibilizado em 2020, mas com foco no impacto do Covid-19 nas mulheres, mostra que mundialmente as mulheres ganham menos, conseguem reservar menos dinheiro e têm trabalhos menos seguros que os homens por terem mais chances de ser empregadas de setores informais; uma situação que é pior em países em desenvolvimento, nos quais 70% das mulheres se encontram em empregos sem vínculos de registros legais (p.4).

Em 2014, o vírus Ebola colocou a África sob quarentena e mostrou que as mulheres foram fortemente afetadas, aumentando as taxas de pobreza e exacerbando a insegurança

be victimized because of their attitudes and/or their behavior, lack of knowledge about what can be done to reduce violence in local communities, and people's concern for their own safety if they were to intervene." (Faramarzi, Esmailzadeh & Mosavi, 2004, p.225)

alimentar. Por exemplo, na Libéria, devido a prevenção do vírus, os meios de subsistência das mulheres e a segurança econômica foram severamente afetados porque representam 85% dos comerciantes no país (United Nations, 2020, p.4). A pandemia atual tem a mesma forma de prevenção, mostrando assim que não tem como as mulheres não serem as mais prejudicadas dentro desse cenário.

A medida principal para frear o contágio do Covid-19 tem sido as pessoas se confinarem em suas casas, evitando encontros sociais e aglomerações. As medidas de proteção para conter a pandemia fizeram com que muitas mulheres fossem obrigadas a ficar em casa com seus agressores, e com a situação atual de debilidade econômica na globalidade dos países e das famílias, o risco de mulheres e meninas sofrerem violência aumentou significativamente (World Health Organization, 2020, p.1). Será importante destacar que, no ano de 2019, um estudo apresentado também pela World Health Organization mostra que 38% dos óbitos de mulheres mundialmente são realizados por seus cônjuges. Embora seja muito cedo ainda para apontar dados abrangentes sobre o impacto dessa pandemia, segundo a United Nations: “existem relatos preocupantes referentes ao aumento de violência contra mulheres em todo mundo, com aumentos sendo relatados em muitos casos de mais de 25% em países com sistemas de relatórios em vigor. Em alguns países, os casos notificados dobraram” (2020, p.17).

Outros dados alarmantes que deste documento sobre o impacto do Covid-19 para as mulheres mostra que, nos últimos 12 meses, em torno de 243 milhões de mulheres e meninas entre 15 a 49 anos sofreram alguma forma de violência sexual e/ou física por seus parceiros. Na França, o relatório de violência doméstica aumentou 30% desde o *lockdown* decretado em 17 de março de 2020, já na Argentina o número de ligações de socorro referentes à violência contra mulher aumentou 25% desde 20 de março, data que teve o início do *lockdown* no país. No Chipre e em Singapura, as linhas de emergência registraram respectivamente um aumento de 30% e 33% de ligações referentes a violência doméstica (p.19).

Todos esses dados alertam o quão importante é conscientizar as pessoas e não simplesmente ignorar que as mulheres têm sofrido pelo simples fato de serem mulheres, principalmente as que se encontram em maiores níveis de pobreza e que não têm acesso a uma boa educação.

1.2.2. O lugar de fala

As mulheres já viveram tempo demais sendo definidas pelo patriarcado e pelo machismo, que continuam a tentar estipular e controlar como uma *boa moça* deve se comportar dentro de uma sociedade. Para entender o que as mulheres viveram e ainda vivenciam numa sociedade machista, é necessário que suas vozes sejam ouvidas, pois somente assim, ouvindo e compreendendo suas dificuldades diárias e tendo empatia para com elas, se percebe o tamanho dessa opressão. Pereira (2018) conceitua sobre as relações de poderes e como isso influencia na hierarquia social:

Trata-se de uma análise a partir da localização dos grupos nas relações de poder, levando em conta os marcadores sociais de raça, gênero, classe, geração e sexualidade como elementos dentro de construções múltiplas na estrutura social. Portanto, o conceito parte das múltiplas condições que resultam as desigualdades e hierarquias que localizam grupos subalternizados. (p.155)

Com isso é necessário destacar novamente que dentro do movimento feminista existem várias formas de as mulheres serem oprimidas, e a sua classe social, raça, sexualidade e até mesmo a região em que vivem são parâmetros diferentes que podem influenciar a forma de opressão vivenciada.

Muito se diz sobre o lugar de fala, que nada mais é que conquistar um espaço para aquele/a que sofre uma opressão ser ouvido/a e “é através da palavra, da construção de projetos e lugares de fala que os grupos sociais acedem ao universo das representações - e constroem sua identidade” (França, 2001, p.50). O lugar de fala não é necessariamente a fala de um indivíduo sobre as suas dificuldades, mas sim, um conceito que parte de diversas visões de mundo que mostram a desigualdade social (Pereira, 2018).

O termo lugar de fala tem a sua origem imprecisa. Ribeiro (2017) diz acreditar que o termo surge a partir da discussão sobre o *feminist stand point*, essa que é uma tradução do inglês para o português que significa “ponto de vista feminista”.

Para além dessa conceituação dada pela comunicação, é preciso dizer que não há uma epistemologia determinada sobre o termo lugar de fala especificamente, ou melhor, a origem do termo é imprecisa, acreditamos que este surge a partir da tradição de discussão sobre *feminist stand point* – em uma tradução literal “ponto de vista feminista” – diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial. As reflexões e trabalhos gerados nessas perspectivas, conseqüentemente, foram sendo moldados no seio dos movimentos sociais, muito marcadamente no debate virtual, como forma de ferramenta política e com o intuito de se colocar contra uma autorização discursiva. Porém, é extremamente possível pensá-lo a partir de certas referências que vêm questionando quem pode falar. (p. 32)

Explicado que o lugar de fala é a vocalização das diferentes vivências sociais, Petronilio (2017) elucida que “o lugar de fala é pura vontade de ser simplesmente aquilo que se é.” Ou seja, “O lugar de fala é o lugar de liberdade” (p. 53). E relacionando este lugar de fala ao feminismo é necessário destacar que transporta o sujeito para um universo complexo, onde as questões são diferentes, a mulher branca não tem os mesmos problemas que uma mulher negra e o lugar de fala muda tudo (*ibid*).

Segundo essa teoria a experiência da opressão sexista e dada pela posição que ocupamos numa matriz de dominação onde raça gênero e classe social interceptam se em diferentes pontos. Assim uma mulher negra trabalhadora não é triplamente oprimida ou mais oprimida do que uma mulher branca na mesma classe social, mas experimenta a opressão a partir de um lugar que proporciona um ponto de vista diferente sobre o que é ser mulher numa sociedade desigual racista e sexista. (Bairros, 1995, p. 461)

Atualmente o movimento feminista se encontra em transição para a quarta onda feminista, e essa onda é definida por levar a luta para a internet, onde mulheres encontraram uma forma rápida de expor sua fala e visão para muitos em um pequeno espaço de tempo. As redes sociais fazem com que o lugar de fala da mulher seja ouvido por todos e cria oportunidades de debates sobre os temas anteriormente comentados aqui por toda a comunidade digital.

Capítulo II.

Ciberfeminismo e as redes sociais

2.1. Ativismo em Rede

É difícil negar a importância da tecnologia em nossas vidas com o passar do tempo. Não há uma pessoa que não necessite da internet para pequenas ou grandes coisas do cotidiano, tornando-se, assim, a tecnologia em produtos de uma sociedade e de uma cultura (Lévy, 1999). Para Castells (2002), as “culturas consistem em processos de comunicação” (p.459) e “nossos sistemas de crenças e códigos historicamente produzidos são transformados de maneira fundamental pelo novo sistema tecnológico e o serão ainda mais com o passar do tempo” (p.414).

Por se tornar essencial em nossas vidas, a internet se estabeleceu como uma valiosa fonte de informações, conteúdos e de nos aproximar como uma sociedade virtual. As redes sociais se tornaram um local onde “o virtual existe sem estar presente” (Lévy, 1999, p.48) e assim se transformam em um importante veículo de comunicação, possibilitando a interação entre pessoas pelo mundo em questão de segundos, criando a impressão de aproximação.

Comunicar nunca foi tão dinâmico e instantâneo como atualmente, visto as facilidades de conversação e acesso à informação que potencializam as interações mediadas por computador e promovem a ação individual mais autônoma que pode se articular com outras vozes e ganhar dimensões incalculáveis. (Paz, 2017, p.3-4)

Castells (2002) pontua que aqueles que usam a internet e têm gostos diversificados acabam encontrando grupos online que são compostos por outras pessoas que têm os mesmos interesses e, com o passar do tempo, essas comunidades que tiveram seu início voltado apenas para um assunto, no final acabam oferecendo apoio pessoal, tanto material quanto afetivo, para seus integrantes. E a internet possibilita que os usuários consigam compartilhar suas ideias a qualquer momento, pois a tecnologia permite que as pessoas se conectem de diversos locais do mundo.

Boyd (2010) também aborda sobre as barreiras físicas que a internet consegue quebrar:

Os espaços físicos são limitados por espaço e tempo, mas, online, as pessoas podem se conectar entre si em grandes distâncias e se envolver com conteúdo assincronicamente produzido por longos períodos. Isso permite que as pessoas

trabalhem em torno de barreiras físicas à interação e reduz o custo de interagir com pessoas em lugares distantes. (p.51)¹¹

Por ser um ambiente de comunicação que atinge uma grande quantidade de pessoas em um curto período e independente da sua geolocalização, as redes sociais se tornam um local hábil para posicionamentos políticos, sociais e culturais, unindo pessoas que tenham as mesmas opiniões. Essas ações levam o nome de ciberativismo (Mccaughey & Ayers, 2003) e acredita-se que o ativismo online realiza uma junção de disciplinas e teorias, mistura a abordagem do ativismo e amplia suas estratégias de forma digital, podendo realizar campanhas de conscientização e transmissão de mensagens através da internet (*ibid*).

A vantagem da Rede é que ela permite a criação de laços fracos com desconhecidos, num modelo igualitário de interação, no qual as características sociais são menos influentes na estruturação, ou mesmo no bloqueio, da comunicação. De fato, tanto off-line quanto on-line, os laços fracos facilitam a ligação de pessoas com diversas características sociais, expandindo assim a sociabilidade para além dos limites socialmente definidos do auto-reconhecimento. (Castells, p.2002, p.445)

As redes sociais facilitam a atuação do ciberativismo de três formas: 1- as mídias sociais permitem que indivíduos compartilhem suas experiências e opiniões, fazendo assim com que outras pessoas se relacionem com causas coletivas. 2- Permitem a criação de comunidades onde seus membros providenciam suporte, organizam atividades e conseguem questionar as respostas negativas que suas atividades atraem. 3- As redes sociais aderem pessoas que não fazem parte do seu círculo social e assim os coletivos acabam compartilhando novas realidades (Greijdanus *et al*, 2020 p.49). Este ativismo online não está isolado, o online e o offline normalmente estão integrados.

(...) os papéis de participação online adotados pelos manifestantes estão se multiplicando e expandindo muito, especialmente devido às ofertas de tecnologias digitais emergentes. De fato, os muitos papéis descritos acima dependem da hibridez entre espaços físicos e virtuais produzidos pelo uso de smartphones, à medida que os manifestantes integram atividades de protesto on-line e off-line de várias maneiras (como solicitar doações em resposta direta às necessidades no terreno,

¹¹ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Physical spaces are limited by space and time, but, online, people can connect to another across great distance and engage with asynchronously produced content over extended periods. This allows people to work around physical barriers to interaction and reduces the cost of interacting with people in far-off places” (Boyd, 2010, p.51)

bem como ampliar o alcance de reuniões presenciais através de tweets produzidos ao vivo por minuto). (Penney & Dadas, 2013, p.90)¹²

Castells (2002) argumenta que mulheres e outros grupos oprimidos socialmente tendem a utilizar as redes sociais para se expressar de forma mais aberta devido à sensação de proteção que o meio eletrônico pode criar. O autor pontua também que em 1999 as mulheres representavam uma minoria de usuários na internet. Segundo uma coluna do jornal online Uol¹³ de 2019, as mulheres seguem sendo a minoria em nível mundial, onde 52% delas ainda não tem acesso à internet. Na época, havia cerca de 4,1 bilhões de pessoas com acesso à rede, excluindo 3,6 bilhões de pessoas dessa revolução digital. Nos países ricos contava que 87% de sua população estava conectada à internet em 2019, enquanto nos países pobres a taxa era de apenas 19%.

2.2. Ciberfeminismo

Com o intuito de expandir seu alcance, o movimento feminista encontrou nas redes sociais uma forma que exige pouco investimento financeiro para expor sua luta. Foi possível alcançar um número maior de mulheres, quebrar barreiras e estigmas formados pela sociedade sobre o que é ser feminista e dar voz a mulheres que por tanto tempo passaram despercebidas. “A injustiça percebida pelas mulheres e a eficácia da Internet previram diretamente sua tendência de engajamento online e mediaram a relação entre a identidade do grupo e sua tendência a se envolver online” (Zhou & Qiu, 2020, p. 1)¹⁴.

Paulino e Paulino (2019) pontuam que o feminismo atual não seria o mesmo e nem teria o alcance que tem se não fosse pelas redes onde o ciberativismo se torna um conjunto de práticas que ocorrem através da tecnologia com o intuito de sensibilizar e defender

¹² Tradução livre nossa feita a partir do texto original: (...) the roles of online participation adopted by protestors are greatly multiplying and expanding, particularly due to the affordances of emergent digital technologies. Indeed, the many roles outlined above hinge upon the hybridity between physical and virtual spaces produced by the use of smartphones, as protesters integrate online and offline protest activities in a variety of ways (such as soliciting donations in direct response to on-the-ground needs, as well as extending the reach of face-to-face meetings by live-tweeting minutes). (Penney e Dadas, 2013, p.90)

¹³ [<https://www.google.com.br/amp/s/noticias.uol.com.br/colunas/jamil-chade/2019/11/05/mais-da-metade-das-mulheres-no-mundo-nao-tem-acesso-a-internet.amp.htm>] Acesso em 06/03/2021 às 16:24]

¹⁴ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: Female netizens' perceived injustice and Internet efficacy both directly predicted their online engagement tendency and mediated the relationship between group identity and their tendency to engage online. (Zhou & Qiu, 2020, p. 1)

causas específicas, além de promover mobilização social (Forero, 2018). Em outras palavras, o feminismo encontrou no ciberespaço uma nova forma de protestar.

Lévy (1999) define o termo ciberespaço “como espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial de computadores e das memórias dos computadores” (p. 92), já explicado antes como é um local que alcança muitas pessoas e “encoraja um estilo de relacionamento quase independente dos lugares geográficos” (p.49). O feminismo encontrou nessa comunicação tecnológica um local onde as mulheres poderiam se sentir confortáveis o suficiente a ponto de prosperar através do seu uso (McAdam & Crowley & Harrison, 2020), emergindo, assim, o conceito de ciberfeminismo, esse que foi utilizado pela primeira vez por Sadie Plant (1997).

Para Ferreira (2015), o termo ciberfeminismo surgiu a partir dos anos 1990 que também trouxe outras denominações em torno do ativismo na internet, como, o tecnofeminismo, pósfeminismo, transfeminismo, ciberpunk, póspornografia e ativismo *riot grrrl*. Assim, o ciberfeminismo pode ser descrito como um conjunto de estratégias políticas e comunicacionais voltadas a cultura da tecnologia digital e da internet (Ferreira, 2015, p.201).

Na visão de Brandt e Kizer (2015), quando a tecnologia começou a ser usada em favor do movimento feminista, a intenção era conseguir que mais mulheres tivessem acesso à internet, uma vez que, quando o domínio do site “Feminist.com” foi registrado, apenas 15% das mulheres tinham acesso à internet. Contudo, atualmente o foco mudou para uma maior união de mulheres que pretendem aumentar o alcance do feminismo através da internet e da sororidade. Os autores ainda destacam que “o ciberfeminismo surgiu para se referir a atividades online e digitais que apoiam explicitamente questões de conscientização de gênero e/ou um engajamento ativo com a política feminista” (p.118)¹⁵.

Daniels (2009) aborda que o ciberfeminismo não é apenas uma teoria, nem agenda política evidentemente planejada pelo movimento feminista. Importante pontuar que o feminismo digital também veio ajudar mulheres que eram ignoradas pela sociedade e cujas vozes não eram ouvidas. A internet possibilitou um local de destaque para elas:

Para mulheres de cor que foram sistematicamente excluídas do engajamento cívico *mainstream* com base em raça e gênero, a organização online política de mulheres

¹⁵ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “cyberfeminism” has emerged to refer to online and digital activities that explicitly support issues of gender awareness and/or an active engagement with feminist politics. (Brandt e Kizer, 2015, p.118)

afro-americanas tanto nos Estados Unidos quanto globalmente em torno da Marcha do Milhão de Mulheres fornece outro exemplo de ciberfeminismo. (p.107)¹⁶

Cockayne e Richardson (2020) levam o tema adiante ao dizer que “o feminismo digital têm examinado o potencial do espaço online como uma possibilidade para grupos historicamente marginalizados, incluindo mulheres, crianças, pessoas LGBTQ e a comunidade surda” (p.331)¹⁷, transformando assim o ciberfeminismo inclusivo a diferentes mulheres e a diversos outros grupos.

A relação entre o feminismo e as redes sociais é considerada a transição entre a terceira onda feminista para a nova fase, chamada de quarta onda. Essa passagem ainda é questionada, pois não há mudanças nas reivindicações da luta, apenas que passaram a ser online. Ealasaid Munro (2013) vem em contradição a esse entendimento e aborda características que acredita ser da quarta onda feminista:

Muitos comentaristas argumentam que a própria internet permitiu uma mudança de "terceira onda" para feminismo de "quarta onda". O que é certo é que a internet criou uma cultura de "chamada", na qual o sexismo ou a misoginia podem ser "chamados" e desafiados. Essa cultura é indicativa da influência contínua da terceira onda, com seu foco na micropolítica e desafiando o sexismo e a misoginia na medida em que aparecem na retórica cotidiana, publicidade, cinema, televisão e literatura, mídia, e assim por diante. A existência de uma "quarta onda" feminista tem sido desafiada por aqueles que afirmam que o aumento do uso da internet não é suficiente para delinear uma nova era. Mas está cada vez mais claro que a internet facilitou a criação de uma comunidade global de feministas que usam a internet tanto para discussão quanto para ativismo. (p. 23)

A autora ainda conclui dizendo que a compreensão do mundo que as mulheres têm atualmente sobre elas está diferente, assim como suas lutas políticas também estão mudando com elas.

¹⁶ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: For women of color who have been systematically excluded from mainstream civic engagement on the basis of race and gender, the political online organizing of African American women both in the United States and globally around the Million Woman March provides another example of cyberfeminism. (Daniels, 2009, p.107)

¹⁷ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: Digital feminists have examined the potential of online space as an enabling one for historically marginalized groups including women, children, LGBTQ people, and the Deaf community. (Cockayne e Richardson, 2020, p.331)

Em uma matéria para o jornal online The Guardian, Kira Cochrane (2013) escreve sobre a chegada dessa geração que utiliza a internet como uma forma de protesto e como se enquadra em uma quarta onda feminista.

Bem-vindos à quarta onda do feminismo. Este movimento segue a primeira onda de votos para as mulheres, que atingiu seu auge há 100 anos, o movimento de libertação das mulheres de segunda onda que se estendeu durante as décadas de 1970 e 1980, e a terceira onda declarada por Rebecca Walker, filha de Alice Walker, e outros, no início dos anos 1990. Essa mudança da segunda para a terceira onda tomou muitas formas importantes, mas muitas vezes parecia amplamente geracional, com as mulheres definindo seu trabalho como distinto da de suas mães. O que está acontecendo agora parece algo novo de novo. É definido pela tecnologia: ferramentas que estão permitindo que as mulheres construam um movimento forte, popular e reativo on-line.¹⁸¹⁹

A internet tem cada vez mais jovens mulheres debatendo sobre o feminismo. Vargas e Saraiva (2019) destacam as principais características da quarta onda, levando em consideração que a luta se tornou global:

Essa quarta onda do feminismo assume as características de outros ativismos contemporâneos: horizontalidade e recusa a lideranças, priorizando os coletivos. Apesar da multiplicidade de correntes do feminismo atual, que muitas vezes resulta em duros embates, a questão que unifica as diversas correntes e que se coloca como pauta primeira é a violência contra a mulher. Além disso, as mobilizações sobre o tema muitas vezes não cabem nas fronteiras nacionais. (p.1195)

Uma vez que a internet possibilitou a aproximação de mulheres ao redor do mundo para a mesma causa é necessário expor que nem todas conseguem ter o mesmo acesso à internet que outras. Ao pensar nisso, Cefai (2020) analisa que a quarta onda favorece as mulheres do Ocidente e esquece de abordar a relação entre o movimento feminista com

¹⁸ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: Welcome to the fourth wave of feminism. This movement follows the first-wave campaign for votes for women, which reached its height 100 years ago, the second wave women's liberation movement that blazed through the 1970s and 80s, and the third wave declared by Rebecca Walker, Alice Walker's daughter, and others, in the early 1990s. That shift from second to third wave took many important forms, but often felt broadly generational, with women defining their work as distinct from their mothers'. What's happening now feels like something new again. It's defined by technology: tools that are allowing women to build a strong, popular, reactive movement online. (Cochrane, 2013)

¹⁹ The fourth wave of feminism: meet the rebel women
[<https://www.theguardian.com/world/2013/dec/10/fourth-wave-feminism-rebel-women> – acesso em 01 mai 2021]

o poder estatal e corporativo. Brandt e Kizer (2015) completam ao se referirem à quarta onda como um movimento excludente, que “repete princípios essencialistas da segunda onda e ignora sistemas mais profundos de privilégios” (p.124). Assim, para essa nova onda feminista ter sucesso, é necessário que estude as mulheres como indivíduos e em comunidades, além de analisar a desigualdade de poder que ocorrem em contexto global e local (Gajjala, 2003).

A luta pelo fim das desigualdades de gênero alcança mulheres em todos os países. Ainda que situação do movimento feminista no Ocidente caminhe diferente do Oriente, não torna a causa mais fraca ou menos importante nos países deste território onde, normalmente, a religião caminha junto com a cultura. O ciberfeminismo tem possibilitado que mulheres dessas regiões encontrem na internet um local seguro para defender a igualdade de gênero. Nourai-Simone (2014) escreve sobre a importância da internet para ampliar as vozes das mulheres muçulmanas:

A ascensão das comunicações globais é uma das muitas forças de mudança que estão transformando a vida das mulheres muçulmanas hoje – e, por sua vez, sendo transformadas por elas. Em todo o mundo muçulmano, as mulheres estão fazendo suas vozes serem ouvidas: documentando as realidades de suas próprias vidas, explorando suas identidades em mudança e insistindo em maior participação na esfera pública. (p.14)²⁰

Muitas jovens no norte da África que participaram dos movimentos democráticos que lá ocorreram encontraram força para começar a expor histórias de assédio sexual e suas insatisfações em relação à violência de gênero na internet. Através das redes sociais, como o Twitter, blogs e Facebook, essas jovens se denominaram como “ativistas cibernéticas” (Skalli, 2013) e iniciaram ações online e offline para enfrentar a violência de gênero. Estas lutas intensificaram-se assim que confirmaram que ninguém vai lutar pelo direito das mulheres se não elas mesmas (*ibid*).

Nesse sentido, as ativistas têm tentado alcançar maior influência e presença em sua sociedade, usando a Internet enquanto buscam suas atividades de outras formas também. O principal objetivo do uso do ciberespaço como uma nova plataforma é abrir novos canais de comunicação e ajudar a criar uma nova identidade livre das

²⁰ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: The rise of global communications is one of the many forces of change that are transforming the lives of Muslim women today – and in turn, being transformed by them. Throughout the Muslim world, women are making their voices heard: documenting the realities of their own lives, exploring their changing identities, and insisting upon greater participation in the public sphere. (Nourai-Simone, 2014, p.14)

atitudes tradicionais em relação às mulheres na sociedade iraniana. Dados obtidos a partir de entrevistas de mulheres ativistas indicam que o ciberespaço é uma ferramenta eficaz e tem um papel importante na construção de uma identidade independente para as mulheres iranianas. Além disso, o ciberespaço oferece oportunidades para os ativistas inventarem e empregarem diferentes métodos para alcançar os objetivos de seu movimento. (Karimi, 2019, p.238)²¹

A relação das mulheres no Oriente Médio com a internet cresceu e elas estão usando o ciberfeminismo para expandir suas falas e conhecimentos com outras mulheres, podendo assim avaliar que a quarta onda feminista alcança um grande número de mulheres.

Paulino e Paulino (2019) acreditam que uma importante característica desta mais recente onda que vivemos é a intensa movimentação online que sua estreita ligação com o ciberespaço (p.5). Anita Harris (2008) aponta que o ciberfeminismo representa novas direções de ativismo através da tecnologia: “Sugiro que precisamos levar a sério os estilos de engajamento social e político das jovens mulheres, pois representam novos rumos no ativismo, na construção de novas comunidades participativas e no desenvolvimento de novos tipos de público”. (p. 482)

As redes sociais ajudam o movimento feminista com uma nova forma de localizar seu público-alvo através da disseminação de *hashtags*, uma forma poderosa de lutar pela equidade de gênero pelo mundo, segundo Khoja-Moolji (2015). Um dos temas tratados pelo feminismo é o assédio e abuso sexual que mulheres sofrem diariamente e que a forma como a sociedade acaba encobrindo as atitudes dos perpetradores e agressores. A exposição nas redes sociais desses assédios foi uma forma poderosa que as mulheres encontraram para poderem ser ouvidas.

Neste âmbito, uma das maneiras que as mulheres encontraram de relatar os casos de assédio que vêm sofrendo durante toda a vida foi através das *hashtags*. Essa ferramenta que é disponibilizada nas redes sociais faz com que determinados assuntos consigam ser transmitidos para diversas pessoas. Segundo o dicionário de Oxford, *hashtag* significa

²¹ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: In this regard, the activists have tried to achieve greater influence and presence in their society by using the Internet while pursuing their activities in other forms as well. The main purpose of using cyberspace as a new platform is to open new channels of communication and help to create a new identity free from the traditional attitudes towards women in Iranian society. Data obtained from interviewing women activists indicate that cyberspace is an effective tool and it has an important role in constructing an independent identity for Iranian women. Furthermore, cyberspace provides opportunities for the activists to invent and employ different methods in achieving the goals of their movement. (Karimi, 2019, p.238)

“uma palavra ou frase precedida por um sinal de cerquíia (#), usada em sites e aplicativos de mídia social, especialmente Twitter, para identificar conteúdo digital sobre um tópico específico”²²²³.

No Twitter, bem como em outras redes sociais, como o Instagram ou mais recentemente, o Facebook, as várias hashtags expandiram mensagens de todos os tipos criando tendências sociais imediatas. Podemos dizer, portanto, que a hashtag prevê uma nova fase da sociedade em rede, caracterizada pelo surgimento da rede social, uma das características centrais é a indexação (classificação numérica e temática) dos sujeitos participantes de acordo com afinidades sociais, ideológicas ou culturais, bem como a multiplicação exponencial da conectividade e das capacidades de colaboração entre eles. (Feixa, Fernández-Planells & Figueiras-Mas, 2016, p. 111)²⁴

Este método utilizado pelo movimento feminista é chamado por alguns autores como feminismo *hashtag* (Mendes, Ringrose & Keller, 2018; Dixon, 2014; Clark, 2016), no qual acredita-se que ocorre uma solidariedade entre as mulheres que utilizam as redes sociais, transformando-se em uma consciência feminista. Através desta, é possível compreender que a violência não é um problema pessoal de uma só mulher, mas sim uma questão estrutural de toda uma sociedade (Mendes, Ringrose & Keller, 2018). Clark (2016) descreve o feminismo *hashtag* como:

(...) uma forma particular de ativismo linguístico feminista que, devido ao imediatismo do Twitter, é orientado a eventos e focado no discurso em torno de um fenômeno social altamente visível que se desenrola no momento. A natureza agregativa dos protestos por hashtags os torna especialmente frutíferos para analisar os elementos dramáticos e a estrutura do feminismo online. (p.793)²⁵

²² Hashtah [<https://www.lexico.com/definicion/hashtag> – acesso 09 mai 2021]

²³ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “A word or phrase preceded by a hash sign (#), used on social media websites and applications, especially Twitter, to identify digital content on a specific topic.”

²⁴ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: Tanto en Twitter como otras redes sociales como Instagram o más recientemente, Facebook, los distintos hashtags han expandido mensajes de toda índole creando tendencias sociales inmediatas. Podemos decir, pues, que el hashtag prefigura una nueva fase de la sociedad red, caracterizada por el surgimiento de la web social, una de cuyos rasgos centrales es la indexación (clasificación numérica y temática) de los sujetos participantes según afinidades sociales, ideológicas o culturales, así como la multiplicación exponencial de las capacidades de conectividad y colaboración entre ellos. (Feixa, Fernández-Planells e Figueiras-Mas, 2016, p. 111).

²⁵ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: (...) hashtag feminism can be understood as a particular form of feminist linguistic activism that, due to the immediacy of Twitter, is event-oriented and focused on the discourse surrounding a highly visible social phenomenon unfolding in the moment. The aggregative nature of hashtag protests makes them especially

Para Dixon (2014), a utilização das *hashtags* como forma de atuação do movimento feminista, além de superar as limitações de espaço das mulheres, também ultrapassa as limitações da definição do que é ser feminista, pois nossa sociedade está constantemente alterando a definição do que é o feminismo e do que é ser feminista. Assim, as mulheres estão criando comunidades para conseguirem se identificar dentro dessas definições.

O feminismo *hashtag* se tornou uma das formas atuais mais populares de ativismo (Mendes, Ringrose & Keller, 2018), conseguindo chamar atenção da grande mídia devido a grandes números de *hashtags* utilizadas para expor diversas situações, causas e ações. Loiseau e Nowacka (2015) apontam como exemplo uma campanha que ocorreu em 2013 através da hashtag #BringBackOurGirls (traduzida para “traga de volta nossas meninas”), que conseguiu atingir mais de 1 milhão de tweets. Contudo, e mesmo com grande visibilidade voltado para o movimento feminista, ainda é cedo para determinar se o feminismo *hashtag* consegue trazer mudanças sociais (Mendes, Ringrose & Keller, 2018). Ainda assim, é possível verificar-se uma grande mobilização de mulheres para expor situações que devem ser alertadas na sociedade e mostrar que nenhuma mulher está sozinha, como verificaremos mais adiante no estudo empírico.

2.3. Anti-ciberfeminismo

São indiscutíveis os benefícios que a internet trouxe para as minorias, já que as redes sociais podem facilmente destacar determinadas causas cuja tamanha exposição pode ser positiva. Acreditava-se ser um local onde todos os grupos e identidades podem encontrar uma voz e serem tratados com igualdade (Fox, Cruz & Lee, 2015). No entanto, como várias evidências indicam, também apresentam algumas características negativas. Nas redes sociais existem pessoas que usam o espaço online para manterem determinados preconceitos e hostilidades que acontecem no mundo offline.

A internet é um espaço sexista e machista ainda dominado por homens (Kim, 2017). Nesse ambiente patriarcal é fácil encontrar pessoas que direcionam seu discurso de ódio para feministas porque a internet facilita os ataques dos chamados *haters* sobre mulheres devido ao anonimato que a essa tecnologia proporciona. Aqui as pessoas sentem-se impunes e acabam não se responsabilizando por seus atos (KhosraviNik & Esposito, 2018), se escondendo atrás da liberdade de expressão.

fruitful for analyzing the dramatic elements and structure of online feminism. (Clark, 2016, p.793)

O Conselho Europeu²⁶, de 2017, em um documento que aborda o combate ao discurso de ódio sexista, cita que a liberdade de expressão não pode silenciar nenhuma mulher ou menina. Refere, assim, que a igualdade de gênero e a liberdade de expressão devem se misturar e não ser vistas como direitos diferenciados. Chetty e Alathur (2018) explicam a diferença entre o discurso de ódio e a liberdade de expressão:

A fala é uma ferramenta não trivial para comunicar ideias, crenças, sentimentos e qualquer outra forma de informação de um para outro. Geralmente, informações verbais e simbólicas são usadas para se comunicar nas redes sociais. Com a intenção de equilibrar o aperfeiçoamento social e os direitos individuais, o discurso pode ser considerado como liberdade de expressão e sua variante como discurso de ódio. A liberdade de expressão é necessária para manter os direitos democráticos de um indivíduo, facilitando a troca de opiniões. A liberdade de expressão proporciona um prazer autônomo a uma pessoa. (p.108)²⁷

A definição de discurso de ódio para plataformas como Facebook e Twitter é todo conteúdo que agride pessoas baseadas em sua raça, etnia, nacionalidade, religião, gênero, orientação sexual, deficiência ou doença (Mossie & Wang, 2019). Já o Conselho Europeu de 2017 define o discurso de ódio sexista como “qualquer suposição, crença, afirmação, gesto ou ato que visa expressar desprezo por uma pessoa, com base nela ou em seu sexo ou gênero, ou considerar essa pessoa como inferior ou essencialmente reduzida a ela ou sua dimensão sexual”²⁸ O discurso de ódio procura iniciar uma onda de medo e insegurança entre as mulheres (Chetty & Alathur, 2018), tentando silenciá-las de forma que deixam de lutar por seus direitos.

É necessário considerar que o discurso sexista online faz parte do contexto social e das práticas moldadas por ideologias machistas e não um conjunto de casos isolados de falas extremistas (Kim, 2017). A luta contra o discurso de ódio machista faz parte da luta feminista, que, para Jane (2016), tem uma grande semelhança com a luta da segunda onda feminista, na qual as mulheres tiveram que lidar com temas como estupro,

²⁶ Combating Sexist Hate Speech [<https://edoc.coe.int/en/gender-equality/6995-combating-sexist-hate-speech.html> – acesso em 07 de mai de 2021]

²⁷ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Speech is a nontrivial tool to communicate ideas, beliefs, feelings and any other form of information from one to another. Generally verbal and symbolic information is used to communicate over the social networks. With the intention of balancing societal betterment and individual rights, the speech can be considered as free speech and its variant as hate speech. Free speech is required to maintain democratic rights of an individual by facilitating the exchange of their opinions. Free speech provides an autonomous enjoyment to a person.” (Chetty e Alathur, 2018, p.108)

²⁸ Combating Sexist Hate Speech [<https://edoc.coe.int/en/gender-equality/6995-combating-sexist-hate-speech.html> – acesso em 07 de mai de 2021]

violência doméstica e assédio sexual no trabalho. Esses tópicos continuam a ser combatidos, porém, maioritariamente através da internet. Contudo, o assédio online que ocorre nas redes sociais acaba sendo banalizado e até ridicularizado.

No Twitter já ocorreu de diversas *hashtags* machistas se tornarem virais, essas que abordavam assuntos que viraram destaque na rede social, onde promoveram hostilidade contra as mulheres e julgaram seus comportamentos perante a sociedade (Fox, Cruz & Lee, 2015) através das suas postagens. Algumas das *hashtags* utilizadas foram #LiesToldByFemales (“mentiras contadas por mulheres”), #MyGirlfriendNotAllowedTo (“minha namorada não é autorizada a”) e #ItsNotRapeIf (“não é estupro se”), que acabaram incitando ações como estupro e controle sobre o corpo da mulher.

Através da intimidação, esses agressores se baseiam em medos diários que as mulheres têm de abusos e violências, usando da humilhação pública através do comportamento e de sua aparência física para menosprezá-las, conseguindo desvalorizar suas ideias e falas. Sobieraj (2017) comenta que através do discurso de ódio “os agressores repetidamente se baseiam em três estratégias sobrepostas – intimidantes, vergonhas e descréditos – para silenciar as mulheres ou limitar seu impacto em públicos digitais” (p.1704)²⁹.

O discurso de ódio online consegue prejudicar o bem-estar de suas vítimas, especialmente, a saúde mental que é abalada. Não faltam registros de mulheres que têm prejudicado a si mesmas, vítimas do medo e da perseguição (Mossie & Wang, 2019). Por isso, é necessário cessar esses ataques contra qualquer pessoa. Burgess *et al* (2017) referem que, “a partir de visão tecnológica, é raro uma atividade ser totalmente anônima, onde o comportamento agressivo pode ser rastreado pela polícia” (p.3)³⁰, deixando de existir a sensação de impunidade.

As plataformas online têm criado políticas para tentar frear esses ataques, como por exemplo o Twitter que tem áreas direcionadas para investigar ameaças que seus usuários sofrem e assim aplicarem suas regras em casos de discurso de ódio, tentando manter um ambiente seguro para todos.

Os usuários podem marcar uma declaração como assédio inaceitável ou abusivo, e os tweets, pendentes de aprovação pelo Twitter, podem ser removidos (e, portanto, não estão mais disponíveis online, a menos que alguém tenha salvo uma cópia deles).

²⁹Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Aggressors repeatedly draw upon three overlapping strategies – intimidating, shaming, and discrediting – to silence women or to limit their impact in digital publics.” (Sobieraj, 2017, p.1704)

³⁰ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: (...) aggressive behavior can be tracked forensically by police (...) (Burgess, Byars et al, 2017, p.3)

Em casos de abuso extremo, o Twitter pode suspender as contas dos usuários que postam os comentários abusivos ou ameaçadores. O resultado desta política razoável é que, quando o *tweeting* ofensivo é discutido publicamente, muitas vezes não há como pesquisar os arquivos e encontrar evidências dos tipos verdadeiramente horripilantes de material descritos. (Burgess *et al*, 2017, p. 4)³¹

Para conseguir aplicar sanções contra as pessoas que utilizam do discurso de ódio ainda é necessário que os usuários que sofreram qualquer ataque sinalizem a plataforma de forma manual para que assim haja uma punição. Isso ocorre porque essas redes sociais têm usuários de diversos idiomas (Mossie & Wang, 2019), dificultando uma leitura única contra esses ataques. As mulheres não devem deixar de expor suas histórias e opiniões nas redes sociais, mas precisam entender que qualquer pessoa que desafie a misoginia acaba por se colocar em risco porque pode acabar por receber esses ataques cibernéticos (Keller, Mendes & Ringrose, 2016).

³¹ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Users can tag a statement as unacceptable harassment or abusive, and tweets, pending approval by Twitter, can be removed (and are thus no longer available online unless somebody has saved a copy of them). In cases of extreme abuse, Twitter may suspend the accounts of users posting the abusive or threatening remarks. The result of this reasonable policy is that, when offensive tweeting is discussed publicly, there is often no way to search the archives and find evidence of the truly horrifying types of material described.” (Burgess, Byars et al, 2017, p.4)

Capítulo III.

Movimento #MeToo e outras *hashtags*

3.1. #MeToo e outras hashtags

Como já pontuado anteriormente, as redes sociais possibilitaram a exposição de casos de assédio sexual por todo o mundo, fazendo com que mulheres de várias localidades não se sintam sozinhas, além de trazer informação para todos que os assédios acontecem e que as mulheres devem ser respeitadas a todo e qualquer momento. A comunicação digital permitiu que movimentos sociais locais rompessem barreiras geográficas e assim alcançassem mais públicos (Xiong, Cho e Boatwright, 2019). Baer (2016) explica que as plataformas digitais possibilitaram a interação de histórias individuais.

Essas ações revelam a natureza generalizada e estrutural da violência sexual, ligando as histórias específicas e locais de mulheres individuais a narrativas maiores de desigualdade. Utilizando o digital para tornar visível a escala global da opressão de gênero e vincular movimentos de protesto feministas através das fronteiras nacionais, essas ações exemplificam aspectos centrais do ativismo feminista digital hoje. (p.18) ³²

Um movimento online que conseguiu alcançar mulheres ao redor do globo, atingindo 85 países, foi o #MeToo. Foi essa mobilização que abriu a possibilidade do diálogo referente ao assunto em boa parte do mundo. A primeira vez que se utilizou a tag #MeToo foi em 2006, no Myspace por Tarana Burke, ativista social que queria ajudar vítimas de assédio sexual, assim como ela, e principalmente mulheres de ascendências, raças e etnias em situações desprivilegiadas (Braileanu et al, 2020). Já em 2017, ocorreu o segundo movimento com a #MeToo, que eclodiu após a exposição de vários casos de agressão sexual e assédios do diretor de cinema Harvey Weinstein. A atriz e ativista Alyssa Milano utilizou a *hashtag*, denunciando e pedindo para que as pessoas que já sofreram – ou sofram – de algum abuso, assédio ou agressão usassem a #MeToo (Lang, 2019).

Para entender o alcance do #MeToo, em 2017, o Twitter confirmou à CBS News que ocorreram mais de 1,7 milhões de tweets com a *hashtag* (Park, 2017) ³³ e em uma matéria da CNN apresentou dados que mais de 2,3 milhões de tweets com a mesma *hashtag* foram utilizadas em 85 países; já no Facebook, mais de 24 milhões de pessoas

³² Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “These actions reveal the pervasive, structural nature of sexual violence, linking the specific, local stories of individual women to larger narratives of inequality. Utilizing the digital to make visible the global scale of gender oppression and to link feminist protest movements across national borders, these actions exemplify central aspects of digital feminist activism today.” (Baer, 2016, p.18)

³³ #Metoo’s global moment: the anatomy of a viral campaign
[<https://edition.cnn.com/2017/11/09/world/metoo-hashtag-global-movement/index.html> – acesso em 24 out 2020]

participaram em conversas em que postaram, reagiram e comentaram mais de 77 milhões de vezes desde 15 de outubro de 2017. Murphy (2019) explica que as vítimas encontram solidariedade ao compartilhar suas histórias.

O movimento inspirou muitas(os) sobreviventes de assédio a dar voz às suas histórias, muitas vezes pela primeira vez. As(Os) sobreviventes estão encontrando solidariedade em compartilhar suas experiências e, em alguns casos, buscando ações legais para responsabilizar os assediadores. (p.63)³⁴

Para representar o Movimento #MeToo, o artista Luciano Garbati colocou em exposição uma estátua em Nova York, próximo ao tribunal onde Harvey Weinstein foi condenado. A obra de arte é referente à mitologia grega de Medusa, uma mulher que representa um monstro com serpentes em vez de cabelos, presas de bronze e asas de ouro cujo olhar transforma suas vítimas em pedra, porém, a estátua tem um ar contemporâneo onde Medusa carrega a cabeça de Perseu decepada.

Segundo uma reportagem da BBC Brasil: “a forma como a história foi contada, sob os valores patriarcais do heroísmo masculino. Ou seja, uma mulher silenciada e demonizada após ser abusada sexualmente - situação vivida por muitas ao redor do mundo, incluindo aquelas vítimas de Weinstein.” (2019)³⁵

Como o movimento atingiu muitos países, entender como o #MeToo alcançou e impactou essas sociedades é relevante para alinhar sua evolução. A Austrália foi um dos países onde o movimento surgiu com força após o início nos Estados Unidos. Mesmo com leis restritas referentes à difamação, foram muitas as mulheres que recorreram à internet para contar suas histórias sem divulgar seus abusadores. Na indústria musical, o movimento #MeToo chegou de uma forma diferente: artistas lançaram uma nova campanha associada à hashtag #MeNoMore para expor assédios que ocorreram dentro da sua área de trabalho. Segundo a página australiana de notícias, ABC, “mais de 360 mulheres, incluindo artistas conhecidas como Missy Higgins e The Veronicas, assinaram uma carta aberta exigindo mudanças na indústria musical” (2017).³⁶

³⁴ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “The movement has inspired many survivors of harassment to give voice to their stories, often for the first time ever. Survivors are finding solidarity in sharing their experiences and, in some cases, pursuing legal action to hold harassers accountable.” (Murphy, 2019, p.63)

³⁵ A intrigante estátua de Medusa em homenagem ao movimento MeToo em Nova York [https://www.bbc.com/portuguese/internacional-54669548 – acesso em 06 jan. 2021]

³⁶ #MeNoMore: Sexual harassment within Australian music industry called out by Tina Arena, Missy Higgins [https://www.abc.net.au/news/2017-12-13/menomore-letter-calls-out-sexual-harassment-in-music-industry/9254128 – acesso em 06 jan. 2021]

Na Suécia, o movimento chegou através de um post realizado em outubro de 2017 pela atriz Cissi Walin em seu Instagram, onde ela conta que foi vítima de assédio de um jornalista sueco. Em 2011, a atriz registrou um boletim contra seu assediador, mas em semanas o caso já havia se dissipado. Após a exposição de seu caso nas redes sociais, não demorou muito para outras mulheres suecas contarem suas histórias, algumas também vítimas de assédio pelo mesmo homem que abusou de Cissi.

Em novembro de 2017, o movimento alcançou mais de 700 atrizes suecas que publicaram a #tystnadtagning, que significa ‘mantendo-se em silêncio’, onde descreveram assédios sexuais que sofreram, testemunharam ou foram submetidas dentro da indústria cinematográfica e televisiva (Johnansson, Johnansson & Andersson, 2019, p.419), quebrando toda uma cultura de silêncio que permeava a Suécia.

Ainda na Europa, decorrente do movimento #MeToo americano, em outubro de 2017, o Parlamento Europeu realizou uma sessão para debater a violência sexual e o assédio. Segundo o site jornalístico The Telegraph, o site de Política Europeu de Bruxelas coletou mais de 30 denúncias anônimas de assédio, agressão e estupro depois de uma chamada para evidências.³⁷

No Reino Unido, as redes sociais continuaram as exposições com a mesma *hashtag* que nos Estados Unidos. Em Londres, o movimento chegou até Westminster, onde o ministro do Comércio Internacional admitiu chamar sua ex-assistente com nome pejorativo. Vários outros ministros foram citados em um dossiê sobre má conduta sexual que circulou no parlamento.

Liderado pela jornalista Sandra Muller, o #MeToo francês foi transformado em outra *hashtag* (#BalanceTonPoc), ou seja, ‘Exponha Seu Porco’. O jornal digital The Telegraph, ao traçar a cronologia do Movimento #MeToo, apontou que, segundo o jornal Le Monde, essa exposição na França foi mais radical que o próprio #MeToo, em uma cultura onde o assédio está fortemente impregnado. Esse movimento recebeu o apoio do Presidente Emmanuel Macron.

Já as mulheres italianas voltaram suas críticas a um jornal devido a uma cobertura da história que envolvia o diretor Weinstein, essencialmente, pelo comentário publicado por um periódico em que referia que as mulheres que reclamam de assédio sexual no

³⁷The #MeToo shockwave: how the movement has reverberated around the world [https://www.telegraph.co.uk/news/world/metoo-shockwave/- acesso em 06 jan. 2021]

trabalho estão apenas choramingando e voltando suas indignações para assuntos que não deveriam ter importância. Porém, a realidade é que os casos de exposição de assédio na Itália só aumentaram quando a atriz Asia Argento utilizou a *hashtag* #quellavoltache ('aquela vez') e depois os usuários do Twitter começaram a utilizá-la para fazer sérias acusações de assédio.

Ainda percorrendo a trajetória do #MeToo pela Europa, é importante destacar que quando o movimento chegou na Espanha, onde as mulheres saíram das redes sociais e, no dia 25 de novembro de 2017, foram protestar nas ruas de Madrid, com direito a cartazes e gritos: "nós não temos medo". Antes disso, ainda em outubro do mesmo ano, uma professora espanhola utilizou a *hashtag* #YoTambien (tradução literal espanhola do #MeToo) nas redes sociais para contar que já sofreu várias vezes assédios, puxando consigo diversos relatos.

É necessário compreender que o Movimento #MeToo foi muito além de Estados Unidos e Europa. Na Índia, as atrizes Konkona Sen Sharma e Radhika Apte saíram em suporte do movimento. Um ano depois, o #MeToo chegou com mais força na grande indústria indiana de filmes depois da atriz Tanushree Dutta ter acusado o ator Nana Patekar de assédio sexual quando filmaram juntos em 2008 para uma produção de Bollywood. A repercussão foi seguida de diversos posts nas redes sociais por várias mulheres que compartilharam suas experiências e algumas delas sucederam nas suas denúncias, conseguindo o apoio das autoridades. No Twitter é possível encontrar uma conta criada em 2018 com o nome de @MeTooIndia, a sua descrição é: "uma mão que amplifica vozes do #MeToo". Atualmente, essa página ainda compartilha informações dos casos que estão sendo julgados e recebem cobertura da mídia.

Na África, em países que há a cultura patriarcal muito forte, o movimento teve que se adaptar de uma outra forma, uma vez que as mulheres ainda sentem muito medo de contarem suas histórias como individuais. Segundo o site The Conversation, essas mulheres seguem a "cultura da respeitabilidade"³⁸. A forma que encontraram para serem ouvidas foi através de protestos que se passaram nas ruas de diferentes países. No Quênia, as mulheres levaram para as ruas o protesto #MyDressisMyChoice ('minha vestimenta é minha escolha') depois de um grupo de mulheres ter sido assediado no ponto de ônibus por estarem usando minisaias. No Senegal, duas meninas começaram o

³⁸ #MeToo ins't big in Africa. But women have launched their own versions [https://theconversation.com/metoo-isnt-big-in-africa-but-women-have-launched-their-own-versions-112328 – acesso em 13/01/2021]

#Nopiwouma (‘eu não vou me calar’) para desafiar a postura do país referente à violência baseada no gênero, além da campanha #Doyna (‘isso basta’).

Em outubro de 2017, na África do Sul, a política e cantora Jennifer Ferguson acusou um político e dono da associação de futebol da África do Sul de estuprá-la há 24 anos. Inspirada no #MeToo, Ferguson usou o Facebook para contar sua história e incentivar outras mulheres a falarem. Já em novembro do mesmo ano, a recém considerada Miss Universo, Demi Leigh Nel-Peters, criou a campanha *Unbreakable* (‘inquebrável’), onde juntou uma equipe de profissionais de defesa pessoal para ajudar mulheres a lidarem com situações ameaçadoras.

O Movimento #MeToo chegou também ao Oriente antes mesmo do escândalo do diretor Weinstein explodir nas redes sociais. Em 2017, a jornalista Shiori Ito tomou a ousada atitude de compartilhar diante das câmeras de televisão sua história. Ousada porque a censura pública no Japão é grande, segundo reportagem da BBC³⁹. Essa atitude tornou a jornalista símbolo do Movimento #MeToo no país. Após se tornar assunto de um documentário realizado pela BBC referente ao #MeToo, Ito deu os créditos ao movimento por ter dado a ela confiança para prosseguir com as acusações, acreditando não ser a única mulher a sofrer tais abusos. O site de notícias The Guardian⁴⁰ apontou que alguns dão o crédito a Shiori Ito pela forma como estupro e agressão sexual são vistos na sociedade japonesa atualmente.

Na China, o movimento foi abraçado por Sophia Huang Xueqin, jornalista e fundadora do Anti-Assédio Sexual, que desistiu de seguir a profissão de jornalista depois de ter sido assediada por um supervisor. Ela realizou uma pesquisa⁴¹ com jornalistas mulheres da China continental e concluiu que, das mais de 250 entrevistadas, 80% disseram já ter sofrido assédio sexual. Em 2018, Xu Yalu postou um artigo no aplicativo WeChat sobre como ela sofreu um ataque sexual de um homem em mais de uma ocasião em Shanghai. Com efeito, “o site de microblog Weibo e a o aplicativo WeChat foram inundados por uma onda de posts que revelou casos pessoais de assédios sexuais, o que chamou atenção

³⁹ #MeToo Japan: What happened when women broke their silence
[<https://www.bbc.com/news/world-asia-43721227> – acesso em 26 jan 2021]

⁴⁰ Shiori Ito, symbol of Japan’s MeToo movement, wins rape lawsuit damage
[<https://www.theguardian.com/world/2019/dec/18/shiori-ito-symbol-of-japans-metoo-movement-wins-lawsuit-damages> – acesso em 26 jan 2021]

⁴¹ The #MeToo shockwave: how the movement has reverberated around the world
[<https://www.telegraph.co.uk/news/world/metoo-shockwave/> – acesso em 26 jan. 2021]

para a campanha MeToo na China” (Zhou & Qiu, 2020, p.1)⁴², pelo que, o movimento tomou força com a #WoYeShi, que é a tradução para #MeToo.

A realidade da política chinesa trouxe aspectos que as mulheres sofrem diariamente, o silenciamento face a diversos abusos. Assim, mesmo com a exposição dos casos de assédio, elas foram forçadas a se calarem. Zhou e Qiu (2020) revelam em seu artigo artigo que, como todas as formas de feminismo digital, a versão chinesa do MeToo foi inevitavelmente curta por conta da censura na internet. Tanto assim é que, pelo menos seis homens, que tinham sido acusados publicamente de agressão sexual ou assédio, conseguiram inverter seus processos e se tornaram vítimas por difamação⁴³. Porém, mesmo com dificuldade, em 2019, começaram a sair as primeiras sentenças a favor das mulheres, em especial o caso da chinesa Liu Li, que segundo o site The Guardian, trouxe uma injeção de esperança para o movimento que tem lutado contra a censura, os processos e a detenção de ativistas que ocorreram no país.

Para a América Latina, o movimento #MeToo veio como mais uma forma da luta feminista se expressar contra seus opressores. Como, por exemplo, na Argentina um ano após o #MeToo nos Estados Unidos, o movimento chegou no país através da atriz Thelma Fardín, que denunciou um famoso ator argentino de a ter estuprado, o que chocou a sociedade, gerando notícias em todos os jornais do país. A partir disso, dezenas de mulheres realizaram uma transmissão coletiva ao vivo para exporem seus assediadores. Entre esses depoimentos muitas comentaram que foi necessário realizar o aborto ilegal decorrente de estupros. O depoimento de Fardín fez com que dois dias depois de sua denúncia, a procura da linha telefônica nacional contra o abuso sexual infantil aumentasse em 1240%, segundo reportagem do El País⁴⁴. Ainda segundo o site de notícias, a acusação feita pela atriz “voltou a dar impulso ao movimento feminista na Argentina, que desde 2015, com o surgimento do movimento Ni Una Menos, saiu de forma maciça às ruas para exigir uma mudança cultural”. Esse, que foi um protesto contra a violência de gênero, ocorreu em diversas cidades da América Latina.

⁴² Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “the microblogging website Weibo and the mobile application WeChat were inundated by a wave of posts that disclosed personal cases of sexual harassment, which brought attention to the MeToo campaign in China.” (Zhou e Qiu, 2020, p.1)

⁴³ #MeToo: Elas denunciaram seus assediadores na China e estão sendo processadas por isso [https://oglobo.globo.com/celina/metoo-elas-denunciaram-seus-assediadores-na-china-estao-sendo-processadas-por-isso-24167887 – acesso em 26 jan 2021]

⁴⁴ Atriz denuncia colega por estupro e dá início a ‘#MeToo argentino’ [https://brasil.elpais.com/brasil/2018/12/13/internacional/1544729476_387468.html – acesso em 27 jan 2021]

O Movimento #MeToo tomou forma na Argentina através das redes sociais com as *hashtags* #NoNosCallamosMás e #MiraComoNosPonemos.

Palco de grandes manifestações, em 2011, no Chile se iniciou uma campanha forçando que Sebastián Piñera, presidente do país na época, a demitir o ministro de educação e investir no sistema educacional que na época era focado apenas no lucro das instituições. Sete anos depois, o mesmo presidente voltou ao poder e assim, ativistas iniciaram greves, ocupações e protestos contra o assédio sexual e a discriminação sexual que ocorrem dentro das universidades do país, tornando o movimento em questões feministas.

O movimento #MeToo chegou no Chile em 2018 assim que foram apresentadas alegações de assédio sexual contra um professor de direito da Universidade do Chile. As manifestações aconteceram nas ruas da capital do país e em poucos dias, a faculdade de direito foi ocupada por manifestantes que penduraram cordas de sutiãs nos portões da Universidade e pintaram slogans na parede com tinta vermelha. Em 20 de novembro de 2019 chegou às ruas de Valparaíso, no Chile, uma música que se tornou o hino atual do movimento feminista mundial. A canção que aborda o assédio contra a mulher e leva o nome de “Um violador en tu camino” (‘um violador no seu caminho’). Ela foi criada por um coletivo chileno chamado Las Tesis e se tornou viral nas redes sociais, chegou a ser adaptada e interpretada em dezenas de cidades no mundo, incluindo um evento com 10.000 mulheres na capital do Chile.⁴⁵

Alguns anos antes da *hashtag* MeToo ser utilizada no Twitter para expor casos de assédios sexuais, no Brasil já movimentava a *hashtag* PrimeiroAssédio, onde mulheres relatavam a sua primeira lembrança de quando sofreram algum tipo de assédio. Essa campanha teve início depois que uma participante (uma menina) do MasterChef Júnior ter sido alvo de comentários pedófilos no Twitter. O Coletivo ThinkOlga então lançou a #PrimeiroAssédio para expor um problema enraizado na sociedade.

Assim que o Movimento #MeToo teve início em 2017, as brasileiras também começaram a expor seus casos através da #EuTambém, acompanhada da *hashtag* utilizada pelas americanas. Alguns anos depois do #MeToo ter ocorrido nas redes sociais, um site foi lançado no Brasil para apoiar mulheres que sofreram assédio através de ajuda jurídica, psicológica e socioassistencial. A ideia do site veio após mulheres brasileiras

⁴⁵ Las Tesis sobre “Um violador em tu camino”: “Se nos escapó de las manos y lo hermoso es que fue apropiado por otras” [<https://www.bbc.com/mundo/noticias-america-latina-50690475> – acesso em 02 fev 2021]

denunciarem o produtor de cinema e curador de festivais internacionais Gustavo Beck de abusos sexuais. O site,⁴⁶ que leva o nome do movimento, também torna possível fazer denúncia de violência além de solicitar ajuda, onde a vítima é encaminhada para uma equipe preparada para o atendimento.

No mesmo ano que o site foi lançado, um caso repercutiu na internet, indignando as mulheres do Brasil. Abusada sexualmente, a *influencer* Mari Ferrer teve sua audiência exposta na internet, onde mostrava a sentença do juiz, absolvendo o réu que utilizou o termo estupro culposo (sem intenção de estuprar). Além da conduta dos advogados do réu em acusar a vítima de ser culpada por ter decidido beber e socializar com determinadas pessoas, a sentença fez com que protestos ocorressem na internet com a revolta da população. Dois mil e vinte foi um ano em que as mulheres no Brasil voltaram a questionar na internet os problemas e as injustiças que encaram, onde suas vozes não são ouvidas e diminuídas perante a sociedade.

O levantamento do Movimento #MeToo através do mundo é necessário para entender o impacto que teve – e continua a ter – na vida das mulheres. Segundo Zhou e Qiu (2020), “a propagação da campanha MeToo em todo o mundo através das redes sociais demonstrou o potencial da interação entre o *storytelling* individual e a ressonância pública, particularmente, na disseminação de ideias feministas e na formação de novos modos de discurso de gênero” (p. 2)⁴⁷. Para Brunner e Partlow-Lefevre (2020), o “#MeToo atende aos apelos feitos por feministas que buscam vincular as mulheres em esforços coletivos e diversos, um movimento necessário para que as feministas contemporâneas sobrevivam e tenham sucesso (p.7)⁴⁸, mostrando assim que as diferentes *hashtags* que chegaram nas redes sociais tiveram a capacidade de unir distintos grupos de mulheres e atingir seus diversificados objetivos, que vão desde a discriminação de gênero, passando por segurança no local de trabalho, misoginia e diferenças de classes através do globo.

⁴⁶ Grupo cria #MeTooBrasil após denúncias de abuso sexual no cinema nacional [https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/09/01/grupo-cria-metoo-brasil-apos-denuncias-de-assedio-no-cinema-brasileiro.htm – acesso em 03 fev 2021]

⁴⁷ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “The spread of the MeToo campaign worldwide through social media demonstrated the potential of the interplay between individual storytelling and public resonance, particularly in disseminating feminist ideas and shaping new modes of gender discourse. (Zhou e Qiu, 2020, p.2)”

⁴⁸ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “#MeToo answers calls made by feminists seeking to link women in collective and diverse efforts, a move necessary for contemporary feminist movements to survive and succeed.” (Brunner e Partlow-Lefevre, 2020, p.7)

Para Lang (2019), as *hashtags* feministas continuam pontuando o cenário das redes sociais, pelo que, os(as) investigadores(as) devem se atentar a esses eventos, como a escrita digital é utilizada para desafiar a cultura de estupro e que o movimento #MeToo

demonstra que a mídia digital permite que os usuários componham a personificação de sobreviventes de agressão sexual e assédio para desafiar a cultura do estupro, e demonstra que as mulheres, frequentemente sobreviventes, assumem a maioria do trabalho emocional, intelectual, físico e espiritual de compor essas experiências (p.19)⁴⁹.

Já Alaggia e Wang (2020) destacam que uma de suas descobertas foi que muitas vítimas não perceberam que sofreram algum tipo de assédio sexual até o movimento #MeToo ter chegado nas redes sociais:

Esses achados também destacam que um número preocupante de sobreviventes simplesmente não sabia que o que lhes tinha acontecido era abuso/agressão sexual. Em alguns casos, eles afirmaram que eram muito jovens para lembrar ou saber que o que estava sendo feito a eles era abusivo. Em outras situações, sobreviventes de agressão sexual que eram estudantes universitários/universitários descreveram estar incapacitados e não lembrar (através do uso de substâncias ou de serem drogados) o ataque(s). No entanto, eles viram e sentiram evidências da agressão mais tarde. Alguns contaram que foi só depois que obtiveram informações da leitura da imprensa popular, assistindo televisão e as últimas notícias do movimento MeToo que eles foram capazes de identificar que o que eles experimentaram foi uma violação sexual. (p.7)⁵⁰

Através da conscientização e informação nas redes sociais muitas pessoas começaram a perceber que certas atitudes que a sociedade trata como banal e normal, na realidade é uma violação a mulher. As mídias sociais digitais possibilitaram que as mulheres encontrassem um espaço onde sentissem segurança em vocalizar essas violações sexuais,

⁴⁹ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “demonstrates that digital media enables users to compose the embodiment of sexual assault and harassment survivors to challenge rape culture, and demonstrates that women, frequently survivors, take on the majority of the emotional, intellectual, physical, and spiritual labor of composing these experiences.” (Lang, 2019, p.19)

⁵⁰ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: These findings also highlight that a concerning number of survivors simply did not know that what had happened to them was sexual abuse/assault. In some cases, they stated they were either too young to remember or know what was being done to them was abusive. In other situations, sexual assault survivors who were college/university students described being incapacitated and not remembering (through substance use or being drugged) the attack(s). However, they saw and felt evidence of the assault later. Some recounted that it was only after they obtained information from reading popular press, watching television and the breaking news of the MeToo movement that they were able to identify that what they experienced was a sexual violation. (Alaggia e Wang, 2020, p.7)

tornando o engajamento através das hashtags em um canal de comunicação que alcançou mulheres através do globo.

3.2. O diálogo e o #MeToo

Kent & Taylor (2002), ao citarem Buber (1970), estabelecem que o diálogo deve reconhecer o valor do “outro”, como parceiro(a) de uma comunicação por igual. Assim, com diversas representatividades, as mulheres começam a ter seu lugar de fala, uma vez que a maioria já sofreu algum tipo de abuso ou não se sentiu confortável em alguma situação (Regulska, 2018).

Freire (1970) reitera que “tentar libertar os oprimidos sem sua participação reflexiva no ato de libertação é tratá-los como objetos que devem ser salvos de um prédio em chamas” (p. 65). A partir desse entendimento, Heger e Hoffmann (2019) destacam a importância do feminismo e de ter o conhecimento sobre o assunto:

O feminismo afirma empoderar as mulheres. Dependendo do paradigma feminista específico em jogo, capacitar as mulheres a participar vem na forma de abordagens distintas. Em cada caso, no entanto, uma suposição fundamental é que o feminismo deve aumentar a conscientização das mulheres sobre seu papel social e político e a diferença que elas podem fazer no combate à desigualdade baseada em gênero. (p.2)

Com aspectos da terceira onda feminista, onde preza a liberdade sexual feminina e luta contra a violência da mulher, o #MeToo aproveita da facilidade de comunicação dialógica das redes sociais para alcançar o maior número de pessoas, já que o uso da estratégia tecnológica e seus processos de comunicação ajudam a promover mudanças sociais (Wilkins, 2000).

São essas ações online que trazem concepções do quarto movimento feminista, que indica que “a internet não inventou o ativismo como resistência, mas ela potencializou essas ações por sua abrangência” (Oliveira, Ferrari & Machado, 2019, p. 664). Essa extensão que alcançou diversos países, trouxe voz pública às mulheres oprimidas de diferentes culturas, apresentou que há semelhanças em todas as regiões, comprovou que a luta de todas as mulheres precisa ser dialogada e capaz de representar todas as etnias.

O mais importante, em nossa busca por voz e por ação, precisamos reconhecer a diversidade. As mulheres variam de muitas formas, na cor da pele, etnia, orientação sexual, status trans, idade, crenças culturais e/ou status socioeconômico. Além disso,

suas marcas de identidade interseccionárias tornam algumas mulheres mais vulneráveis do que outras. Todas essas variações exigem que todas as suas vozes sejam ouvidas, reconhecidas e contadas com. (Regulska, 2018, p.6)

Para alcançar o tamanho que o movimento #MeToo atingiu foi necessário que as mulheres usassem o diálogo ao seu favor, tornando assim sua voz uma ferramenta de informação. Lane e Kent (2018) explicam que o diálogo, através do engajamento, pode ser um benefício aos envolvidos, pois “utiliza ferramentas, técnicas e canais que facilitam o acesso dos participantes à informação de maneiras que eles acham interessantes; e isso aumenta sua capacidade de resposta” (p.68)⁵¹, posicionando ideias sensíveis para a sociedade.

O diálogo se torna essencial para o movimento feminista em sua atuação através das redes sociais, pois faz o outro conhecer uma realidade diferente da sua, que Theunissen e Wan Noordin, (2012) consideram como relação e busca a mutualidade, onde o oprimido expõe sua situação ao opressor para mudar a sua difícil vivência em sociedade. A ampliação de vozes desconstrói a ideia de uma verdade e consegue “quebrar com o discurso autorizado e único, que se pretende universal. Busca-se aqui, sobretudo, lutar para romper com o regime de autorização discursiva” (Ribeiro, 2017, p.39).

Kent (2013) acredita que a população deve ter acesso a informação de questões públicas para uma sociedade democrática funcionar. A internet veio com a possibilidade de as pessoas conseguirem se informar com aquilo que tem interesse, criando a oportunidade de terem conhecimento em diversos assuntos e participarem de discussões em relação a essas questões públicas. Guanaes-Lorenzi (2017) refere que a espontaneidade se torna uma importante qualidade para a comunicação dialógica e a disseminação de informação através das redes sociais leva esse aspecto ao seu favor, uma vez que um assunto pode ser repercutido diversas vezes em um curto espaço de tempo, ampliando a participação social. Arif (2016) destaca o termo internet-cidadania em seu artigo, a partir do texto do filósofo Habermas (1989), no qual diz acreditar que se relaciona a “capacidade dos indivíduos participarem livremente de um discurso público para discutir questões sociais e influenciar o discurso político e as ações políticas em uma sociedade” (p.6)⁵².

⁵¹Tradução livre nossa feita a partir do texto original: (...) uses tools, techniques, and channels that facilitate participants' access to information in ways they find interesting; and that enhance their ability to respond. (Lane e Kent, 2018, p.68)

⁵²Tradução livre nossa feita a partir do texto original: (...) which refers to the individuals' ability to freely participate in a public discourse to discuss social issues and influence political discourse and political actions in a society. (Arif, 2016, p.6)

A tecnologia possibilitou que as mulheres encontrassem uma maneira de dar um fechamento a histórias que de alguma forma se tornaram um incômodo em suas vidas. Alaggia e Wang (2020) descrevem como essa campanha de sororidade acaba por libertar as mulheres de alguma forma.

(...) as mídias sociais tornaram-se uma nova opção para divulgar abuso sexual e agressão. O domínio digital oferece um precipitante significativo e uma via para a divulgação do abuso sexual (...) este novo achado é apoiado pela posição teórica do estudo de que as experiências de trauma, as oportunidades de crescimento da resiliência e o poder dos movimentos sociais estão convergindo para criar opções adicionais para o abuso sexual e divulgações de agressão. A natureza dos posts demonstra o significado das pessoas fazendo o processo ao descreverem ser libertadas para falar sua verdade dentro de uma voz coletiva online. (p. 7)⁵³

Sem esquecer de que nem todas as mulheres têm a oportunidade de utilizar as redes sociais, uma vez que ainda existe uma grande desigualdade no mundo e o acesso à Internet acaba por se tornar restrito, Roper (2002) acredita que, mesmo assim, os países que podem se beneficiar de tal ferramenta são aqueles que podem começar a mudança social com mais eficácia. Já Regulska (2018) pontua o poder que as mulheres ao redor do mundo conseguem ao ressoar suas histórias, apresentando oportunidades de abordar diferentes experiências culturais e perspectivas, ampliando a abordagem do feminismo e a aprendizagem que essas diferentes culturais podem acrescentar à história do movimento feminista.

⁵³Tradução livre nossa feita a partir do texto original: (...) social media has become a new option for disclosing sexual abuse and assault. The digital domain offers a significant precipitant and avenue for disclosing sexual abuse (...) this novel finding is supported by the study's theoretical position that the experiences of trauma, opportunities for resilience growth, and the power of social movements are converging to create additional options for sexual abuse and assault disclosures. The nature of the posts demonstrates people's meaning making process as they describe being freed up to speak their truth within a collective voice online. (Alaggia & Wang, 2020, p. 7)

Capítulo IV.

Estudo Empírico

4.1. Metodologia

Após revisão literária sobre os temas que cercam nosso objeto de estudo, constatamos que as redes sociais são imprescindíveis e uma importante ferramenta para a luta feminista atualmente. Para compreender o efeito que o Movimento #MeToo teve – e segue tendo desde seu início – analisaremos a repercussão que a *hashtag* MeToo continua a ter na rede social Twitter. Assim, pretendemos responder a seguinte pergunta de partida: O ciberfeminismo, alimentado por *hashtags* em redes sociais, se tornou em um veículo de comunicação seguro e eficaz para a denúncia os casos de assédio?

4.1.1. Objetivos

O objetivo principal proposto neste trabalho é analisar o nível de adesão ao Movimento #MeToo a nível mundial a partir da análise de conteúdo à rede Twitter.

Para os objetivos específicos pretende-se:

- Estudar o impacto das redes sociais digitais, enquanto veículo de comunicação dialógica, no alcance da popularidade e credibilidade do Movimento #MeToo.
- Comparar a apropriação do Movimento #MeToo pelas diversas culturas onde o alcance foi mais significativo.

4.1.2. Técnica aplicada

A técnica que decidimos utilizar para a investigação foi a análise de conteúdo. Esta forma de análise nos possibilita ter uma melhor compreensão da atuação do Twitter no Movimento #MeToo, além de ser um modelo de análise amplo e sistemático que, através da interpretação dos dados selecionados e dos critérios de análise pré-estabelecidos, nos permitirá responder à nossa questão.

A parte teórica da metodologia será baseada nas obras de Bardin (1977), Moraes (1999), Higgins e Ribeiro (2018), Ramos (2013) e Cervi (2009). A escolha da primeira autora se deu por sua notória contribuição para o campo das pesquisas metodológicas. Bardin defende que a análise de conteúdo “não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (1977, p.31).

Já Moraes (1999, p. 2) acredita que a

(...) metodologia de pesquisa faz parte de uma busca teórica e prática, com um significado especial no campo das investigações sociais. Constitui-se em bem mais do que uma simples técnica de análise de dados, representando uma abordagem metodológica com características e possibilidades próprias.

Higgins e Ribeiro (2018) defendem que o estudo das Ciências Sociais encontra a dificuldade em elucidar os “efeitos suprainstanciais da ação humana” (p.33) e Ramos (2013) complementa ao referir que, quando utilizado um método funcional corretamente, possibilita atingir resultados, mesmo que relativos, uma vez que não há neutralidade no tema de pesquisa e sua abordagem teórica.

Para a realização da parte empírica deste trabalho decidimos utilizar o método misto de investigação (qualitativo e quantitativo). Ao defender o uso da análise qualitativa de conteúdo, Moraes cita que:

A análise de conteúdo, em sua vertente qualitativa, parte de uma série de pressupostos, os quais, no exame de um texto, servem de suporte para captar seu sentido simbólico. Este sentido nem sempre é manifesto e o seu significado não é único. Poderá ser focado em função de diferentes perspectivas. (1999, p.2)

O objetivo da metodologia qualitativa é conseguir explicar determinados fenômenos sociais de diferentes maneiras (Kvale et al, 2011, p.12). Daymon e Holloway (2010) explicam que as “pesquisas qualitativas são meios poderosos de obter uma compreensão profunda e holística da relação entre cultura internacional e comunicação a partir da perspectiva daqueles dentro de uma sociedade ou grupo étnico” (p.7)⁵⁴.

Já a metodologia quantitativa, além de reduzir uma potencialmente grande quantidade de dados a um resultado, traz o propósito de realizar associações entre diversas características que acabam por trazer indicadores que representam o objeto analisado (Cervi, 2009), além de que, através da tecnologia, foi-se tornando possível quantificar de forma eficaz questões que são representadas através das Ciências Sociais (Ramos, 2013).

Para Higgins e Ribeiro (2017), as redes sociais podem ser analisadas através de um conjunto de métodos quantitativos que são aplicados em dados relacionais, onde a mensuração dos resultados na área de “Ciências Sociais é um tipo de interpretação, ou hermenêutica, que tem por foco o valor extensional dos dados” (p.31).

⁵⁴ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: Qualitative research methods are a powerful means of gaining an in-depth, holistic understanding of the relationship between international culture and communication from the perspective of those inside a society or ethnic group. (Daymon e Holloway, 2010, p.7)

A partir desse entendimento, acreditamos que ambos os métodos se enquadram nos dos requisitos do estudo que iremos apresentar em seguida.

4.1.3. Plataforma: Twitter

A escolha desta rede social surgiu através da necessidade de analisarmos uma plataforma que acompanhe a fluidez da internet, possibilitando a ampliação de debates públicos, que tolere um maior número de usuários na participação das discussões e que tenha uma circulação mais livre das informações (Recuero, Zago & Soares, 2017). Assim, a nossa opção foi o Twitter, pois é uma rede social dinâmica que atende aos pontos citados anteriormente.

Primeiramente, como revisado na literatura, o Twitter foi a primeira rede social no qual o movimento #MeToo viralizou, lembrando que ocorreu o movimento quando eclodiu nesta rede depois do *post* de denúncia da atriz Alyssa Milano, chegando a mais de 1,5 milhões⁵⁵ de respostas de mulheres compartilhando suas histórias.

Outro fator a ser considerado é a quantidade de pessoas que utilizam a rede social. Barriga (2017) explica que o Twitter se tornou popular “pela simplicidade da sua interface e pela eficácia das ferramentas para a exploração das características mais marcantes da *Web* e da sociedade em rede: instantaneidade, interatividade, personalização, hipertextualidade, mobilidade e convergência” (p.29).

O último levantamento⁵⁶ mostra que, no início de 2019, o Twitter já contava com 330 milhões de usuários ativos mensalmente, além da publicitação estatística⁵⁷ que possibilita saber a quantidade de pessoas por países que usam o Twitter, tornando-se, assim, em uma rede social digital que está implementada em diversos territórios. Os cinco primeiros países em que a rede é mais usada são, respectivamente, Estados Unidos da América (69,3 milhões de usuários), Japão (50,9 milhões), Índia (17,5 milhões), Reino Unido (16,45 milhões) e Brasil (16,2 milhões).

⁵⁵ Alcance e Impacto do movimento #MeToo no Twitter viram tema de pesquisa [https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2019/09/12/impacto-do-movimento-metoo-no-twitter-vira-tema-de-pesquisa.htm?cmpid=copiaecola – Acesso em 15/03/2021 às 17:50]

⁵⁶ Top 10 Twitter Statistics – Updated November 2020 [https://zephoria.com/twitter-statistics-top-ten/ Acesso em 15 de abr de 2021]

⁵⁷ Leading countries based on number of Twitter users as of January of 2021 [https://www.statista.com/statistics/242606/number-of-active-twitter-users-in-selected-countries/ - Acesso em 15 de abr de 2021]

Outra razão pela escolha dessa rede social é a fácil captação de palavras, por ser uma forma de comunicação assimétrica, mas rápida, seus usuários diversificaram a forma em que acompanham as conversas que emergem no Twitter (Page, 2012) e as *hashtags* se tornaram num método de participar dos principais assuntos.

Estas *hashtags* podem ser usadas para transformar um termo pesquisável e, portanto, visível para outros que estão interessados em *tweets* escritos sobre o mesmo tópico. Quando uma *hashtag* é usada com frequência suficiente, ela pode ser listada na barra lateral dos '*trending topics*' do site do Twitter, promovendo assim um tópico ou termo (e, portanto, os *tweets* e seus autores) para um público que se estende muito além da lista de seguidores da pessoa que usou a *hashtag* (ibid, p. 184)⁵⁸. A *hashtag* não é nada mais do que uma ferramenta dentro do próprio Twitter que agrupa diversos conteúdos sobre um tema, que facilita a pesquisa sobre um determinado tópico desejado, podendo destacar um assunto em questão para todos os usuários da rede quando muitas vezes utilizada.

4.1.4. Amostragem

A partir desse entendimento sobre as *hashtags* utilizadas no Twitter, determinámos que a pesquisa deste estudo seria através da principal *hashtag* (#) utilizada em torno do assunto, a #MeToo. O critério de escolha foi o nosso entendimento da língua portuguesa, inglesa e espanhola, possibilitando assim abranger uma quantidade diversos de países que utilizaram essa *hashtag* para comunicação no Movimento #MeToo.

A pesquisa foi delimitada para o período de 25 de abril a 29 de abril de 2021, o que nos gerou uma quantidade de 8.715 *tweets*. A escolha dessas datas veio por meio de abril ser considerado, nos Estados Unidos, o mês da conscientização sobre assédio sexual. A intensão de coletar os dados no final do mês aconteceu pelo maior número de pessoas que poderiam ser impactadas com as *hashtags* referentes a essa conscientização durante o mês, chegando a mais usuários do Twitter do que se os dados fossem coletados no começo do mês, além de também conseguirmos captar novas ondas do Movimento #MeToo nessas datas.

⁵⁸ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: Hashtags can be used to make a term searchable and therefore visible to others who are interested in tweets written about the same topic. When a hashtag is used with sufficient frequency, it may be listed in the 'trending topics' sidebar of the Twitter site, hence promoting a topic or term (and hence the tweets and their authors) to an audience which extends far beyond the follower list of the person who used the hashtag. (Page, 2012, 184)

Para a recolha de dados necessários utilizamos a plataforma *Ltweet*, ferramenta que foi elaborada pelo laboratório de comunicação da Universidade Federal do Maranhão, Brasil, que nos possibilitou realizar a busca de cada *hashtag* separadamente. Segundo o site⁵⁹ do desenvolvedor, o *LTweet* é uma ferramenta simples que auxilia pesquisadores nas coletas de dados na plataforma Twitter através de um usuário ou um termo de busca.

Após de efetuada a coleta de dados, utilizamos uma segunda ferramenta para a realização da leitura dos mesmos, o *Iramuteq*, que: “é um *software* gratuito de código fonte aberto, licenciado por *GNU GPL* (v2), que utiliza o ambiente estatístico do *software* R. Assim, como os outros *softwares* de fonte aberta, ele pode ser alterado e expandido por meio da linguagem Python” (Salviati, 2017, p.4). O *software* consiste na preparação dos dados e escrita de *scripts* que serão analisados, exibindo, assim, os resultados em sua interface.

4.2. Resultados

A pesquisa realizada nos dias selecionados gerou um resultado total de 8.715 *tweets*. A partir desse número, selecionamos os *tweets* em sete diferentes categorias: 1^a) relatos contados pelas(os) usuárias(os) (89 *tweets*), 2^a) assuntos diretamente relacionados com o movimento #MeToo (2.797 *tweets*), 3^a) discurso de ódio relacionado com o Movimento #MeToo (47 *tweets*), 4^a) *tweets* não relacionados com o movimento #MeToo (922 *tweets*) - esses que apenas utilizaram a *hashtag* MeToo porque a mesma estava em destaque no Twitter - 5^a) apenas *hashtags* (545 *tweets*), 6^a) conversas entre usuárias(os) (3.078 *tweets*), 7^a) idiomas diferentes do inglês, português ou espanhol (1.237 *tweets*).

Após a realização da primeira triagem, decidimos utilizar os *tweets* que foram relacionados ao #MeToo, os relatos de assédio sexual, os discursos de ódio e os *tweets* em outros idiomas, totalizando nossa base de dados em 4.169 *tweets* para análise final.

A primeira parte da análise foi dividida por idiomas, assim foi possível analisar individualmente os *tweets* em inglês, em espanhol e, por último, em português, para então compreender o que as(os) usuárias(os) estavam comentando sobre o Movimento #MeToo em diversos territórios do planeta. Para realizar esse estudo, usamos duas análises diferentes que o *Iramuteq* disponibiliza.

A primeira apresentada é o método de *Reinert*, umas das principais análises do *Iramuteq*, que funciona através da lógica de correlação, ou seja, o texto desejado é processado de uma forma que são identificadas classes de vocabulários, onde é possível

⁵⁹ Labcom [<https://www.labcomdata.com.br> – acesso em 18 de abril de 2021]

perceber a ideia principal que o corpus textual pretende transmitir. Salviati (2017) explica que:

Nessa análise, os segmentos de texto são classificados de acordo com seu respectivo vocabulário e o conjunto de termos é particionado de acordo com a frequência das raízes das palavras. O sistema procura obter classes formadas por palavras que são significativamente associadas com aquela classe. (p.46)

Já a segunda análise será realizada através da nuvem de palavras, que consiste na organização de um grupo de termos que estão estruturadas em formato de nuvem. A apresentação desses vocábulos é feita em diferentes tamanhos, onde as palavras maiores representam maior importância no corpus textual, e as menores correspondem a uma menor frequência no texto. É uma análise simples, porém, interessante, uma vez que “possibilita rápida identificação das palavras-chaves de um corpus, isto é, a rápida visualização de seu conteúdo, pois as palavras mais importantes estão mais perto do centro e graficamente são escritas com fonte maiores.” (p.79).

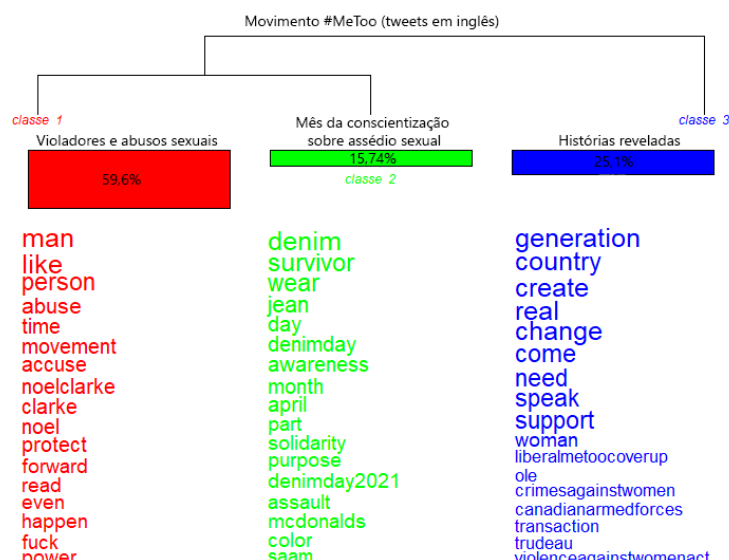
Depois da análise dos tweets que foram realizados vinculados ao tema do Movimento #MeToo, avaliaremos os *tweets* que são voltados para o discurso de ódio e contra o Movimento #MeToo. Em seguida analisaremos os *tweets* que são os relatos de abusos sexuais das usuárias. Por último realizaremos o estudo dos diferentes idiomas que utilizaram a *hashtag* #MeToo e o que ocorreu para a mesma estar em alta em diversos países.

4.2.1. Análise em inglês

4.2.1.1 Método de Reinert em inglês

Para extrair os fatores sobre o Movimento #MeToo no idioma em inglês para a ferramenta de análise de *Reinert*, foi gerado um corpus composto por 1.290 segmentos de texto (TS), com o uso de 1.048 TS (81,24%) e 47.789 ocorrências (palavras, estruturas ou vocabulário). O conteúdo analisado foi categorizado em três classes, descritas de acordo com o tipo de suporte que o *tweet* tinha em relação ao Movimento #MeToo: Classe 1 – violadores e abusos sexuais, com 620 TS (59,16%); Classe 2 – mês da conscientização sobre assédio sexual, com 165 TS (15,74%); Classe 3 – histórias reveladas, com 263 TS (25,1%), conforme indicado na Figura 1.

Figura 1 – Resultado Método de *Reinert* em inglês



Fonte: Twitter e leitura do *software* Iramuteq

Descritivo


Classe 1) Violadores e abusos sexuais

Correspondeu a 59,16% (f = 620 ST) do total analisado. É notável que as primeiras palavras são “homem”, “pessoa”, “abuso”, “tempo”, “movimento”, “acusar” e em destaque o nome Noel Clark, ator britânico que foi acusado por 20 mulheres de assédio sexual. Essa classe acaba por apoiar as mulheres que conseguiram um dia denunciar seus violadores e expõe outros casos, mostrando a indignação das(os) usuárias(os). Mendes, Ringrose e Keller (2018) comentam que uma descoberta que tiveram em seus estudos é que a solidariedade das pessoas acaba por trazer uma consciência feminista, principalmente entre aqueles que utilizam as *hashtags* para se expressarem, reconhecendo que a violência sexual não é um problema individual de um sujeito, mas sim, uma questão estrutural.


Figura 2 – *Tweet* sobre o ator Noel Clarke e o Movimento #MeToo⁶⁰

⁶⁰ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “In light of the Noel Clarke news, I’m interested to know if anyone else has been #MeToo’d by someone still working in the film and TV industry that they’re too scared to name publicly? *raises my own hand*”



Rebecca Rideal  
@RebeccaRideal



Em face das notícias de Noel Clarke, estou interessada em saber se alguém mais sofreu #MeToo  por alguém que ainda trabalha na indústria de cinema e TV que está com muito medo de nomear publicamente.

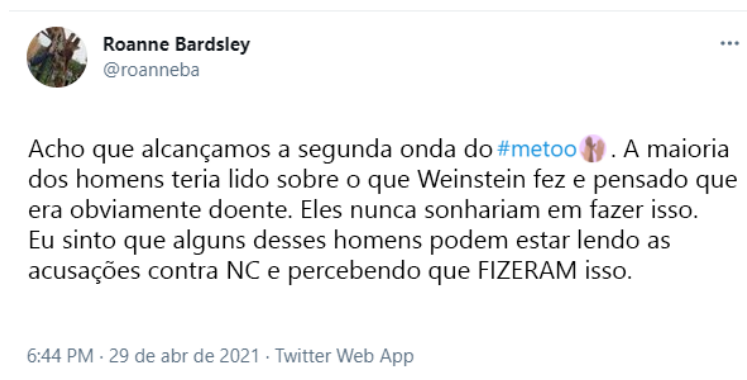
* levanto minha própria mão *

5:13 PM · 29 de abr de 2021 · Twitter for iPhone

Fonte: A partir do *software LTweet*

Além das mulheres pedirem para outras não se calarem, pois acreditam que muitas já sofreram abusos, as(os) usuárias(os) do Twitter acabam por apontar que muitas pessoas não veem como determinados comportamentos podem fazer uma mulher se sentir desrespeitada e violentada. Assim, acreditam que há a possibilidade de mudança ao revelar esses comportamentos opressivos.

Figura 3 – *Tweet* sobre possível segunda onda do #MeToo⁶¹

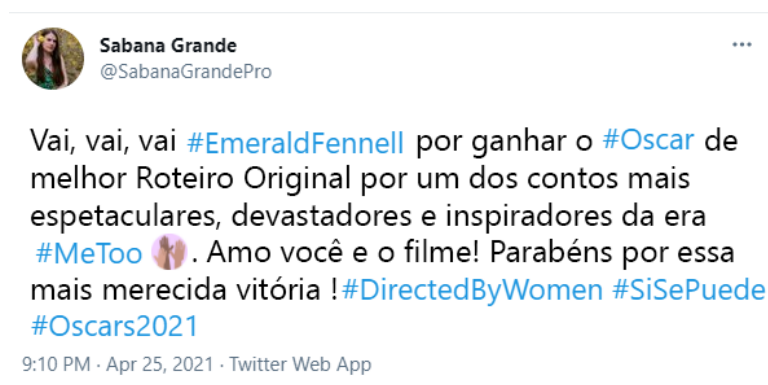


Fonte: A partir do *software* LTweet

Faramarzi, Esmailzadeh e Mosavi (2004) entendem que as pessoas acabam por tolerar determinadas atitudes por falta de empatia pela vítima, falta de conhecimento de como poder ajudar a diminuir os casos de violência e por, também, acreditarem que a vítima teria como se prevenir de uma situação perigosa, por isso, não devem se colocar no lugar da vítima (pessoa que sofre).

A edição de 2021 dos Óscares da Academia de Cinema ajudou a colocar a *hashtag* #MeToo em destaque. Foi tema recorrente, conforme se pode ver na figura 4.

Figura 4 - *Tweet* sobre a premiação do Oscar de 2021⁶²



Fonte: A partir do *software* LTweet

⁶¹ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “I think we've reached the second wave of #metoo. Most men would have read about what Weinstein did and thought it was obviously sick. They'd never dream of doing that. I feel like some of those men might be reading the allegations against NC and realising they HAVE done that.”

⁶² Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Go, go, go #EmeraldFennell for winning the #Oscar for best Original Screenplay for one of the most spectacular, devastating, inspiring tales of the #MeToo era. Love you and the film! Congrats on this most deserved of wins! #DirectedByWomen #SiSePuede #Oscars2021”

A rede social foi bastante utilizada para as pessoas comentarem sobre os filmes que estavam a concorrer pelo Óscar. Um deles foi o filme que ganhou como melhor roteiro original, *Promising Young Woman* (dirigido por Emerald Fennell, 2021), que conta a história de uma mulher que tinha um futuro promissor, porém, um caso de abuso sexual com sua melhor amiga acabou mudando a sua vida. O filme tem sua história vinculada ao Movimento #MeToo, porque mostra como a sociedade normaliza assédio e acaba acuando vítimas de violência sexual. Essa assimilação foi feita pelas(os) usuárias(os) do Twitter, que parabenizaram a obra por abordar um tema tão importante.

Classe 2) Mês da conscientização sobre assédio sexual

Envolveu 15,74% (165 TS) do corpus, foi a classe com menos porcentagem em relação a palavras, porém, a mensagem que esse grupo transmite foi voltada para a conscientização sobre a violência sexual. Abril destaca-se por ser um mês de campanhas permanentes de sensibilização dos usuários do Twitter em relação ao assunto.

Figura 5 – *Tweet sobre o Denim Day*⁶³



Fonte: A partir do *software LTweet*

O dia 27 de abril é conhecido como o *Denim Day* (O dia do jeans), no qual as mulheres usam *jeans* em protesto contra a objetificação sexual do corpo feminino. Uma contínua apropriação coisificada do corpo da mulher, a quem é imputada culpa por sofrer de assédio, nomeadamente, devido à roupa que veste, que é tratada como um mero objeto, com um corpo que merece ser olhado, tocado e usufruído, ignorando que por detrás das peças de roupas que estão em julgamento há um ser humano (Fairchild & Rudman, 2008).

Classe 3) Histórias reveladas

⁶³ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Denim Day is about supporting survivors of sexual assault and educating the masses. I stand against victim blaming and for empowering the survivors to heal and thrive. #DenimDay #MeToo #StopTheShaming”

Envolveu 25,1% (263 TS) do corpus. As palavras que se destacam são em sua maioria voltadas para um modelo de *tweet* que foi postado 278 vezes, nos quais as(os) usuárias(os) pedem que as mulheres se posicionem e contem suas histórias, pois somente assim vão conseguir mudanças significativas para a segurança de mulheres dessa e de futuras gerações.

Figura 6 – *Tweet* sobre a união das mulheres para o Movimento #MeToo⁶⁴



Fonte: A partir do *software LTweet*

As mulheres tentam mudar a realidade da dominação masculina, que se baseia no princípio de que o masculino é o ativo da relação sexual e o feminino é o passivo (Bourdieu, 2012), como inferior, lutando então para suas vontades serem ouvidas e não ignoradas. “A maioria dos órgãos legislativos e executivos são dominados por homens. A profissão jurídica é governada predominantemente por homens. Padrões patriarcais formam as normas” (Regulska, 2018, p.6). Com o conceito de que as esferas públicas são dominadas por homens, encontramos em nossos resultados outro tema que deve ser destacado nessa classe.

As(os) usuárias(os) utilizaram as redes sociais para criticar a postura dos oficiais militares do Canadá, que denunciaram que há casos no exército de má conduta e agressão sexual contra mulheres, mas raramente alguma atitude é tomada, tornando o ambiente militar um local de insegurança para as mulheres.

Figura 7 – *Tweet* sobre denúncias de assédio sexual no Exército canadense⁶⁵

⁶⁴ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Women need to speak up and support each other, it is about creating a real change in our country for us and for the coming generations. #Metoo”

⁶⁵ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Disgusting @JustinTrudeau knew it was a #MeToo complaint but swept it under the rug.”



NotlawDani
@NotlawDani



Nojento, @JustinTrudeau sabia que era uma reclamação #MeToo , mas varreu-a para debaixo do tapete.

8:37 AM · 29 de abr de 2021 · Twitter for Android

Fonte: A partir do *software LTweet*

Uma militar canadense usou o Facebook para contar detalhes de um abuso que sofreu, as(os) usuárias(os) do Twitter comentaram sobre esses casos e envolveram até o nome do Primeiro Ministro canadense, pedindo por mudança e para não acobertarem mais esses assédios, que continuam a limitar a participação de mulheres em profissões dominadas por homens, por conta da sensação de impunidade de suas ações.

4.2.1.2. Nuvem de palavras em inglês

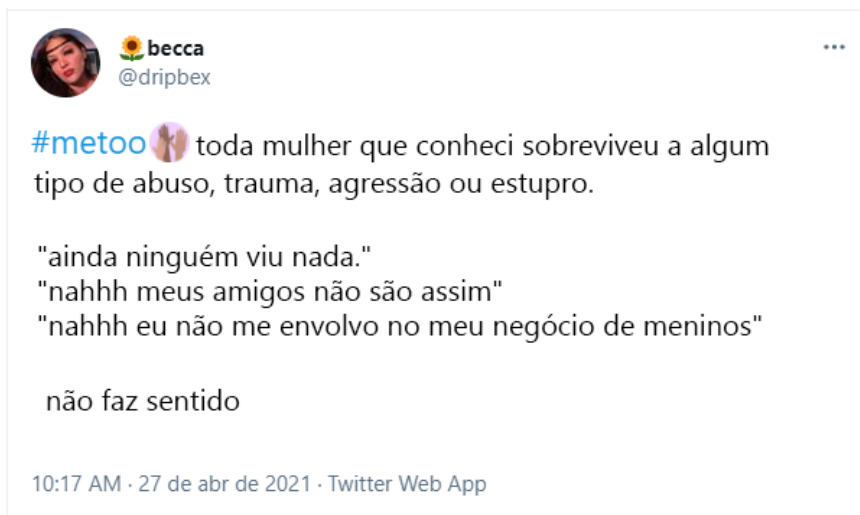
A análise através da nuvem de palavras destaca os termos mais recorrentes através da formação de grupos dos termos. Assim, foi realizada a análise de todas as palavras que foram coletadas em inglês nos *tweets*, que gerou o seguinte resultado:

Figura 8 – Resultado nuvem de palavras em inglês

Support, Change, Sexual, Speak e Generation

Próxima da palavra “woman” podemos notar os seguintes termos: “support” (suporte), “change” (mudança), “sexual”, “speak” (falar) e “generation” (geração). Isso ocorre por conta de o significado destas palavras soar como pedido de mudança da sociedade para as próximas gerações, acreditando que o ativismo online ajuda no bem-estar daqueles que lutam por algo (Foster, 2019).

Figura 9 - *Tweet* sobre toda mulher ter sido vítima de assédio sexual⁶⁶



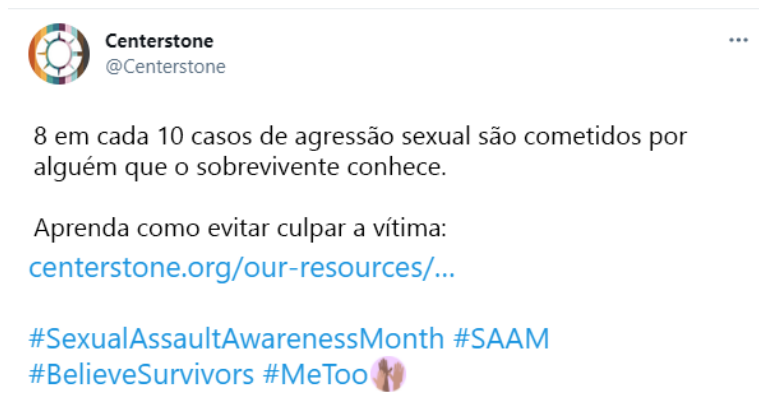
Fonte: A partir do *software LTweet*

O mês de abril foi um mês especial para o tema de abuso sexual, pois as pessoas usaram as redes sociais para conscientizar outras(os) usuárias(os) em relação ao assunto. Assim, foi possível encontrar *tweets* como:

Figura 10 – *Tweet* sobre as vítimas de agressão sexual conhecerem seu agressor⁶⁷

⁶⁶ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “#metoo every woman I've ever met has been a survivor of some type of abuse, trauma, assault, or rape. "yet nOOOOOOO ONE SEEN ANYTHING." "nahhhh my friends aren't like thaaaat" "nahh I don't get involved in my boys business" it doesn't add up”

⁶⁷ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “8 out of 10 cases of sexual assault are committed by someone the survivor knows. Learn how to avoid victim-blaming... #SexualAssaultAwarenessMonth #SAAM #BelieveSurvivors #MeToo”



Fonte: A partir do *software* LTweet

As mulheres precisavam de um canal de comunicação no qual que se sentissem seguras para vocalizarem suas histórias. Basta lembrar que a maioria delas já sofreu alguma forma de assédio, agressão, abuso ou/e violência sexual. Toda mulher que já foi assediada viveu uma situação semelhante a outra vítima, mas cada uma delas tem sua própria vivência (Regulska, 2018). Através do Movimento #MeToo, elas transformaram as redes sociais nesse espaço para defenderem seu lugar de fala e dar um basta às agressões de gênero.

Harassment

A palavra “harassment” (assédio) pode ser vista bem próxima a palavra “sexual”. Ela tem uma entonação forte por si só, mas combinada com a palavra “sexual”, descreve de uma forma simples o Movimento #MeToo, uma vez que a união das duas é exatamente aquilo o que o movimento tentar expor e combater.

Figura 11 – *Tweet* que contém as palavras assédio e sexual⁶⁸



Fonte: A partir do *software* Iramuteq

⁶⁸ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “What do you call those who defend men who have been accused of sexually harassing and violating multiple women? #metoo #rapeculture #BelieveWomen”

As(Os) usuárias(os) também encontraram na internet uma forma de questionar aqueles que acabam desmerecendo determinadas atitudes e tratando a agressão como se fosse apenas um erro ou um desentendimento da situação, não considerando ser um ato que pode ter afetado a vítima de maneiras mais graves.

Devido a *tweets* já comentados anteriormente em que as mulheres pedem para as outras falarem, porque somente assim conseguirão conquistar mudanças efetivas para elas e para as gerações futuras, as palavras “support”, “change” e “speak” também ganham ênfase, pois elas incitam à denúncia para haver mudanças, e a sororidade é um caminho importante para essa conquista.

Victim e Rape

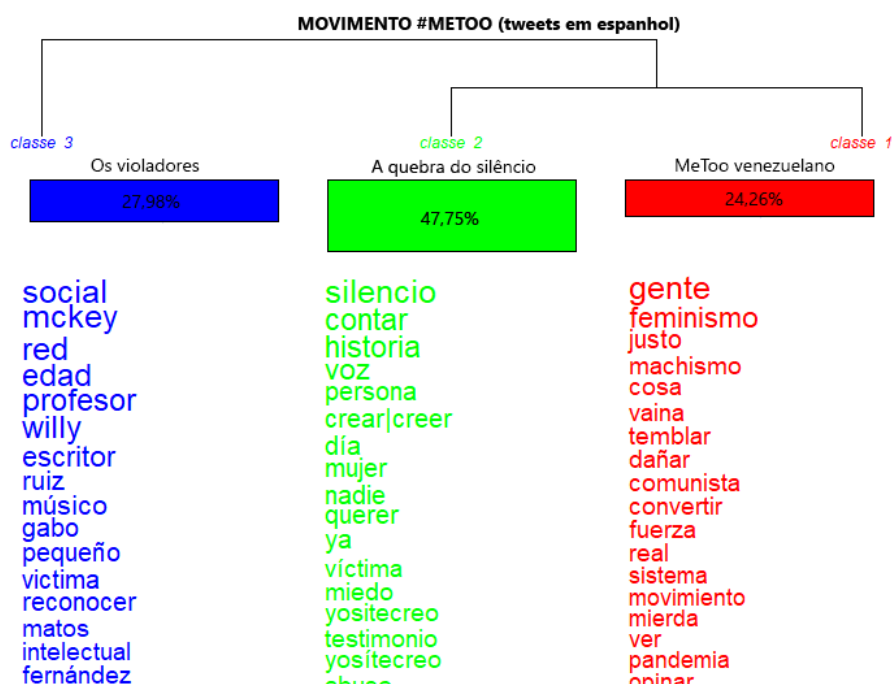
Menor, mas ainda próximas às palavras anteriores, é possível ver: “victim” (vítima) e “rape” (estupro) que tem associação com os termos “support” (suporte) e “speak” (falar). Os tweets encontrados tem a tendência de vincular que a vítima merece suporte e também que a mesma precisa se posicionar em relação aos casos de estupros e assédios que sofreram, também utilizando o termo mulher para destacar que essas vítimas normalmente são do gênero feminino.

4.2.2. Análise em espanhol

4.2.2.1 Método de *Reinert* em espanhol

Para obter os dados sobre o Movimento #MeToo em espanhol para o método de *Reinert* foi gerado um corpus composto por 852 segmentos de texto (TS), com o uso de 779 TSs (91,43%) e 30.344 ocorrências (palavras, estruturas ou vocabulário). Três classes foram formadas com o conteúdo analisado, divididas em temas diferentes conforme a sensibilidade de cada grupo, sendo elas: Classe 1) O MeToo venezuelano, com 189 TS (24,26%); Classe 2) A quebra do silêncio, com 372 TS (47,75%); Classe 3) Os violadores, com 218 TS (27,98%); (ver Figura 12).

Figura 12 – Resultado Método de *Reinert* em espanhol



Fonte: *Software Iramuteq.*

Classe 1) O #MeToo venezuelano

Correspondeu a 24,26% (f = 189 ST) do total analisado (ver Figura 12). É o grupo com menor porcentagem, abordando sobre feminismo, machismo, o comunismo e toda a força que as mulheres necessitam para expor casos de violência sexual, além de questionar a normalidade na aceitação de comportamentos abusivos.

Figura 13 – *Tweet sobre o #MeToo venezuelano*⁶⁹

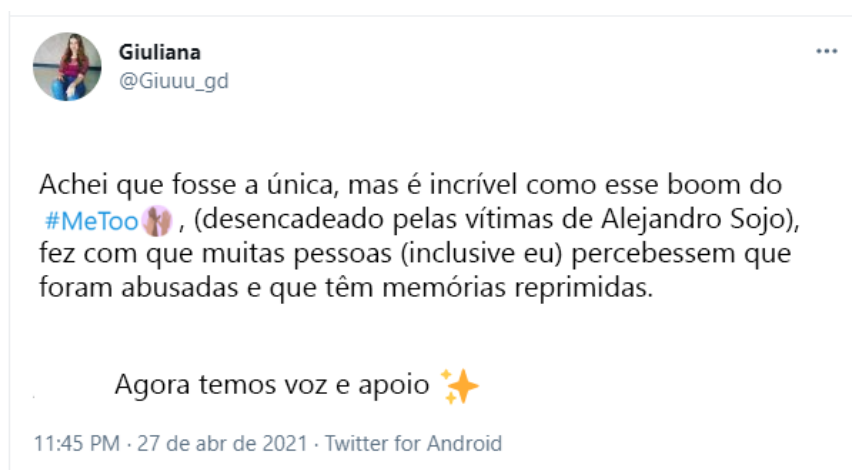


Fonte: A partir do *software LTweet*

⁶⁹ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Hay tantas cosas mal en la "Cultura" venezolana que están normalizadas, que es necesario que esto empiece a salir a la luz para que la gente se deconstruya y deje de normalizar comportamientos abusivos! #NiUnaMas #NiUnaMenos #MeToo”

Um dos incentivadores para o início do Movimento #MeToo na Venezuela foi o conjunto de denúncias feitas contra o cantor venezuelano Alejandro Sojo. O músico admitiu ter assediado sexualmente meninas menores de idade e no dia 24 de abril de 2021 fez um pedido de desculpa, que não foi aceite pelas vítimas⁷⁰. Após a sua declaração, as pessoas foram às redes sociais para se solidarizar com as vítimas e para expor novos casos.

Figura 14 – *Tweet* sobre a força do #MeToo⁷¹



Fonte: A partir do *software* LTweet

Clark (2016) explica que devido à dinâmica do Twitter, que se foca nos discursos em torno de acontecimentos sociais, ele acaba por ter uma “natureza agregativa dos protestos por *hashtags* o que os torna especialmente frutíferos para analisar os elementos dramáticos e a estrutura do feminismo online” (p.793)⁷², tornando a atuação do feminismo através de *hashtags* uma forma de ativismo diferenciado.

Classe 2) A quebra do silêncio

Abrangeu 47,75% (f = 372 ST) do total analisado (ver Figura 12). Este grupo está relacionado com a necessidade de as mulheres se unirem para quebrar o silêncio. Estes são *tweets* especificamente realizados para dar suporte a todas as vítimas e expor ao mundo que não é normal os comportamentos abusivos que as mulheres sofrem e que

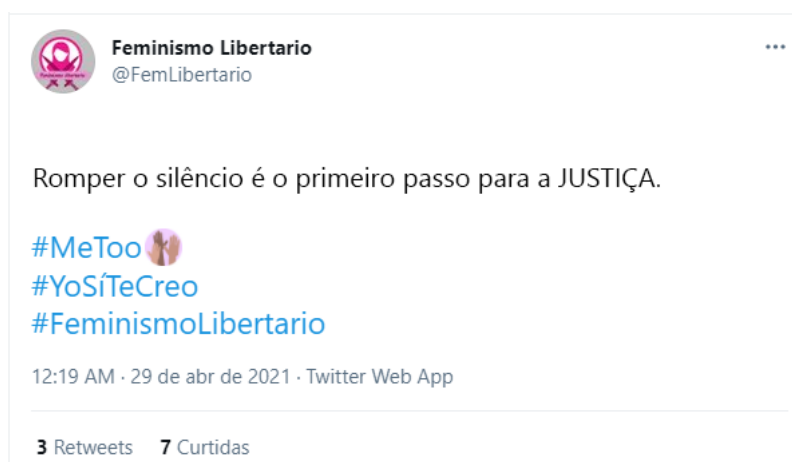
⁷⁰ Cresce el escandalo de abuso sexual del rockero venezolano Alejandro Sojo [https://quenoticias.com/entretenimiento/alejandro-sojo-estupro-los-colores/ - acesso em 14 jun 2021]

⁷¹ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Pensé que era la única, pero es increíble cómo este auge del #MeToo, (desatado por las víctimas de Alejandro Sojo), ha hecho que muchas personas (incluyéndome) se den cuenta de que fueron abusadas y de que tienen recuerdos reprimidos. Ahora tenemos voz y apoyo”

⁷² The aggregative nature of hashtag protests makes them especially fruitful for analyzing the dramatic elements and structure of online feminism. (Clark, 2016, p.793)

elas, antes de mais, não são culpadas, e, também, devem falar para começar a criar mudanças na sociedade venezuelana.

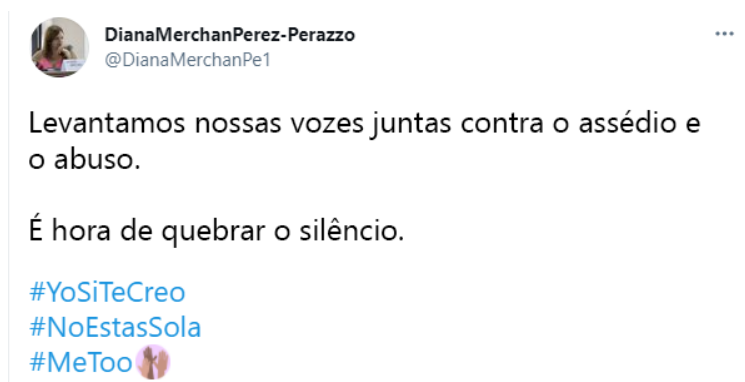
Figura 15 – *Tweet sobre romper o silêncio*⁷³



Fonte: A partir do *software LTweet*

As redes sociais seguem sendo uma fonte importante para as mulheres encontrarem um espaço para terem suas vozes ouvidas, um local de grande alcance para ter seu lugar de fala e assim, mais mulheres pedem que outras também usem desse espaço para ter mais força.

Figura 16 – *Tweet sobre mulheres se unirem*⁷⁴



Fonte: A partir do *software LTweet*

⁷³ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Romper el silencio es el primer paso para que haya JUSTICIA. #MeToo #YoSíTeCreo #FeminismoLibertario”

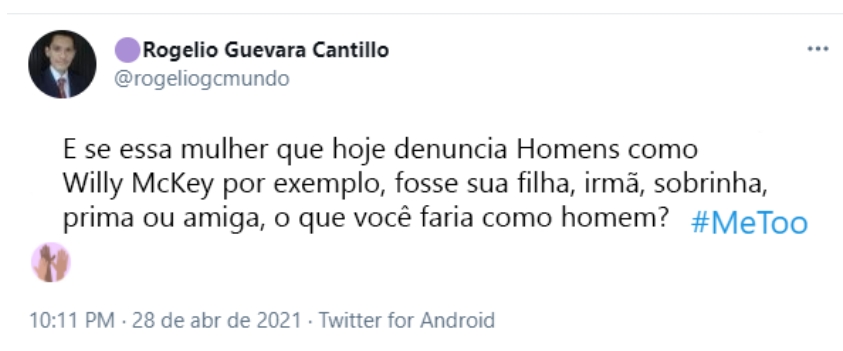
⁷⁴ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Levantamos nuestra voz unidas contra el acoso y el abuso. Es hora de romper el silencio. #YoSiTeCreo #NoEstasSola #MeToo”

Através da narrativa de minorias, as mulheres lutam pelo seu reconhecimento na sociedade. A partir de suas histórias individuais, elas encontram um ponto em comum para legitimar a luta feminista e conquistarem mudanças significativas para as mulheres (Hu, Mu & Huang, 2020). Com a internet, mais especificamente por intermédio das *hashtags*, elas conseguiram unir forças e fazer com que as pessoas ouçam suas vozes.

Classe 3) Os violadores

Envolveu 27,98% (f = 218 ST) do total analisado (ver Figura 12). Dentro deste grupo é possível ver duas palavras que formam o nome de um escritor venezuelano, esse que foi acusado de seduzir e abusar de uma menina menor de idade. Após as alegações chegarem às redes sociais, o escritor se suicidou.

Figura 17 – *Tweet* sobre o agressor Willy McKey⁷⁵



Fonte: A partir do *software* *LTweet*

A exposição do caso de Willy McKey foi outro incentivador para iniciar o movimento #MeToo na Venezuela e fortalecer as vozes das mulheres para contar suas histórias. Com estas ações, muitos homens e mulheres também foram para as redes sociais prestar suporte às vítimas.

Figura 18 – *Tweet* sobre o Movimento #MeToo na Venezuela⁷⁶

⁷⁵ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Y si esa mujer que hoy denuncia a Hombres como Willy McKey por ejemplo, fuese tu hija, hermana, sobrina, prima o amiga, ¿que harías tú cómo hombre? #MeToo”

⁷⁶ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Me encanta todo lo que está pasando con el movimiento #MeToo en Venezuela. Que si bien es un poco tarde, no tiene por qué ser menos admirable y loable, porque imponerse, no solo a gente poderosa sino a toda una cultura machista, no es cosa fácil. Ese cuestionamiento como sociedad”



Julio
@juliovilam



Eu amo tudo o que está acontecendo com o movimento #MeToo 🙌 na Venezuela. Que embora seja um pouco tarde, não tem que ser menos admirável e louvável, porque impor-se, não só aos poderosos mas a toda uma cultura machista, não é fácil. Esse questionamento como sociedade

7:05 PM · 29 de abr de 2021 · Twitter for Android

Fonte: A partir do *software LTweet*

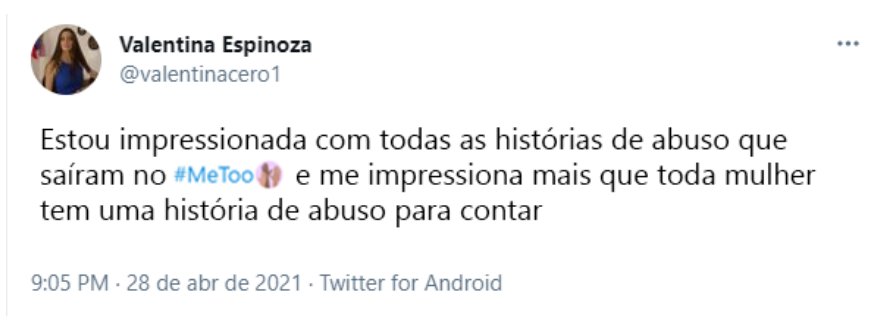
O Movimento #MeToo demorou alguns anos para chegar à Venezuela, levando em consideração que o mesmo teve início digital no Twitter nos Estados Unidos em 2017, porém, a força que o movimento ganhou nesses dias foi de extrema importância para começar o diálogo sobre violência sexual em um país que atualmente vive uma ditadura e muitos temas acabam sendo vetados.

4.2.1.2. Nuvem de palavras em espanhol

Para realizar o estudo através da nuvem de palavras, assim como nos tweets em inglês, para o espanhol também retiramos a #MeToo da análise, pois a quantidade de menções do MeToo foi de 1042 vezes, uma diferença muito grande referente à segunda palavra mais mencionada, que teve um total de 193 repetições. Assim obtivemos o seguinte resultado:

Figura 19 – Resultado nuvem de palavras em espanhol

Figura 20 – *Tweet* sobre o #MeToo e as histórias de abuso sexual⁷⁷



Fonte: A partir do *software LTweet*

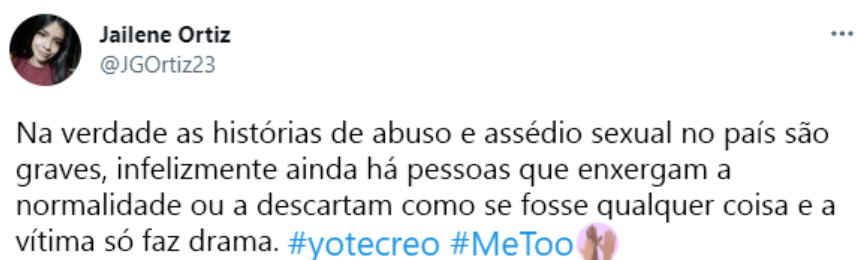
Por serem protagonistas no Movimento #MeToo, existirá sempre uma mulher para contar seu relato sobre algum tipo de assédio que já sofreu e antes não encontravam força ou espaço para poderem dialogar sobre o ocorrido. O uso da *hashtag* MeToo veio para tentar mudar essa realidade.

Abuso

A palavra abuso foi mencionada 205 vezes, foi o termo mais utilizado logo após a #MeToo, tornando-se assim o centro da nuvem de palavras.

Há diversos temas nos tweets encontrados que utilizaram o termo, um deles foi de usuário indignados como os abusos sexuais são normalizados pela sociedade, diminuindo a vítima ou até mesmo considerando seu relato uma falácia. A intenção de utilizar a *hashtag* #MeToo é vocalizar a dor das mulheres, a luta para não serem silenciadas e que agressões sexuais não devem ser tratadas como normais.

Figura 21 – *Tweet* sobre a gravidade dos abusos sexuais⁷⁸



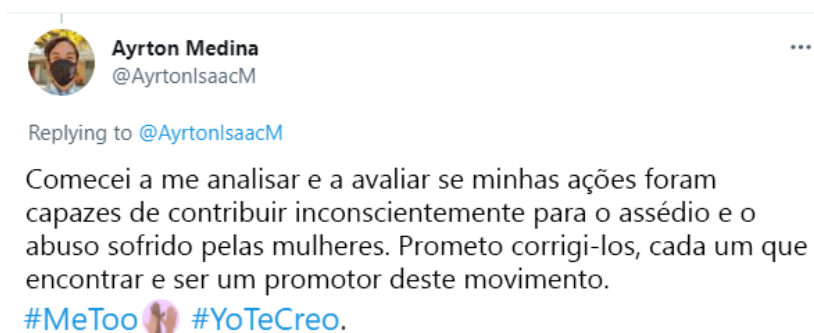
⁷⁷ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Me impresiona todas las historias de abuso que han salido por #MeToo y me impresiona más que toda mujer tiene una historia de abuso que contar”

⁷⁸ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Realmente las historias de abuso y acoso sexual en el país son graves, lamentablemente sigue existiendo personas que ven normalidad a eso o lo desestiman como si se tratara de cualquier cosa y la víctima solo hace drama. #yotecreo #MeToo”

Fonte: A partir do *software LTweet*

O Movimento #MeToo também teve alcance nos usuários masculinos do Twitter: eles adquiriram o conhecimento de que atitudes que possam soar como normais e não ofensivas para as mulheres, muitas vezes, resultado de ações inconscientes, na realidade podem ser o contrário do que eles acreditavam, fazendo, assim, refletir sobre seus comportamentos, evitando cometer qualquer ato ofensivo.

Figura 22 – *Tweet* sobre reconhecer as agressões sexuais⁷⁹



Fonte: A partir do *software LTweet*

Venezuela

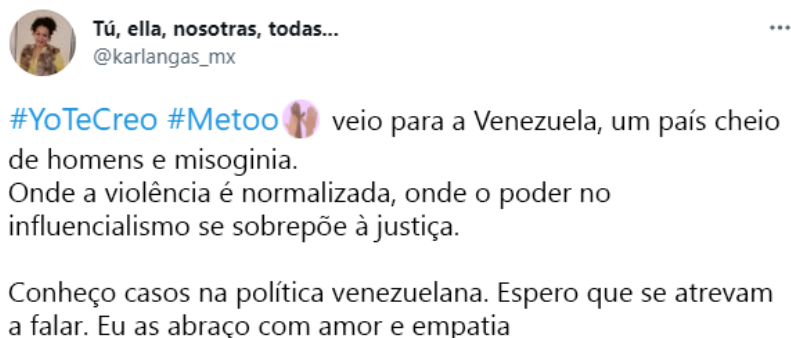
É notável a força com que o Movimento #MeToo chegou nas redes sociais da Venezuela depois das denúncias realizadas contra o escritor Willy Mckey. Com isso, era esperado que o nome do país ganhasse destaque entre os *tweets* coletados. Assim, o termo foi reportado 186 vezes, se tornando o terceiro mais mencionado.

Desse modo, encontramos *tweets* onde as(os) usuárias(os) pontuaram a necessidade de um movimento como o #MeToo na Venezuela – por considerarem um país ainda muito misógino, onde a violência sexual acaba por ser normalizada – com a esperança de que as mulheres tenham coragem e suporte para conseguirem denunciar seus agressores.

Figura 23 – *Tweet* sobre a chegada do #MeToo venezuelano⁸⁰

⁷⁹ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “He comenzado a analizarme y evaluar que mis acciones han podido colaborar inconscientemente al acoso y abuso que sufren las mujeres. Me comprometo corregirlas, cada una de las que encuentre y ser promotor de este movimiento. #MeToo #YoTeCreo.”

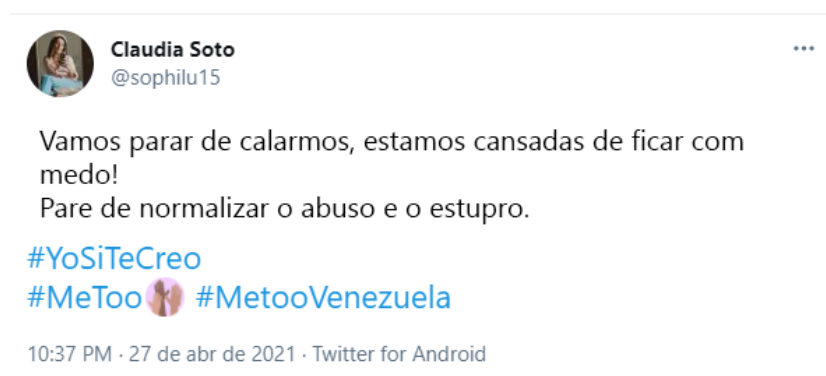
⁸⁰ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “#YoTeCreo #Metoo llegó a Venezuela, a un país lleno de machos y de misoginia. Donde la violencia está normalizada, donde el poder en influyentismo pasa por encima de la justicia. Conozco casos en la política venezolana. Ojalá se atrevan a hablar. Las abrazo con amor y empatía”



Fonte: A partir do *software LTweet*

Duas palavras que aparecem em evidência são na realidade duas *hashtags* também usadas pelo Movimento #MeToo de países que têm o idioma espanhol: as *hashtags* #YoSiTeCreo e #YoTeCreo acompanham a *hashtag* #MeToo para mostrar solidariedade ao dizer que acreditam nas histórias destas mulheres e que encontram credibilidades nos relatos contados, como por exemplo, o *tweet* abaixo:

Figura 24 – *Tweet* sobre enfrentar a normalização dos abusos⁸¹



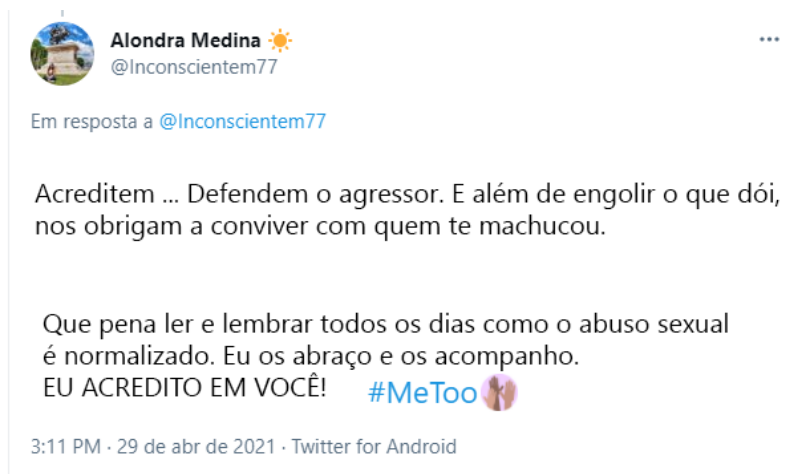
Fonte: A partir do *software LTweet*

Outro grupo de termos que acabam por ter uma grande relevância são: “sexual”, “víctima” (vítima), “acoso” (assédio) e “creer” (acreditar). Essas são palavras que acabam por completar e estão em conjunto com aquelas que se encontram em destaque. Por exemplo, a palavra abuso geralmente vem acompanhada do termo sexual.

Figura 25 – *Tweet* sobre a normalização do abuso sexual⁸²

⁸¹ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “¡Dejemos de callarnos, ya estamos hartas de tener miedo! Dejen de normalizar el abuso y las violaciones. #YoSiTeCreo #MeToo #MetooVenezuela”

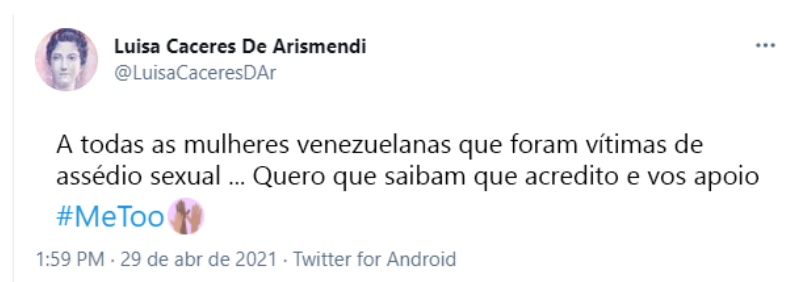
⁸² Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Crean... Que defiendan al abusador. Y además de tragarnos lo que duele nos obligan a convivir con el que te hizo daño. Que dolor



Fonte: A partir do *software* LTweet

É possível ver, como já comentado anteriormente, as mulheres se apoiando, a sororidade entre elas ao dizer que acreditam umas nas outras e estão ouvindo suas histórias. Entender e compreender a dor pela qual uma vítima passou é mostrar para mais mulheres que encontrar sua voz para falar é uma forma de pedir justiça. Assim, através dos *tweets* é possível verificar determinada frequência nas palavras mencionadas.

Figura 26 – *Tweet* em apoio as vítimas de assédio sexual⁸³



Fonte: A partir do *software* LTweet

4.2.3. Análise em português

4.2.3.1. Método de *Reinert* em português

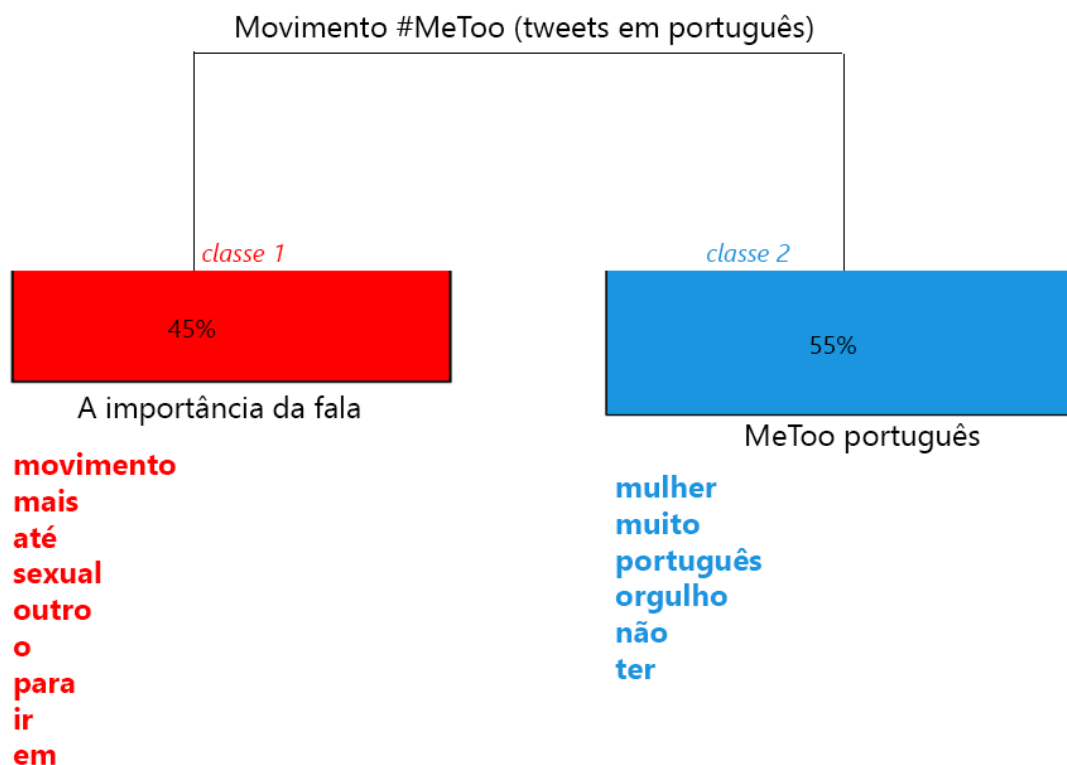
Para obter os resultados sobre o Movimento #MeToo em português para a ferramenta de análise de *Reinert* foi gerado um corpus menor comparado aos dois anteriores, composto por 31 segmentos de texto (TS), com o uso de 20 TSs (64,52%) e 1.091 ocorrências (palavras, estruturas ou vocabulário). Dessa vez, duas classes foram formadas com o conteúdo analisado, divididas em temas diferentes conforme a

leerlas y recordar todos los días lo normalizado que está el abuso sexual. Las abrazo y acompaño. YO TE CREO! #MeToo”

⁸³ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “A todas las mujeres venezolanas que han sido víctimas de acoso sexual... Quiero que sepan que yo les creo y las apoyo #MeToo”

sensibilidade de cada grupo, sendo elas: Classe 1) A importância da fala, com 9 TS (45%) e Classe 2) O MeToo português, com 11 TS (55%); (ver Figura 24).

Figura 27 – Resultado Método de Reinert em português

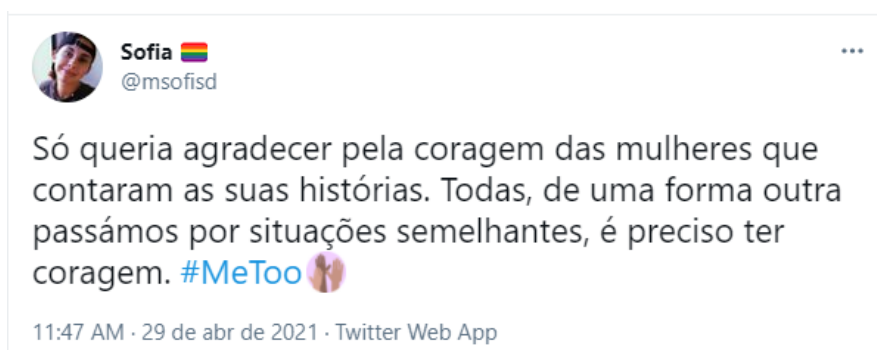


Fonte: Software Iramuteq.

Classe 1) A importância da fala

Envolveu 45% (f = 9 ST) do total analisado (ver Figura 24). Este grupo não é composto por uma grande quantidade de termos, ainda mais de palavras que sejam decisivas, porém, após análise dos *tweets* envolvidos nesse grupo, é possível notar que este conjunto de palavras está voltado para focar nas mulheres e sua força de fala para a luta contra o assédio sexual.

Figura 28 – *Tweet* sobre a coragem das vítimas em falar sobre o assédio sexual



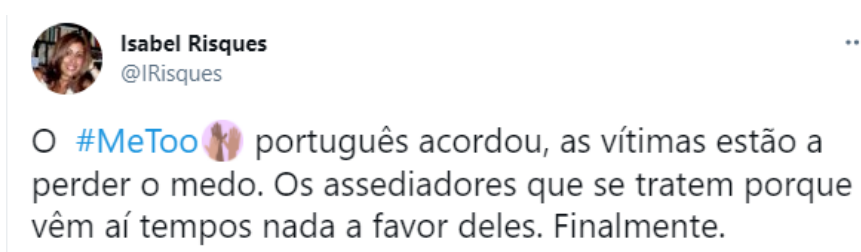
Fonte: A partir do *software LTweet*

As manifestações individuais acabam se amplificando em rápida velocidade nas mídias sociais digitais, provocando nos usuários o sentimento de identificação e solidariedade com as vítimas, promovendo ações coletivas de protesto através das redes sociais (Caetano, Castro & Rezende, 2019), tornando possível encontrarmos uma quantidade expressiva de *tweets* onde as mulheres se fortalecem umas às outras e as parabenizam pela força de expor casos que são tão sensíveis para muitas, aumentando o engajamento relacionado com a luta contra o assédio sexual.

Classe 2) O MeToo português

Envolveu 55% (f = 11 ST) do total analisado (ver Figura 24). Este grupo está voltado para o movimento #MeToo que chegou a Portugal no dia 29 de abril. Mesmo que o idioma abranja outros países, próximo aos dias em que foi realizado a coleta, Portugal teve 17 mulheres que contaram sobre os assédios sexuais que sofreram, trazendo assim, tweets que falam sobre abusos sexuais, em especial, em Portugal. Assim, como no restante no mundo, após essas mulheres começarem a dar a voz para o movimento, diversas outras usaram das redes sociais para se solidarizarem com as vítimas, além de expor novos relatos.

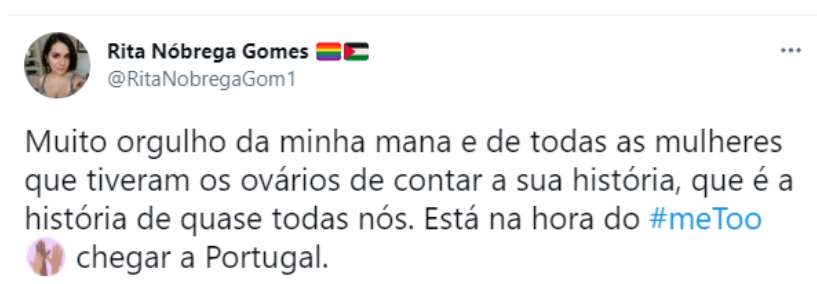
Figura 29 – *Tweet* sobre o #MeToo português



Fonte: A partir do *software LTweet*

É possível encontrar também *tweets* que estão ao lado das vítimas e focam na mudança que as mulheres podem atingir ao começar expor os casos de assédio sexual.

Figura 30 – *Tweet* sobre as mulheres que encontraram força para expor os casos de assédio sexual





Fonte: A partir do *software LTweet*

Medo

Há dois motivos que podemos analisar pela palavra medo por estar próxima ao termo mulher. O primeiro deve-se ao fato de algumas/alguns usuárias(os) questionarem quem deveria temer aderir ao movimento #MeToo em Portugal, insinuando que aqueles que já assediaram uma mulher, deveriam pressupor que em algum momento será exposto pelo Movimento #MeToo, uma vez que as mulheres começaram a expor seus abusadores.

Figura 33 – *Tweet* sobre a importância de partilhar os relatos de assédio sexual



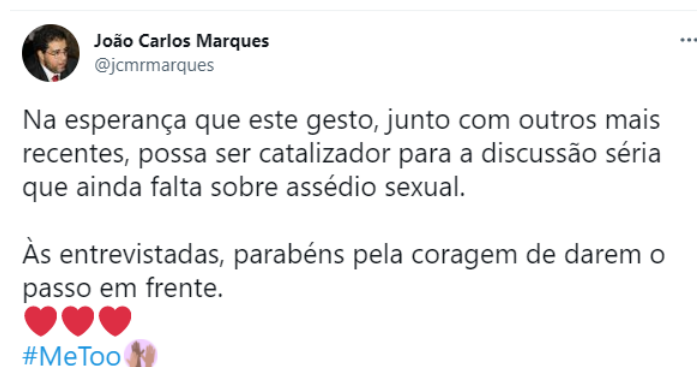
Fonte: A partir do *software LTweet*

O segundo motivo é devido ao medo que as mulheres sentem de serem as próximas vítimas. A realidade é que a qualquer momento toda mulher pode se tornar estatística e, assim, normalmente sentem o pavor de andarem sozinhas na rua ou de denunciarem suas histórias.

Assédio

A palavra assédio se encontra em um tamanho que gera um destaque, ainda mais por estar próxima a palavra mulher. O termo carrega forte significado para o Movimento #MeToo, pois são os relatos sobre assédios que fazem o movimento ter a importância que ele tem.

Figura 34 – *Tweet* sobre a importância de falar sobre assédio sexual



Fonte: A partir do *software* LTweet

Encontramos *tweets* de usuárias(os) que comentam que os relatos de assédios sexuais que ocorreram na revista *Sábado* era apenas a ponta do iceberg, que há muito ainda o que ser discutido em relação ao tema, pois existem muitas atitudes que podem ser tomadas que mudariam a realidade das vítimas de agressões sexuais e que influenciariam na diminuição de futuros ataques.

Silêncio

O termo silêncio ainda não havia ganho destaque dentro das análises anteriores, porém o mesmo está associado à força que as mulheres encontraram em suas vozes para quebrar o silêncio de terem sofrido alguma forma de assédio no passado e que acabaram guardando para si.

Figura 35 – *Tweet* sobre a quebra do silêncio

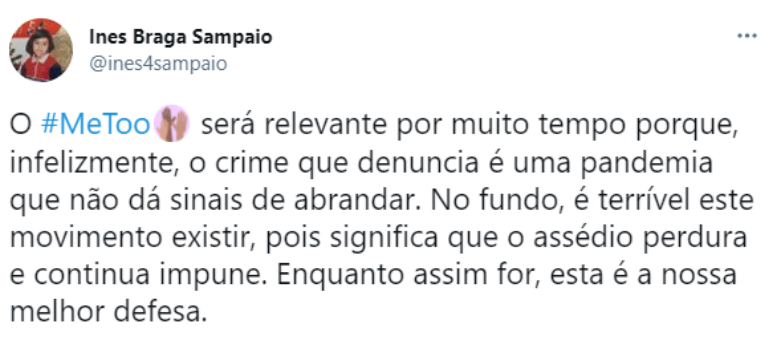


Fonte: A partir do *software* LTweet

Encontramos usuárias(os) que realçaram o valor que o ato de relatar os acontecimentos individuais das vítimas implicam em outras pessoas, fazendo assim com que o silêncio que perpetuou por tantos anos seja quebrado e que essas mulheres que sofreram abusos consigam encontrar paz e um fechamento para suas histórias.

Entre os *tweets* analisados, o mais frequente é encontrar usuárias(os) que querem lutar contra o que uma delas chamou de pandemia, e pontuam que as redes sociais acabam por se tornar o meio atual onde as mulheres encontram forças e voz para exigir mudanças.

Figura 36 – *Tweet* sobre a importância do #MeToo



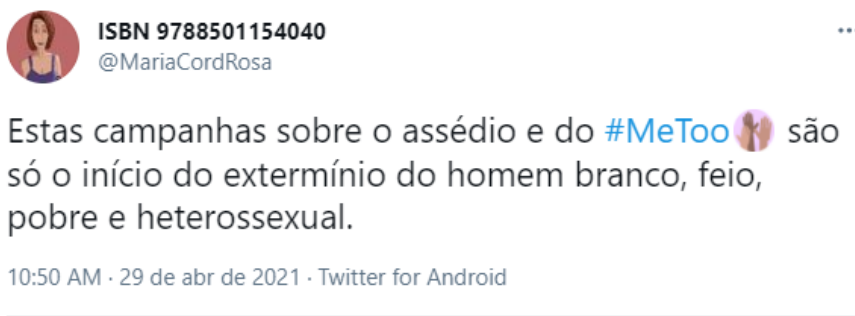
Fonte: A partir do *software* LTweet

4.3. Análise sobre o discurso de ódio

Encontramos em nossos resultados um total de 47 *tweets* que eram voltados contra o Movimento #MeToo. Esses que separamos e os denominamos como discurso de ódio foram definidos assim pois tentam “desrespeitar as mulheres, introduzir medo e insegurança” (Chetty & Alathur, 2018, p.113), além de desmerecer toda a ação que o Movimento #MeToo conquistou nas redes sociais. A análise foi realizada através de uma pesquisa feita diretamente nos *tweets*, e por não ser uma grande quantidade foi possível avaliarmos cada um deles.

Nossos resultados mostraram apenas um *tweet* em português, no qual uma mulher diz que o Movimento #MeToo só procura afetar os homens brancos, héteros, com baixo rendimento e que não sejam esteticamente bonitos para a sociedade.

Figura 37 – *Tweet* sobre o #MeToo e o homem que não se enquadra em um padrão

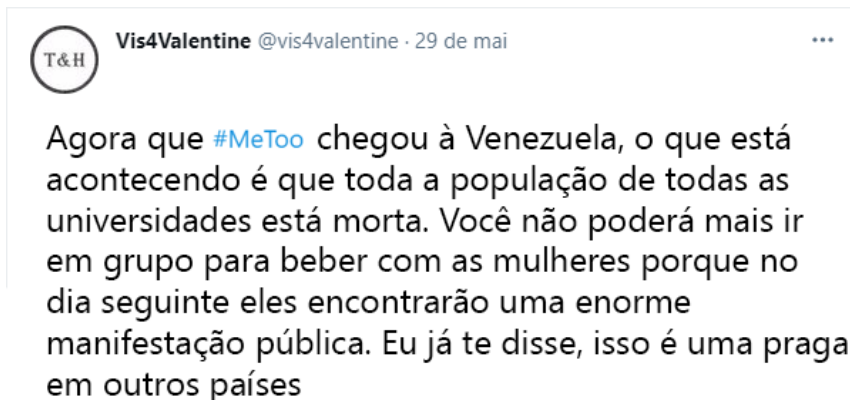


Fonte: A partir do *software LTweet*

A usuária acaba por insinuar que as mulheres só consideram assédios quando a ação vem de homens que não estejam dentro desse padrão mencionado, definindo que, por questões financeiras ou de estética, a mulher vai aceitar a violação sem questionar. O comentário afirma que as mulheres estão a eliminar e prejudicar homens que socialmente não se encaixam dentro de um modelo aceito ou que não faça parte de um grupo de minorias.

Também foi possível encontrar *tweets*, tanto em inglês quanto espanhol, sobre as pessoas que participam do Movimento #MeToo.

Figura 38 – *Tweet* sobre como o #MeToo afeta a vida dos homens ⁸⁴



Fonte: A partir do *software Ltweet*

As(os) usuárias(os) insinua(m) que aqueles que estão envolvidos em movimentos sociais na internet podem ser pessoas que vão denunciar qualquer um(a) por qualquer atitude tomada, mesmo inconscientemente.

⁸⁴ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Ahora que llegó #MeToo a Venezuela lo que se viene es que funen a la población entera de todas las universidades. Ya no se podrá ir en grupo a beber con mujeres porque al día siguiente se encontrarán con tremendo escache público. Ya les digo yo, esto es una plaga en otros países”

Figura 39 – *Tweet* sobre não contratar pessoas que participam de algum tipo de movimento social⁸⁵



Fonte: A partir do *software LTweet*

Como Keller, Mendes e Ringrose (2016) referem, todos aqueles que desafiam a misoginia de alguma forma acabam por se colocar em risco deste tipo de ataques, onde usuários encontram em seu discurso uma forma de diminuir a dor das vítimas e tornar os opressores como as reais vítimas da situação, tirando a credibilidade das pessoas que defendem por mudanças na sociedade.

Uma usuária também comentou que com a chegada do Movimento #MeToo na Venezuela provavelmente o futuro da liberdade de expressão nas redes sociais estaria em risco, como se as mulheres ao encontrarem na internet um canal para suas vozes serem ouvidas fosse uma ofensa à sociedade e não um caso também de usarem seu direito de expressão.

Figura 40 – *Tweet* sobre o #MeToo e a restrição ao direito de expressão⁸⁶

⁸⁵ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “If you are a business owner the metoo movement black lives terrorism is reason why you should never hire anyone from these groups. You are putting you company at risk of false accusations and employees pulling the race card . DONT HIRE PROTECT YOURSELF !#MeToo”

⁸⁶ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Lamento informarles a todos que ese poder que tiene macabramente las redes sociales es nefasto, perjudicial hasta inquisidor. No me gusta esos movimientos como el #MeToo lo que va traer es la restricción de las redes sociales a futuro cercenado el Derecho de Expresión de todos.”



Margarita Uzc @MargaritaUzc · 29 de mai



Lamento informar a todos que esse poder macabro que as redes sociais possuem é nefasto, danoso até inquisitivo. Não gosto desses movimentos como o [#MeToo](#), o que vai trazer é a restrição das redes sociais no futuro, cerceando o Direito de Expressão de todos.

Fonte: A partir do *software LTweet*

Em uma pesquisa, Braileanu *et al.* (2020) constataram que 73% de empresários homens que participaram de seu estudo têm medo de sofrer alguma denúncia relacionada com o Movimento #MeToo. Acreditando que o vínculo com mulheres no ambiente laboral pode acarretar um desentendimento na postura do profissional e levar a denúncias sexuais que prejudiquem a imagem da empresa.

4.4. Análise dos relatos

Os relatos de assédio das(os) usuárias(os) são de extrema importância para o Movimento #MeToo, pois sem eles a cadeia de *tweets* não teria dado início com tantas mulheres se solidarizando com outras. Em nossos resultados foi possível encontrarmos um total de 89 *tweets* que são relatos de usuárias que já sofreram algum tipo de assédio, abuso ou agressão sexual.

Os relatos das vítimas desencadeiam uma onda de novos relatos, porque, segundo Hu, Mu e Huang (2020), quando uma mulher descreve o assédio que sofreu, com detalhes de como isso a afetou psicologicamente, ela gera uma nova imagem de vítima. Essa ideia acaba recebendo o apoio de outras mulheres, que são mais propensas a terem empatia pela vítima (Baldry & Pagliaro, 2014). O discurso acaba encontrando outras mulheres que vivenciaram histórias similares e esse processo acaba atingindo milhares de pessoas. As redes sociais possibilitam que isso aconteça de uma forma rápida, expansiva e sem barreiras.

Figura 41 – *Tweet* sobre a compreensão de ter sido agredida sexualmente⁸⁷

⁸⁷ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “En 2018 comencé a entender. Leía testimonios de #MeToo y me agarró por sorpresa verme en tantos. A través de la voz valiente de otras aprendí a identificar abusos en mi pasado. Eventos confusos/dolorosos que enterré profundo, reaparecieron con claridad como lo q siempre fueron.”



Fonte: A partir do *software* LTweet

Também obtemos relatos de mulheres que conseguiram compreender que situações que sofreram no passado se enquadravam como abuso após lerem relatos de outras mulheres que passaram pelo mesmo. Alaggia e Wang (2020) destacam que as redes sociais aproximaram as mulheres de sua resiliência depois que elas conquistaram suas vozes e empoderamento através do Movimento #MeToo.

Figura 42 – Tweet sobre não se sentir sozinha em meio a tantos relatos de assédio sexual⁸⁸



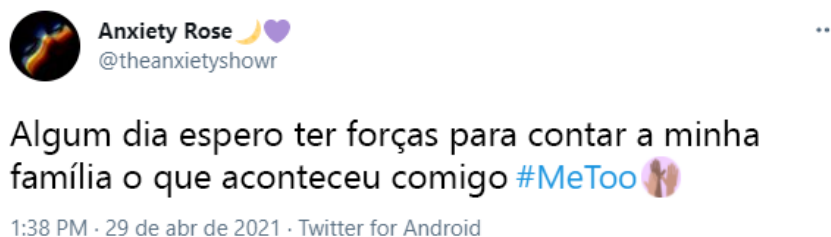
Fonte: A partir do *software* LTweet

A ação em conjunto fez com que muitas mulheres conquistassem um fechamento para suas cicatrizes internas ao se relacionarem com as histórias expostas na internet. As vítimas encontraram forças para combater barreiras sociais e deram início a um debate que busca mudanças efetivas para que nenhuma outra mulher precise viver em medo.

Figura 43 – Tweet sobre encontrar forças para relatar sua história⁸⁹

⁸⁸ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Gracias a todas las que compartieron sus historias porque ahora me siento menos tonta, menos culpable, menos sola en este mundo tan injusto. han hecho por mi lo que nadie se ha atrevido a hacer y es darme el beneficio de sanar y relacionarme #niunamenos #MeToo #metoovenezuela”

⁸⁹ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Algún día espero tener la fuerza para contarle a mi familia lo que me pasó”



Fonte: A partir do *software* LTweet

Na nossa pesquisa também encontramos mulheres que falaram que sofreram assédio, porém, ainda não conseguem contar em detalhes e até mesmo comentarem com outras pessoas o que aconteceu. Também houve casos de mulheres que reportaram, porém, as autoridades não deram credibilidade à sua história.

Figura 44 – Tweet sobre a não credibilidade na vítima⁹⁰



Fonte: A partir do *software* LTweet

O fator da dificuldade em denunciar um agressor se torna um dos motivos das mulheres não contarem suas histórias, por isso, estão recorrendo a outros meios para conseguirem esse suporte e fechar esse ciclo que as acompanham por tantos anos (Carretta et al, 2015). Assim, a internet se torna essa forma de ajuda as mulheres.

4.5. Análise dos *tweets* em outros idiomas

Como previsto na literatura, o Movimento #MeToo alcançou diversos países, pelo que, a diferença linguística não foi uma barreira para o movimento. A nossa pesquisa – que, mesmo se centrando em cinco dias e unindo todos os *tweets* referentes ao movimento #MeToo em 2021 – mostra que o movimento ainda segue alcançando muitos milhares de mulheres. Um dos resultados atingidos foi que, além das línguas portuguesa, inglesa

⁹⁰ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “I wasn't believed, the police told me to change my story and lost my rape kit. #MeToo”

e espanhola, 31 outras línguas aparecem nos *tweets* coletados que utilizaram a #MeToo, conforme mostramos na tabela 1.

Tabela 1 – Amostragem de idiomas

Idiomas	Qntd de Tweets
Japonês	277
Francês	217
Árabe	190
Grego	153
Alemão	118
Persa	71
Sueco	32
Holandês	30
Italiano	29
Russo	28
Dinamarquês	18
Hebraico	12
Urdu	9
Hindu	8
Turco	8
Catalão	6
Malaio	5
Polonês	5
Coreano	3
Nepalês	3
Chinês	2
Finlandês	2
Tâmil	2
Tcheco	2
Basco	1
Bengali	1
Bósnio	1
Indonésio	1
Malaiala	1
Pashto	1
Ucraniano	1

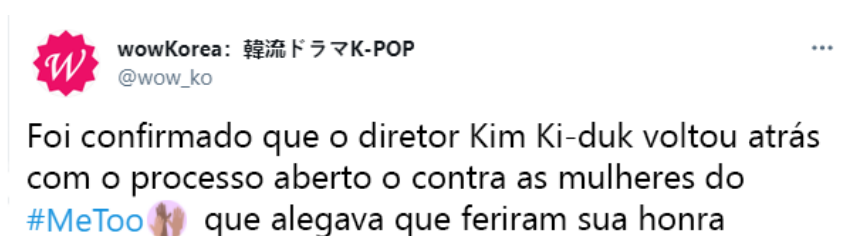
Fonte: A partir do software *LTweet*

É possível visualizar que, além de países ocidentais como Alemanha, Itália, França, Suécia e Holanda, também encontramos *tweets* de países orientais, tais como Japão,

Nepal, China, Irã e Índia. O que fortalece que as mulheres que vivem nesses países, onde ainda o feminismo tem abordagens muito menos ativas do que na maioria dos países ocidentais, não deixam de lutar pela causa e estão encontrando na internet um local para exercerem o seu lugar de fala.

São cinco os idiomas que merecem ser destacados, pois tiveram uma quantidade acima de 100 *tweets* nesses cinco dias. O japonês foi a primeira língua diferenciada que mais usou a #MeToo, chegando ao total de 277 *tweets*. Dentre este, conseguimos encontrar *tweets* jornalísticos que se referiam ao diretor Kim Ki-Duk. Na Coreia do Sul ele foi denunciado por assédio sexual a atrizes, em 2017, o que desencadeou a onda do Movimento #MeToo no país. O diretor inverteu a situação e processou as vítimas por ferirem sua honra.

Figura 45 – *Tweet* sobre o #MeToo e o diretor Kim Ki-Duk⁹¹



Fonte: A partir do *software LTweet*

Outros comentários que encontramos foi de usuários se posicionando referente ao Movimento #MeToo.

Figura 46 – *Tweet* sobre o sexismo⁹²



Fonte: A partir do *software LTweet*

O *tweet* questiona como o caso de violência contra a mulher tem sido tratado na mídia e que as vítimas não devem ser tratadas como entretenimento de outras pessoas.

⁹¹ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “映画監督の故キム・ギドクさん側が女性団体の“#MeToo”の支援活動が自身の名誉を傷つけたと提起した民事訴訟を取り下げたことが一足遅く確認された”。

⁹² Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “笑いごとではない。性暴力を娯楽にするな！！！！ #MeToo #国会 #憲法”

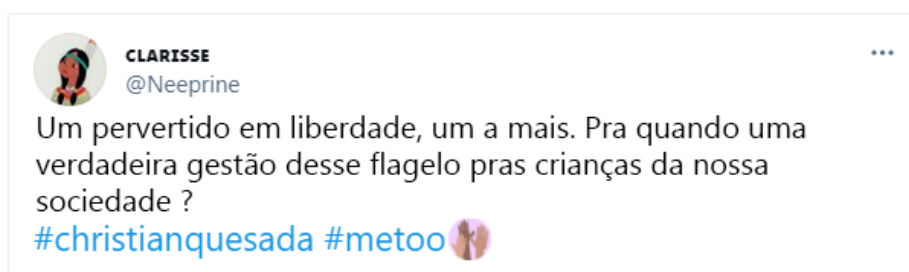
O francês foi o segundo idioma a ter um número expressivo de *tweets*, com um total de 217. Ao traduzir alguns *tweets* foi possível encontrar pessoas que posicionaram contra o assédio sexual.

Figura 47 – *Tweet* em apoio as vítimas de assédio sexual⁹³



Fonte: A partir do *software* *LTweet*

Figura 48 – *Tweet* sobre como os acusados de assédio seguem em liberdade⁹⁴



Fonte: A partir do *software* *LTweet*

Também foi possível encontrar relato de um usuário do Twitter que expõe um caso de assédio.

Figura 49 – *Tweet* relatando sobre um assédio⁹⁵



Fonte: A partir do *software* *LTweet*

⁹³ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Plus j'en lis, plus je suis écoeuré. Soutien total à toutes les victimes ! #LeRefuge #MeToo”

⁹⁴ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Un perverso en liberté, un de plus. À quand une vraie gestion de ce fléau pour les enfants de notre société ? #christianquesada #metoo”

⁹⁵ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “#MeToo Timothée Meneghetti m'a agressé sexuellement en 2017.”

Em terceiro lugar, encontramos a língua árabe, com 190 *tweets*. É interessante destacar que o árabe é falado oficialmente em 26 países, sendo assim, o movimento pode ter chegado em qualquer um deles. Um padrão nos *tweets* em árabe foi encontrado: 184 usuárias(os) postaram exatamente o mesmo texto.

Figura 50 – *Tweet* sobre a união das mulheres em não se calarem⁹⁶



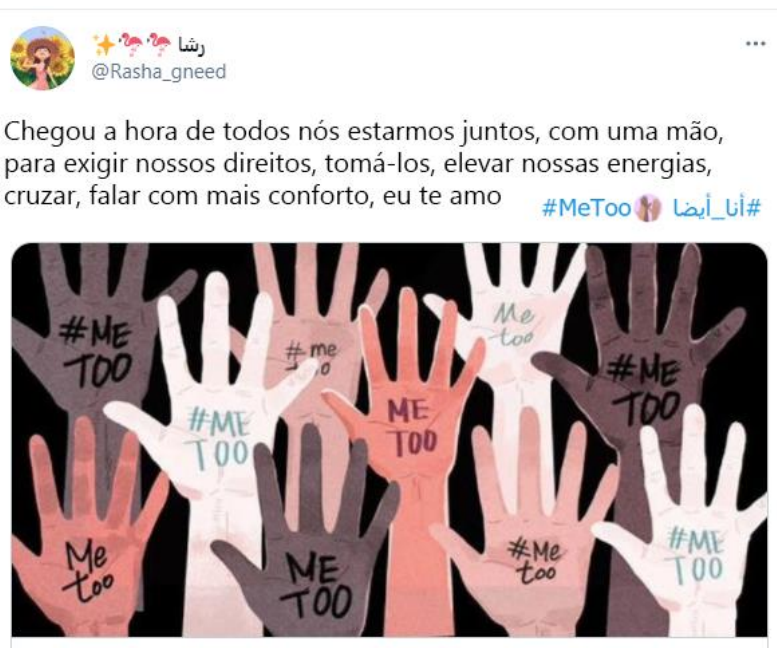
Fonte: A partir do software *LTweet*

O *tweet* mais frequente encontrado em árabe foi de mulheres se posicionando em questão da segurança e solicitando mudanças que sejam significativas para suas gerações e as futuras. Em suma, elas defendem que precisam se apoiar para conseguir tais feitos.

Figura 51 – *Tweet* sobre as mulheres exigirem mudanças⁹⁷

⁹⁶ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “تحتاج النساء إلى التحدث ودعم بعضهن البعض، الأمر #MeToo يتعلق بإحداث تغيير حقيقي في بلدنا لحماية المرأة والأجيال القادمة #. أنا أيضا

⁹⁷ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “جا الوقت الي كلنا نوقف سوا يد وحده نطالب بحقوقنا #MeToo وناخذها ونرفع طاقتنا نعبر نتكلم بأريحيه أكبر احبكم # أنا أيضا

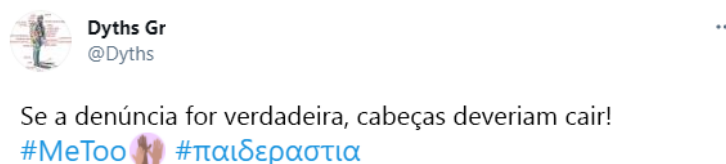


Fonte: A partir do software *LTweet*

Dos seis outros *tweets* que continham uma mensagem diferente, pudemos encontrar ainda mensagens da luta contra a violência sexual. Uma delas explicava que as mulheres precisam dar um basta na situação atual, exigir por seus direitos e entender que sua fala deve trazer conforto ao invés de medo e insegurança.

O grego ganhou o quarto lugar com 153 *tweets*. Alguns deles realizados em inglês, mostraram que ocorreu um Movimento #MeToo na Grécia. Isso decorreu depois que a atleta Sofia Bekatorou denunciou um oficial da Federação Helênica de Vela de abusá-la sexualmente há 23 anos, tal como o diretor do Teatro Nacional da Grécia que foi acusado de assédio por, pelo menos, duas mulheres, fazendo assim que diversas pessoas utilizassem o Twitter para falar do assunto. Essas exposições ocorreram no começo do ano de 2021, porém, o assunto ainda estava a percorrer a rede social.

Figura 52 – *Tweet* sobre justiça⁹⁸

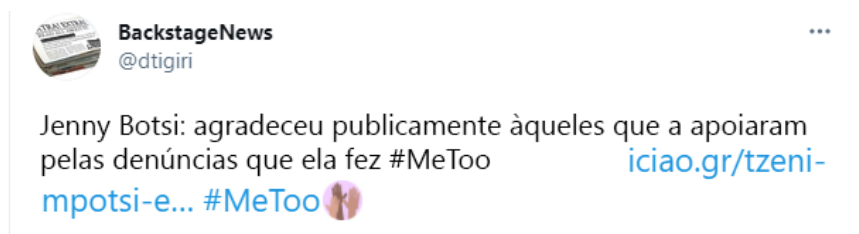


⁹⁸ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Αν η καταγγελία αληθεύει, θα πρέπει να πέσουν κεφάλια! #MeToo #παιδεραστια”

Fonte: A partir do *software LTweet*

Houve usuárias que defenderam a justiça perante as denúncias realizadas, exigindo que os acusados fossem julgados, logo que se confirmem os relatos.

Figura 53 – *Tweet* em agradecimento ao apoio que a vítima recebeu⁹⁹

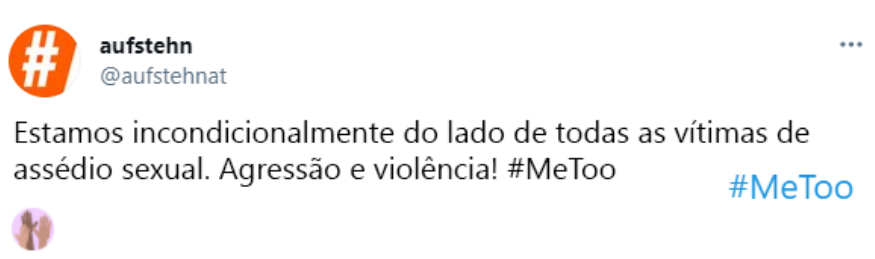


Fonte: A partir do *software LTweet*

Outro *tweet* mostrou que uma mulher que também fez uma denúncia agradeceu às pessoas que apoiaram sua decisão e sua força de conseguir expor o ocorrido.

O último idioma em destaque é o alemão, com 118 *tweets*. O resultado apresentou *tweets* que davam apoio as vítimas de assédio sexual.

Figura 54 – *Tweet* em apoio as vítimas de agressões sexuais¹⁰⁰



Fonte: A partir do *software LTweet*

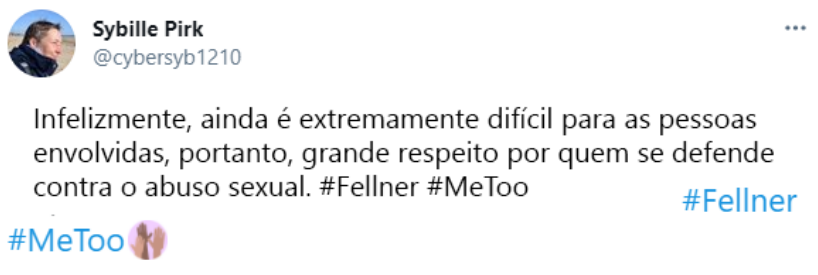
Independentemente do idioma há sempre *tweets* em que as(os) usuárias(os) transmitem mensagens de força às vítimas, parabenizando pela força que essas pessoas encontraram para quebrar o silêncio em que viviam e de enfrentar seus medos.

Figura 55 – *Tweet* sobre a dificuldade de ser vítima de assédio sexual¹⁰¹

⁹⁹ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Τζένη Μπότση: ευχαρίστησε δημόσια όσους την στήριξαν για τις καταγγελίες που έκανε #MeToo”

¹⁰⁰ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Wir stehen bedingungslos hinter allen Opfern von sexueller Belästigung, Übergriffen und Gewalt! #MeToo”

¹⁰¹ Tradução livre nossa feita a partir do texto original: “Leider immer noch extrem schwierig für die Betroffenen, daher großer Respekt vor jeder und jedem, die/der sich gegen sexuelle Belästigung wehrt. #Fellner #MeToo”



Fonte: A partir do *software LTweet*

A importância dessas sobreviventes em falarem acabam gerando mais informação e ajudando outras pessoas a encontrarem uma forma de conseguir lidar com situações que vivenciaram e, ao ouvirem outras pessoas, descobrem que não estão sozinhas. Enfim, a sororidade em prática a nível global.

4.6. Discussões de resultados

Os resultados apresentados na pesquisa nos mostraram que as redes sociais são uma forte ferramenta de comunicação para o movimento feminista. Ao verificarmos o papel da internet em diversos idiomas, podemos destacar que mulheres de diversas localizações encontram na tecnologia um canal de voz para não serem silenciadas.

Foi possível constatar nas análises dos três idiomas principais que as(os) usuárias(os) aplicam termos em comum: a ideia geral de que as mulheres devem se unir para se proteger e ter forças para denunciar os assédios são os *tweets* encontrados com mais frequência. Também verificamos que a palavra “mulher” se encontra no centro da nuvem de palavra dos três idiomas. Segundo informações da UN Women¹⁰², é estimado que, mundialmente, 736 milhões de mulheres já sofreram intimidação e/ou violência sexual, e esses dados não incluem assédio sexual. A partir desse dado, é suposto dizer que a reivindicação pela segurança das mulheres irá envolver a sua palavra principal, e que mesmo os homens também sofrendo de assédio, são as mulheres as principais vítimas de agressões, abusos e assédios sexuais.

A ligação das palavras como “movimento”, “assédio”, “abuso” e “sexual” ao termo “mulher” está diretamente conectada com as informações apresentadas acima, nas quais

¹⁰²Ending Violence Against Women [<https://www.unwomen.org/en/what-we-do/ending-violence-against-women/facts-and-figures> – acesso em 14 jun 2021]

o Movimento #MeToo é uma ação contra toda violação sexual que as mulheres sofrem em seu cotidiano e principalmente contra a normalização desses atos.

Em relação ao método de análise em que o corpus textual foi dividido em classes, foi possível evidenciar que nos três idiomas estudados, com suas especificações, o discurso sobre a necessidade de relatar os casos de assédio sexual foi permanente. De acordo com o site da UN Women¹⁰³, menos de 40% das mulheres que foram vítimas de violência buscam qualquer tipo de ajuda e, quando procuram, se aconselham com familiares e amigos. Das mulheres que chegam a pedir ajuda, menos de 10% apela por ajuda policial. Por isso, a grande quantidade de *tweets* voltados para a força das mulheres que conseguiram quebrar o silêncio e foram capazes de falar abertamente sobre seus assédios.

Em inglês, ainda encontramos a informação de que o mês de abril é conhecido como o mês para a conscientização sobre assédio sexual, e assim as(os) usuárias(os) utilizaram as redes sociais para propagar informação à população digital do Twitter, principalmente, em relação à vestimenta das vítimas. Há um estigma que continua culpabilizar a vítima por conta da roupa usada no momento que a mesma sofreu o abuso, sendo este o entendimento de uma sociedade sexista: a mulher não deve usar determinadas roupas porque provoca reações nos homens agressores, seres aparentemente incontroláveis. O que acontece muitas vezes é que a vítima acaba por ser culpada pela agressão sexual sofrida.

O Movimento #MeToo teve sua primeira onda digital nos Estados Unidos em 2017, porém, nossos resultados mostram que o tema ainda se propaga pelo mundo, desencadeando novas ondas em países diferentes. Ou seja, o movimento não está mais fraco ou menos importante, torna-se, sim, um agregador de vítimas que, em conjunto, comunicam os seus abusos, relatos de sobreviventes e estimulam a mudanças no comportamento das mulheres (saírem do silêncio). Com efeito, essas mulheres já não aceitam mais sofrerem caladas e encontraram nas redes sociais, através do uso de hashtags, um canal de comunicação com a sociedade sem terem suas histórias silenciadas, barradas ou diminuídas.

A partir das mulheres que usaram o Twitter para contar seus relatos, podemos avaliar que, independentemente do idioma, foi a cadeia de exposições que fez com que elas encontrassem na rede social um conforto para conseguirem relatar suas histórias.

¹⁰³ Ending Violence Against Women [<https://www.unwomen.org/en/what-we-do/ending-violence-against-women/facts-and-figures> – acesso em 14 jun 2021]

Encontramos relatos de vítimas que só perceberam que sofreram algum tipo de violação depois que outras mulheres compartilharam seus relatos, e outras que conseguiram encontrar suporte de outras vítimas nas redes sociais e assim buscaram por um desfecho para sua história.

Uma conclusão que encontramos através da análise dos *tweets* dos outros idiomas foi que o assunto Movimento #MeToo ainda está em alta através do mundo. Em nossos resultados foi possível encontrar 34 idiomas que usaram a *hashtag* #MeToo. Captámos o movimento na Grécia, e mulheres na Nigéria também começaram a se posicionar sobre o assunto, principalmente, referente ao mundo cinematográfico do país. A mobilização dos *tweets* em árabe demonstra como as mulheres recorrem às redes sociais para se posicionarem em assuntos que normalmente não seriam ouvidas em outros locais.

As mulheres encontraram na internet um local para exercerem o seu lugar de fala. Com isto, o ciberfeminismo acaba ganhando força através dessas manifestações e debates que antes não eram tão abertos e abrangentes. Porém, no momento que essas mulheres começam a questionar as atitudes da sociedade na internet, elas acabam se tornando vítimas de ataques virtuais. Em nosso estudo nos deparamos com *tweets* que transmitiam mensagens contra o Movimento #MeToo de usuárias(os) que não acreditam nos relatos das mulheres e que consideram suas histórias apenas uma forma de chamar a atenção. Encontrámos também usuários que comentaram que o Movimento #MeToo não defende as mulheres, classificando-o de ato desnecessário. Estes grupos anti-feminismo questionam como os homens se devem comportar perto das mulheres, considerando que qualquer atitude agora pode ser denunciada como assédio, descredibilizando as reais vítimas de histórias traumatizantes.

Através de uma simples *hashtag*, as mulheres conseguiram lutar contra esses discursos ofensivos e criaram a oportunidade de informar outras(os) usuárias(os), contar seus relatos, apoiarem-se umas às outras e enfrentar sociedades que não permitem que elas tenham voz.

5. Conclusões

Há muito tempo que as mulheres precisam lutar por seus direitos na sociedade. As conquistas têm aumentado conforme o passar dos anos e fazem suas vozes ser ouvidas e amplificadas. A terceira onda do feminismo veio para defender a todas as mulheres, independentemente de sua religião, localização, cultura, idioma, cor ou sexualidade. Focado nas dificuldades de ser mulher no cotidiano, principalmente voltado para a violência de gênero, crime que atinge praticamente uma a cada três mulheres no mundo, o movimento feminista encontra na internet um novo espaço para ampliar sua voz. E é nas redes sociais que as mulheres estão a encontrar espaços para exercerem o seu lugar de fala, alcançando um vasto número de pessoas com pouco investimento financeiro e em um curto período de tempo. Essa atuação também é conhecida como ciberfeminismo, ou feminismo em rede.

Este trabalho trilhou pela história do feminismo para entender a situação inicial das mulheres e o progresso que conquistaram ao passar dos anos. Percorreu a introdução do movimento feminista nas redes sociais, o que ajudou a compreender a vastidão de mulheres que foram incluídas na luta de gênero e transformaram as redes sociais em uma ferramenta de comunicação estratégica – e tática – que as ajuda 1) a lutar contra estigmas e 2) a amplificar as suas vozes. Também foi possível identificar a força do movimento feminista além do Ocidente, propagando as queixas e desejos de mulheres no Oriente Médio e na Ásia.

O uso de *hashtags* nas redes sociais para expandir a comunicação da mulher com a sociedade fortaleceu muitas vítimas de assédios sexuais para abordarem temas delicados, muitas vezes ignorados pela sociedade, conseguindo assim seguir em frente e conquistarem sua justiça. Atualmente, as redes sociais se tornam em uma ferramenta de poder para comunicar. Ao unificar as vozes das vítimas, a internet faz com que outras mulheres tenham percebido que não estão sozinhas, fortalecendo a ideia de que, mesmo que nem todas as mulheres sejam feministas, todas precisam do feminismo para conseguir mudanças reais na sociedade.

Com o intuito de responder se o ciberfeminismo, alimentado por *hashtags* em redes sociais, se tornou em um veículo de comunicação seguro e eficaz para a denúncia os casos de assédio, nossos resultados confirmaram que as mídias sociais digitais se tornaram um canal de comunicação estável para que as mulheres possam abordar assuntos sobre

agressões sexuais. Com o intuito de utilizar a internet como ferramenta de ativismo, o feminismo online conseguiu alcançar diversos países e obter um engajamento no uso de hashtags depois de alguns anos do início do uso da mesma que provocaram debates sobre violência sexual através do globo.

Foi possível notar, independentemente do idioma analisado, que o termo mulher tem uma grande importância dentro do Movimento #MeToo. Protagonistas no grande alcance do movimento, as mulheres seguem criando espaços para suas vozes serem ouvidas.

Além de constatarmos que mesmo depois de alguns anos desde o início da utilização da *hashtag* #MeToo nas redes sociais, o movimento continua alcançando novos países, possibilitando a permanência do engajamento de mulheres nas novas ondas que o movimento acaba gerando, tornando assim, as mídias sociais um espaço em que elas se sentem seguras para compartilhar suas histórias, onde encontram solidariedade e sororidade, principalmente entre as vítimas de agressões sexuais.

Este estudo enfrentou algumas barreiras que dificultaram o processo para a finalização do mesmo, como por exemplo o desconhecimento de como utilizar o *software Iramuteq*. Sem a ajuda de amigos e especialistas não acreditamos que teria sido possível chegar aos resultados encontrados. Foi um grande aprendizado a utilização do *software*, pois nos permitiu chegar em resultados que agregaram nosso trabalho.

Outro obstáculo que encontramos foi a quantidade de idiomas coletados e a nossa limitada habilidade em compreensão de diversas línguas. Mesmo recorrendo a pessoas que têm o domínio de determinados idiomas, ainda ficaram muitos dados a serem analisados minuciosamente que poderiam trazer resultados importantes para o estudo.

No que se refere a futuras investigações, deixamos a sugestão do estudo para compreender como as mulheres nos diversos territórios do planeta têm utilizado suas forças para conquistarem espaço, triunfos – grandes ou pequenos – que influenciaram as suas vidas e que, potencialmente, moldarão culturas para as futuras gerações.

6. Referências

Aguilar Forero, N. J. (2019). Ciberactivismo y educación para la ciudadanía mundial: una investigación participativa con dos experiencias educativas de Bogotá. *Palabra Clave*, 22(2), 1–31. DOI: [10.5294/pacla.2019.22.2.10](https://doi.org/10.5294/pacla.2019.22.2.10)

Alaggia, R., & Wang, S. (2020). I never told anyone until the #metoo movement: What can we learn from sexual abuse and sexual assault disclosures made through social media? *Child Abuse & Neglect*, 103, 2–10. DOI: [10.1016/j.chiabu.2019.104312](https://doi.org/10.1016/j.chiabu.2019.104312)

Ampofo, A. A., Asa Adjei, E., & Kyerewaa Brobbey, M. (2015). Feminisms and Acculturation around the Globe. *International Encyclopedia of the Social & Behavioral Sciences*, 905–911. DOI: [10.1016/b978-0-08-097086-8.64021-7](https://doi.org/10.1016/b978-0-08-097086-8.64021-7)

Arif, R. (2016). Internet as a Hope or a Hoax for Emerging Democracies: Revisiting the Concept of Citizenship in the Digital Age. *Procedia - Social and Behavioral Sciences*, 236, 4–8. DOI: [10.1016/j.sbspro.2016.12.002](https://doi.org/10.1016/j.sbspro.2016.12.002)

Baer, H. (2016). Redoing feminism: digital activism, body politics, and neoliberalism. *Feminist Media Studies*, 16(1), 17–34. DOI: [10.1080/14680777.2015.1093070](https://doi.org/10.1080/14680777.2015.1093070)

Bairros, L. (1995). Nossos Feminismos Revisitados. *Revista Estudos Feministas*, 3(2), 458–463

Baldry, A. C., Pacilli, M. G., & Pagliaro, S. (2014). She's Not a Person . . . She's Just a Woman! Infra-Humanization and Intimate Partner Violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 30(9), 1567–1582. DOI: [10.1177/0886260514540801](https://doi.org/10.1177/0886260514540801)

Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barriga, A. (2017). Sobre a ausência de pluralismo nos média: como observar a invisibilidade do debate político nos novos média? Em A. Moreira, E. Araujo, & H. Sousa, *Comunicação e Políticas* (pp. 21-43). Braga: CECS.

Bawa, S. (2018). “Feminists make too much noise!”: generational differences and ambivalence in feminist development politics in Ghana. *Canadian Journal of African*

Studies / Revue Canadienne Des Études Africaines, 52(1), 1–17. DOI: [10.1080/00083968.2018.1462720](https://doi.org/10.1080/00083968.2018.1462720)

Bourdieu, P. (2012). *A Dominação Masculina* (11th ed.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

Boyd, D. (2010). Social Network Sites as Networked Publics: Affordances, Dynamics, and Implications. In Z. Papacharissi (ed.), *Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*, pp. 39–58.

Braileanu, M., Edney, E., Azar, S., Lazarow, F., Mogensen, M. A., Tuburan, S., Kadom, N., Phalke, V. (2020). Radiology, Sexual Harassment, and the #MeToo Movement. *Academic Radiology*, 1–8. DOI: [10.1016/j.acra.2020.04.036](https://doi.org/10.1016/j.acra.2020.04.036)

Brandt, J., & Kizer, S. (2015). From Street to Tweet. *Feminist Theory and Pop Culture*, 115–127. DOI: [10.1007/978-94-6300-061-1_9](https://doi.org/10.1007/978-94-6300-061-1_9)

Brunner, E., & Partlow-Lefevre, S. (2020). #MeToo as networked collective: examining consciousness-raising on wild public networks. *Communication and Critical/Cultural Studies*, 17(2), 166–182. DOI: [10.1080/14791420.2020.1750043](https://doi.org/10.1080/14791420.2020.1750043)

Burgess, M. C., Byars, F., Sadeghi-Azar, L., & Dill-Shackleford, K. E. (2017). Online Misogyny Targeting Feminist Activism: Anita Sarkeesian and Gamergate. Em P. Sturmey. *The Wiley Handbook of Violence and Aggression*, 1–13. West Sussex: John Wiley & Sons. DOI: [10.1002/9781119057574.whbva006](https://doi.org/10.1002/9781119057574.whbva006)

Butler, J. (2017). *Problemas De Género* (1st ed.). Lisboa, Portugal: Orfeu Negro.

Caetano, A., Castro, M., & Rezende, M. (2019). Entre o ativismo on e off-line: o Busão da Comunidade conquista o espaço urbano. *Cadernos Metrópole*, 21(46), 741–761. DOI: [10.1590/2236-9996.2019-4603](https://doi.org/10.1590/2236-9996.2019-4603)

Carretta, C. M., Burgess, A. W., & DeMarco, R. (2015). To tell or not to tell. *Violence Against Women*, 21, 1145–1165.

Castells, M. (2002). *Sociedade em rede*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Cefai, S. (2020). Contemporary Feminist Media Cultures. Em K. Ross (ed.). *The international Encyclopedia of Gender, Media, and Communication*, 1-10. London: John Wiley & Sons. DOI: 10.1002/9781119429128

Cervi, E. U. (2009). Métodos quantitativos nas ciências sociais: uma abordagem alternativa ao fetichismo dos números e ao debate com qualitativistas. Em J. Bowles (ed.) *Pesquisa Social* (pp. 125-143). Paraná: TODA PALAVRA Editora.

Chetty, N., & Alathur, S. (2018). Hate speech review in the context of online social networks. Em V. B. Van Hasselt (ed.) *Aggression and Violent Behavior*, 40, 108–118. DOI: 10.1016/j.avb.2018.05.003

Clark, R. (2016). “Hope in a hashtag”: the discursive activism of #WhyIStayed. Em C. Carter & I. Molina-Guzmán (eds.). *Feminist Media Studies*, 16(5), 788-804. DOI: 10.1080/14680777.2016.1138235

Cockayne, D. & Richardson, L. (2020). Digital Feminism. Em R. Kitchin & N. Thirft (eds.) *International Encyclopedia of Human Geography*, 329-333. DOI: [10.1016/b978-0-08-102295-5.10536-0](https://doi.org/10.1016/b978-0-08-102295-5.10536-0)

Cochrane, K. (10 de Dezembro de 2013). *The Fourth Wave Feminism Rebel Women*. The Guardian: <https://www.theguardian.com/world/2013/dec/10/fourth-wave-feminism-rebel-women>. Acedido em 01 de abr de 2021

Council of Europe. (2017). Combating Sexist Hate Speech. <https://rm.coe.int/1680651592>. Acedido em 07 de mai de 2021

Daniels, J. (2009). Rethinking Cyberfeminism(s): Race, Gender, and Embodiment. *WSQ: Women's Studies Quarterly*, 37(1-2), 101-124. DOI: 10.1353/wsqr.0.0158

Daymon, C., Holloway, I. (2010). *Qualitative Research Methods in Public Relations and Marketing Communications*. Londres: Taylor & Francis.

Dixon, K. (2014). Feminist online identity: Analyzing the presence of hashtag feminism. *Journal of Arts and Humanities*, 3(7), 34-40.

Fairchild, K., & Rudman, L. A. (2008). Everyday Stranger Harassment and Women's Objectification. *Social Justice Research*, 21(3), 338–357. DOI: 10.1007/s11211-008-0073-0

Faramarzi, M., Esmailzadeh, S., & Mosavi, S. (2005). A comparison of abused and non-abused women's definitions of domestic violence and attitudes to acceptance of male dominance. *European Journal of Obstetrics & Gynecology and Reproductive Biology*, 122(2), 225–231. DOI: [10.1016/j.ejogrb.2004.11.047](https://doi.org/10.1016/j.ejogrb.2004.11.047)

Farias Monteiro, K., & Grubba, L. S. (2017). A luta das mulheres pelo espaço público na primeira onda do feminismo: de sufragettes às sufragistas. *Direito e Desenvolvimento*, 8(2), 261. DOI: 10.25246/direitoedesenvolvimento.v8i2.563

Feixa, C., Fernández-Planells, A., & Figueras-Maz, M. (2016). Generación Hashtag. Los movimientos juveniles en la era de la web social. *Revista Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, 14(1), 107-120.

Ferreira, C. B. D. C. (2015). Feminisms on the web: lines and forms of action in contemporary feminist debate*. *Cadernos Pagu*, 44, 199–228. DOI: 10.1590/1809-4449201500440199

Fite, R. O., Hanfore, L. K., Lake, E. A., & Obsa, M. S. (2020). Prevalence of female genital mutilation among women in Ethiopia: A systematic review and meta-analysis. *Heliyon*, 6(7), 1-8. DOI: 10.1016/j.heliyon.2020.e04403

Foster, M. D. (2019). “Use it or lose it”: How online activism moderates the protective properties of gender identify for well-being. *Computers in Human Behavior*, 96, 163-173. DOI: 10.1016/j.chb.2018.11.044

Fox, J., Cruz, C., & Lee, J. Y. (2015). Perpetuating online sexism offline: Anonymity, interactivity, and the effects of sexist hashtags on social media. *Computers in Human Behavior*, 52, 436–442. DOI: 10.1016/j.chb.2015.06.024

França, V. R. V. (2001). Convivência urbana, lugar de fala e construção do sujeito. *Intexto*, (7), 47-57.

Freire, P. (1970/2000). *Pedagogy of the oppressed* (30th anniversary ed.). New York: Continuum.

Gajjala, R. (2003). South Asian digital diasporas and cyberfeminist webs: negotiating globalization, nation, gender and information technology design. *Contemporary South Asia*, 12(1), 41–56. DOI: 010.1080/0958493032000123362

Greijdanus, H., de Matos Fernandes, C. A., Turner-Zwinkels, F., Honari, A., Roos, C. A., Rosenbusch, H., & Postmes, T. (2020). The psychology of online activism and social movements: Relations between online e offline collective action. *Current opinion in psychology*, 35, 49-54. DOI [10.1016/j.copsyc.2020.03.003](https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2020.03.003)

Guanaes-Lorenzi, C. (2017). Comunicação dialógica: ecos e movimento. *Nova Perspectiva Sistêmica*, 26(58), 117-120. Recuperado em 28 de abril de 2021, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-78412017000200010&lng=pt&tlng=pt.

Habermas, J. (1989). *The structural transformation of the public sphere*. Cambridge, MA: MIT Press.

Harris, A. (2008). Young women, late modern politics, and the participatory possibilities of online cultures, *Journal of Youth Studies*, 11:5, 481-495, DOI: 10.1080/1367626080228250

Heger, K., & Hoffmann, C. P. (2019). Feminism! What Is It Good For? The Role of Feminism and Political Self-Efficacy in Women's Online Political Participation. *Social Science Computer Review*, 089443931986590. DOI: 10.1177/0894439319865909

Higgins, S. S., & Ribeiro, A. C. A. (2018). *Análise de redes em ciências sociais*. Brasília: Enap.

Hu, Y., Mu, Y., & Huang, Y. (2020). The #MeToo narrative: Reconstructing the cultural intelligibility of female subjects. *Women's Studies International Forum*, 80, 1–8. DOI: 10.1016/j.wsif.2020.102365

Jane, E. A. (2016). Online misogyny and feminist digilantism. *Continuum*, 30 (3), 284-297. DOI: 10.1080/10304312.2016.1166560

Jeenah, N. ' (2006). The national liberation struggle and Islamic feminisms in South Africa. *Women's Studies International Forum*, 29(1), 27–41. DOI: 10.1016/j.wsif.2005.10.004

Johansson, M., Johansson, K., & Andersson, E. (2018). #Metoo in the Swedish forest sector: testimonies from harassed women on sexualised forms of male control. *Scandinavian Journal of Forest Research*, 33(5), 419–425. DOI: 10.1080/02827581.2018.1474248

Karimi, S. (2019). The State of Female Activities in Iran and the Internet. *World Journal of Social Science Research*, 6(2), 217-249. DOI: 10.22158/wjssr.v6n2p217

Keller, J., Mendes, K., & Ringrose, J. (2016). Speaking “unspeakable things”: documenting digital feminist responses to rape culture. *Journal of Gender Studies*, 27(1), 22–36. DOI: 10.1080/09589236.2016.1211511

Kent, M. L. (2013). Using social media dialogically: Public relations role in reviving democracy. *Public Relations Review*, 39(4), 337–345. DOI: 10.1016/j.pubrev.2013.07.024

Kent, M. L., & Taylor, M. (2002). Toward a dialogic theory of public relations. *Public Relations Review*, 28(1), 21–37. DOI: [10.1016/S0363-8111\(02\)00108-X](https://doi.org/10.1016/S0363-8111(02)00108-X)

Kim, J. (2017). #iamafeminist as the “mother tag”: feminist identification and activism against misogyny on Twitter in South Korea. *Feminist Media Studies*, 17(5), 804–820. DOI: 10.1080/14680777.2017.1283343

Khoja-Moolji, S. (2015). Becoming an “Intimate Publics”: Exploring the Affective Intensities of Hashtag Feminism. *Feminist Media Studies*, 15(2), 347–350. DOI: 10.1080/14680777.2015.1008747

KhosraviNik, M., & Esposito, E. (2018). Online hate, digital discourse and critique: Exploring digitally-mediated discursive practices of gender-based hostility. *Lodz Papers in Pragmatics*, 14(1), 45–68. DOI: 10.1515/lpp-2018-0003

Kvale, S., Martín, T. A., & Castellano, C. B. (2011) *Las entrevistas en Investigación Cualitativa*. Madrid: Morata.

Lang, H. (2019). #MeToo: A Case Study in Re-Embodying Information. *Computers and Composition*, 53, 9–20. DOI: 10.1016/j.compcom.2019.05.001

Lane, A., & Kent, M. L. (2018). Dialogic Engagement. *The Handbook of Communication Engagement*, 61–72. DOI: 10.1002/9781119167600.ch5

Lau, M. (2007). Twenty-Five Years of Hood Ordinances-A Review. *Washington and Lee Law Review*, 64, 1291-1314.

Lévy, P. (1999). *Cibercultura* (1st ed.). São Paulo: Editora 34.

Li, M., Turki, N., Izaguirre, C. R., DeMahy, C., Thibodeaux, B. L., & Gage, T. (2020). Twitter as a tool for social movement: An analysis of feminist activism on social media communities. *Journal of Community Psychology*. 49(3) 854-868. DOI: 10.1002/jcop.22324

Loiseau, E., & Nowacka, K. (2015). Can social media effectively include women's voices in decision-making processes. *OECD Development Centre*, 12(09), 1-5.

Mccaughey, M., & Ayers, M. D. (2003). *Cyberactivism: Online Activism in Theory and Practice*. Nova York e Londres: Routledge.

McAdam, M., Crowley, C., & Harrison, R. T. (2020). Digital girl: cyberfeminism and the emancipatory potential of digital entrepreneurship in emerging economies. *Small Business Economics*, 55(2), 349-362. DOI: [10.1007/s11187-019-00301-2](https://doi.org/10.1007/s11187-019-00301-2)

Mendes, K., Ringrose, J., & Keller, J. (2018). #MeToo and the promise and pitfalls of challenging rape culture through digital feminist activism. *European Journal of Women's Studies*, 25(2), 236–246. DOI: 10.1177/1350506818765318

Moraes, R. (1999). *Análise de conteúdo*. Porto Alegre: Revista Educação.

Mossie, Z., & Wang, J.-H. (2019). Vulnerable community identification using hate speech detection on social media. *Information Processing & Management*, 57(3), 1-16. DOI: 10.1016/j.ipm.2019.102087

Munro, E. (2013). Feminism: A Fourth Wave? *Political Insight*, 4(2), 22–25. DOI: 10.1111/2041-9066.12021

Murphy, M. (2019). Introduction to “#MeToo Movement”. *Journal of Feminist Family Therapy*, 31:2-3, 63-65, DOI: 10.1080/08952833.2019.1637088

National Academies of Sciences, Engineering, and Medicine. (2018). *Sexual Harassment of Women: Climate, Culture, and Consequences in Academic Sciences, Engineering, and Medicine*. Washington: The National Academies Press. DOI: 10.17226/24994.

Nourai-Simone, F. (2014). *On Shifting Ground: Muslim Women in the Global Era* (Revised ed.). Nova York: The Feminist Press.

Obiora, O. L., Maree, J. E., & Nkosi-Mafutha, N. (2020). Female genital mutilation in Africa: Scoping the landscape of evidence. *International Journal of Africa Nursing Sciences*, 12, 1-12. DOI: 10.1016/j.ijans.2019.100189

Oliveira, D. A. de, Ferrari, A., & Machado, N. N. (2019). “Ninguém solta a mão de ninguém”: conectados/as em rede, resistimos. *Praxis Educativa*, 14(2), 659–677. DOI: 10.5212/praxeduc.v.14n2.014

Page, R. (2012). The linguistics of self-branding and micro-celebrity in Twitter: The role of hashtags. *Discourse & Communication*, 6(2), 181-201. DOI: 10.1177/1750481312437441

Paulino, S. C., & Paulino, S. C. (2019). #ELENÃO: REFLEXÕES SOBRE CIBERATIVISMO FEMINISTA NO BRASIL NAS ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS DE 2018. *Revista Acadêmica Magistro*, 1(19), 1–17.

Paz, A. A. (2017, Novembro). *Comunicação em rede a partir dos conceitos: participação significativa, autonomia ampliada e autocomunicação de massas*. Artigo apresentado no 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade, Santa Maria.

Penney, J., & Dadas, C. (2013). (Re)Tweeting in the service of protest: Digital composition and circulation in the Occupy Wall Street movement. *New Media & Society*, 16(1), 74–90. DOI: 10.1177/1461444813479593

Plant, S. (1997). *Zeros and Ones: Digital Women and the New Technoculture*. Londres: Doubleday.

Pereira, A. O. (2018). O que é lugar de fala? *Leitura: Teoria & Prática*, 36(72), 153–156. DOI: 10.34112/2317-0972a2018v36n72p153-156

Petronilio, P. (2017). "Lugar de Fala": o grau da performance e outras heterotopias. *Revista Guará-Revista de Linguagem e Literatura*, 6(1), 39-59. DOI: 10.18224/gua.v6i1.5674

Pinto, C. R. J. (2010, June). FEMINISMO, HISTÓRIA E PODER. *Revista de Sociologia e Política*, 18(36), 15–23. DOI: 10.1590/S0104-44782010000200003

Ramos, M. P. (2013). Métodos Quantitativos e Pesquisa em Ciências Sociais: Lógica e Utilidade do Uso da Quantificação nas Explicações dos Fenômenos Sociais. *Mediações - Revista de Ciências Sociais*, 18(1), 55. DOI: 10.5433/2176-6665.2013v18n1p55

Recuero, R. D. C., Zago, G. D. S., & Soares, F. B. (2017). Mídia social e filtros-bolha nas conversações políticas no Twitter. Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Encontro Anual (COMPÓS). (26.: 2017 jun. 06-09: São Paulo, SP).[Anais]. São Paulo: Faculdade Cásper Líbero, 2017.

Regulska, J. (2018). The #MeToo Movement as a Global Learning Moment. *International Higher Education*, 94, 5-6. DOI: 10.6017/ihe.2018.0.10554

Ribeiro, D. (2017). *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Editora Letramento.

Ribeiro, D. (2018). *Quem Tem Medo do Feminismo Negro?* São Paulo: Companhia das Letras.

Roper, J. (2002). Government, corporate or social power? The internet as a tool in the struggle for dominance in public policy. *Journal of Public Affairs*, 2(3), 113–124. DOI: 10.1002/pa.102

- Salviati, M. E. (março de 2017). Manual do Aplicativo Iramuteq. Planaltina.
- Sinha, S. (1993). Sexual Harassment and the Common Law. *Alternative Law Journal*, 58.
- Skalli, L. H. (2013). Young women and social media against sexual harassment in North Africa. *The Journal of North African Studies*, 19(2), 244–258. DOI: 10.1080/13629387.2013.858034
- Sobieraj, S. (2017). Bitch, slut, skank, cunt: patterned resistance to women’s visibility in digital publics. *Information, Communication & Society*, 21(11), 1700–1714. DOI: 10.1080/1369118x.2017.1348535
- Theunissen, P., & Wan Noordin, W. N. (2012). Revisiting the concept “dialogue” in public relations. *Public Relations Review*, 38(1), 5–13. DOI: 10.1016/j.pubrev.2011.09.006
- United Nations. (2020). The Impact of Covid-19 on Women. Retrieved from <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2020/04/policy-brief-the-impact-of-covid-19-on-women>. Acedido em 25 de out de 2020.
- United Nations Sustainable Development Group. (2020). Shared Responsibility Global Solidarity: Responding to the social-economic impacts of Covid-19. Retrieved from <https://unsdg.un.org/resources/shared-responsibility-global-solidarity-responding-socio-economic-impacts-covid-19>. Acedido em 26 de out de 2020.
- United Nations Office on Drugs and Crime. (2019). Global Study on Homicide: Gender-related killing of women and girls. Retrieved from https://www.unodc.org/documents/data-and-analysis/GSH2018/GSH18_Gender-related_killing_of_women_and_girls.pdf. Acedido em 26 de out de 2020.
- Vargas, J., & Saraiva, K. (2019). Feminismos e redes sociais: (in)ações e (im)possibilidades de jovens de periferia urbana. *Praxis Educativa*, 14(3), 1188–1209. DOI: 10.5212/praxeduc.v.14n3.021
- Vicente, L. (2019). *Feminismo de A a Ser* (1st ed.). Lisboa: Objectiva.

Xiong, Y., Cho, M., & Boatwright, B. (2018). Hashtag activism and message frames among social movement organizations: Semantic network analysis and thematic analysis of Twitter during the #MeToo movement. *Public Relations Review*, 45(1), 10-23. DOI: 10.1016/j.pubrev.2018.10.014

Wilkins, K. G. (2000). Accounting for power in development communication. Em K. G. Wilkins (ed). *Redeveloping communication for social change: Theory, practice, and power*, 8, 197–210. Lanham: Rowman & Littlefield Publishers.

World Health Organization. (2019). Violence against women. Retrieved from <https://www.who.int/reproductivehealth/publications/vaw-evidence-brief/en/>.
Acedido em 23 de out de 2020.

World Health Organization. (2020, Abril 17). UN Women. Retrieved from <https://www.unwomen.org/en/digital-library/publications/2020/04/issue-brief-violence-against-women-and-girls-data-collection-during-covid-19>. Acedido em 23 de out de 2020.

Zia, A. (2009). The reinvention of feminism in Pakistan. *Feminist Review*, (91), 29-46. DOI: 10.1057/fr.2008.48

Zhou, Q., & Qiu, H. (2020). Predicting online feminist engagement after MeToo: a study combining resource mobilization and integrative social identity paradigms. *Chinese Journal of Communication*, 1–19. DOI: 10.1080/17544750.2020.1725077

Zubair, S., & Zubair, M. (2017). Situating Islamic feminism(s): Lived religion, negotiation of identity and assertion of third space by Muslim women in Pakistan. *Women's Studies International Forum*, 63, 17–26. DOI: 10.1016/j.wsif.2017.06.002